

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Dr. Penna Ribas

# Família

Afinidade ou Resgate?

1ª Edição  
SEPE

Copyright © Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas.  
Rua Visconde de Itaboraí, 265 — Centro  
Cep: 24030-091  
Niterói — Rio de Janeiro, RJ  
Telefone (0xx-21) 2620-8574  
Capa: Eduardo Garretano Moraes do Vale  
Revisão: SEPE  
Diagramação: Zilda Braga

---

Ribas, Randolpho Penna, 1907— 1994.  
Família, Afinidade ou Resgate?/Penna Ribas; 1a ed.-  
Niterói-RJ:Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas,  
2003.  
200 p.; 21 cm.  
ISBN 85-86004-08-1

---

Proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por  
qualquer meio e sistema, sem o prévio consentimento da  
SEPE.

## Caminho da Evolução

*Rogo, em nome de Deus, ao meu Mentor, dono de meu destino na presente encarnação, o amparo para que eu possa ler, compreender, sentir e praticar todas as verdades contidas neste opúsculo, a fim de que, protegido e estimulado pelas verdades nele contidas, eu possa fortalecer minhas convicções doutrinárias e retificar os meus erros, de acordo com meu desejo, para merecer cada vez mais o socorro dos meus Amigos do Mundo Espiritual e, dessa forma, obter o equilíbrio de minha mediunidade, saúde para meu corpo e paz para meu Espírito.*

*Rogo, outrossim, em favor dos Mentores dos Espíritos que se encontram neste ambiente a fim de que, também eles sejam amparados pela Misericórdia do Pai.*

*Mas em tudo seja feita a vontade de Deus, conforme ensinou Jesus de Nazaré, o Supremo Mestre da humanidade!*

## Sumário

Prefácio .....	9
Apresentação .....	11
Alocução às Mães .....	13
O Dia do Papai .....	19
Alocução à Mulher Espírita .....	25
Casamento à luz da Filosofia Espírita .....	33
Porque há Casamentos Felizes e Casamentos Infelizes ..	41
Comentários em torno do Casamento .....	47
Sobre o Anticoncepcionismo Biológico .....	53
Sem Pílulas .....	59
Ainda sem Pílulas .....	63
Novamente sem Pílulas I .....	67
Novamente sem Pílulas II .....	71
Outra vez sem Pílulas .....	77
Mais uma vez, sem Pílulas .....	81
Finalmente com Pílulas .....	85
Da Relação entre o Perispírito do Feto e da Gestante...	89
Ligação do Perispírito do Recém-nascido à Parturiente ..	95
Em Defesa do Perispírito das Crianças .....	101
Sobre a Educação dos Filhos .....	107

Sobre a Educação dos Filhos dos Espíritas .....	113
Do Ensino do Espiritismo aos Filhos .....	119
Em prol das Crianças Problemas .....	125
A Propósito de Cosme e Damião .....	131
A Respeito dos Folguedos Joaninos .....	137
Sobre a Comemoração do Natal .....	141
Diálogo com a Juventude .....	149
Dos Prejuízos Morais do Carnaval .....	153
Preconceitos de Família .....	161
Drama de Família .....	167
Da Interferência do Perispírito na Patologia Humana...	173
O Mundo numa Encruzilhada .....	179
É Hora de Rezar .....	183
A Bonança não Tardará! .....	187
A Face Oculta do Voto .....	191
Paz e Amor .....	195

## Prefácio

Na maior parte deste livro, o Dr. Penna Ribas focaliza — sob a ótica espiritual — tópicos ligados à família, esclarecendo, de forma racional, razões de sofrimentos por ela vivenciados no dia a dia e ensinando como evitá-los.

Desde que o reino hominal se instaurou em nosso planeta, a família constituiu-se como elemento vital para a sua preservação e continuidade. A complexa inter-relação entre os membros da família, extensiva à humanidade como um todo, transcende aos contornos delineados por múltiplas disciplinas do conhecimento humano que dela tratam, sendo as causas primárias do equilíbrio ou do desequilíbrio da família, pautadas em leis divinas.

O conhecimento de como se processam estas leis, no que diz respeito às famílias é o primeiro passo para a autoconsciência de nossas responsabilidades e daí à prática de ações, que nos permitam o alinhamento com elas e, por indução, um futuro mais feliz.

Por experiência própria e apoiados na experiência de muitos amigos, que como nós sofreram por ignorar os ensinamentos fornecidos neste livro, é que recomendamos a sua leitura, de certeza que os benefícios que temos colhido pela prática destes ensinamentos serão extensíveis a todos os leitores que os praticarem.

Lafayette Ulhoa Tenorio e  
Fernanda Perez da Cruz Ulhoa Tenorio

## Apresentação

Desde 1935, o Dr. Penna Ribas, defendeu corajosamente a Doutrina Espírita através de artigos publicados em jornais e revistas de grande circulação, palestras no rádio e apresentações na TV, sempre exaltando a importância da evolução espiritual como o caminho para a felicidade.

Muitos destes artigos e palestras foram a partir de 1985, compilados, revisados, transformados em livros e editados pela Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas – SEPE, destacando-se: *Caminho da Iluminação*, *Verdades Imperecíveis*, *A Luz vem do Alto*, e *A Justiça de Deus no Destino Humano*.

O contato direto com o público leitor, na venda de milhares destes livros do Dr. Penna Ribas, nos provou que a maioria dos sofrimentos das pessoas, independente de suas posições sócio-econômicas, estão relacionados diretamente a problemas familiares.

Com base neste fato, e atendendo a muitos pedidos, a SEPE reuniu nesta obra tópicos relacionados à família, visando proporcionar aos leitores, uma maior compreensão de suas responsabilidades espirituais para ajudá-los na solução dos seus problemas familiares.

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

1

## Alocução às Mães

Nesse momento soleníssimo em que, tangidas por insopitáveis emoções, vibram entusiasticamente, em glorioso epinício, todas as fibras de nosso coração — “mágico microcosmo encerrado na breve arca do peito humano”, como magnificamente o definiu o portentoso talento de Rui Barbosa — nesse dia grandiosíssimo, repito, de justíssima exaltação à sublimidade da missão de mãe, permiti, que, inicialmente, eu me transporte, nas asas vaporosas do pensamento, até uma pequenina cidade do interior, graciosamente aninhada às margens de famoso rio, Paraíba do Sul, minha terra natal, e, de joelhos, deposite na mão carinhosa, que sempre me afagou, o ósculo simbólico da imarcescível gratidão, que guardo, no íntimo de minh’alma, como jóia valiosa em escrínio indevassável, pela venerável anciã, que, há mais de meio século, regula o ritmo de sua felicidade pelas manifestações de alegria de seus filhos — minha mãe!

E ao render esse público preito de gratidão diz-me a consciência que não exagero merecimentos, mas pratico, apenas, justiça elementar, pois, de quantas mães tenho conhecido, pouquíssimas se equipararão à minha, tantas são as virtudes que reúne em seu caráter sem jaça; — servido por um coração profundamente generoso.

Nascida na abundância e criada, senão com faustosa ostentação, ao menos com todas as facilidades de opulenta riqueza, vejo-a, no entanto, neste instante, por um esforço de visão retrospectiva, nas primícias de minha vida, reclusa na solidão de vetusta fazenda, afastada do conforto da civilização, vivendo modestamente e em incessantes labutas, estimulando, com sua colaboração, o árduo trabalho de meu pai, que, vítima de maus negócios, perdera tudo que amealhara até àquela época, após vários anos de ingentes labores no comércio.

Trabalhando mais do que qualquer serviçal, essa mulher de rija têmpera, que, nascida rica, crescera cercada de fâmulos solícitos preocupados de adivinhar-lhes os mínimos desejos, ao mesmo passo que deu inestimável amparo moral ao marido, legou aos filhos belíssimo exemplo de quanto valem as reservas espirituais duma esposa dedicada e duma mãe amantíssima.

Extremamente sentimental, essencialmente emotiva, dedicadíssima aos filhos, minha mãe sempre se desdobrou em constantes desvelos pelos entes que considera “carne de sua carne”, de sorte que o mínimo distúrbio na saúde, ou o mais leve eclipse na alegria dum filho causava-lhe sempre, como lhe causa ainda hoje, dolorosa apreensão. Em suma — tão carinhosa, tão abnegada e tão virtuosa sempre foi minha adorada mãe que a mim se me afigura que, no seu edificante exemplo, se inspirou o glorioso vate maranhense quando versejou:

*“Ser mãe é andar chorando num sorriso;  
Ser mãe é ter o mundo e não ter nada;  
Ser mãe é padecer num paraíso.”*

Que se me permita, pois, à maneira de Platão, que louvava os deuses por ter sido contemporâneo de Sócrates, agradecer ao Criador a fortuna de ter sido filho de tal mãe.

Em verdade, muitos irmãos existem, que nesta data consagrada às mães, não poderão sentir a dulcíssima felicidade de estreitar em seus braços aquela que lhes deu o corpo. Todavia, deve confortá-los a certeza de que, posto não possuam mais o corpo carnal, nem por isso suas mãezinhas estarão perdidas para sempre; ao contrário, seus Espíritos abnegados, velam diuturnamente pelos filhos retidos na Terra.

Prestai atenção, prezados irmãos, nesta página admirável burilada pelo grande estadista que nos legou a afamada *Oração aos Moços* — Rui Barbosa:

“A maior de quantas distâncias logre a imaginação conceber, escreveu o genial compatriota, é a da morte; e nem esta separa entre si os que a terrível afastadora de homens arrebatou aos braços uns dos outros. Quantas vezes não entrevemos, nesse fundo obscuro e remotíssimo, uma imagem cara? Quantas vezes não a vemos assomar nos longes da saudade, sorridente ou melancólica, alvoroçada ou inquieta, severa ou carinhosa, trazendo-nos o bálsamo, ou o conselho, a promessa ou o desengano, a recompensa ou o castigo, o aviso ou a fatalidade, ou os presságios de bom agouro? Quantas nos não vem conversar, afável e tranqüila, ou pressurosa e sobressaltada, com o afago nas mãos, a doçura na boca, a meiguice no semblante, o pensamento na fronte, límpida ou carregada, e lhe saímos do contacto, ora seguros e robustecidos, ora transidos de cuidado e pesadume, ora cheios de novas inspirações, e cismando, para a vida, novos rumos? Quantas outras, não somos nós os que vamos chamar esses leais companheiros de além-túmulo, e com êles renovar a prática interrompida, ou instar com eles

por um alvitre, em vão buscado, uma palavra, um movimento do rosto, um gesto, uma réstea de luz, um traço do que lá se sabe, e aqui se ignora?”

Eis, irmãos, nessa página luminosa, a mais estupenda demonstração da prodigiosa intuição desse brasileiro genial. O que a outros, menos afortunados, transparece como mero artifício literário, é, para nós espíritas, fidelíssima expressão duma realidade tangível, fartamente demonstrada até por eminentes homens de ciência, que estudaram criteriosamente a fenomenologia espírita, comprovando a sobrevivência. Ficai certos, que a maior potência do Universo é o Amor, e que Deus que, por amor nos criou, jamais separaria eternamente os que se amam. Não vos lastimeis, pois, se vossas mães já não pertencem à Terra, porque lá, nos páramos celestes onde se encontram, continuam a amar-vos e a velar por vós; e sempre que podem, voam para junto de vós e derramam, sobre vossos corações feridos pelas vicissitudes do destino, o suave refrigério dos balsâmicos eflúvios do amor materno!

E se, dentre vós que me ouvis, alguma mãe houver cujo coração esteja trespassado de dor, acutilado pela ingratidão do filho, que lhe sirva de lenitivo a certeza de que o vínculo carnal da maternidade é, muita vez, oportunidade bendita para resgate de dívidas de vidas passadas, entre Espíritos inimigos.

*“Há filhos-réptis que cospem baba,  
Letal veneno a um seio de mulher.”*

Já disse um poeta, malsinado em linguagem candente, o procedimento dos filhos ingratos, que menosprezam os sacrifícios das mães de criação.

Grande consolo nos dá, todavia, a Filosofia Espírita, quando explica e demonstra, com muitos exemplos que a família terrena é abençoado ensejo para a congregação de irmãos que precisam evoluir juntos a fim de que, do entrechoque das tendências incompatíveis bem como da conjugação das afinidades adquiridas, sejam os Espíritos lapidados em árdua lide evolutiva até que irradiem luz por todas as facetas do caráter!

Mães existem, portanto, que recebem, na posição de filho, Espíritos amigos de outras eras, com os quais se comprometeram na vida espiritual, prontificando-se a dar-lhes corpo e a ajudar-lhes a educação para que possam adquirir as virtudes de que carecem: são os filhos amigos, que demonstram entranhado amor pelas mães.

Outras mães há, no entanto, que, por terem prejudicado seriamente um semelhante em vidas anteriores, ficam na obrigação de ajudá-lo a reabilitar-se, recebendo-o, generosamente, no ventre, para extinguir, com o fluido do amor, o malsinado azedume de um ódio antigo. Essas, são mães dedicadas e desprendidas, que tudo dão ao filho, mas que dele, jamais receberão a menor demonstração de espontânea afeição.

Que se não maldigam, porém, de tal sina. Que multipliquem, cada vez mais, as dádivas de seu excelso amor, pois, com as vibrações luminosas dum afeto sincero, estão espalhando as trevas abrigadas nas cavernas do subconsciente do filho, que fora inimigo na vida espiritual, mas que, em voltando para lá, ao reconhecer os benefícios que colheu através do amor materno, transformar-se-á, de inimigo potencial que era, em amigo sinceramente reconhecido!

Equacionada nessa fórmula a sublime missão materna, é de ver que o Espiritismo atribui à maternidade uma função muito mais grandiosa do que se julga geralmente; e que graves dissabores padecem, na vida espiritual, as mulheres que, por motivos fúteis, racionam a maternidade, determinando, consoante seus caprichos, o número de irmãos a quem dão corpo, como se a encarnação dum Espírito devesse ficar ao sabor das flutuações econômicas do lar, ou da vocação dos progenitores para os prazeres efêmeros deste planeta!

Não, caros irmãos, a função de mãe, não é, apenas, a de genitora do corpo, mas, sobretudo, a de plasmadora do Espírito maleável do filho que Deus lhe confiou. E é pelo fato de complementar a obra do Criador que sua missão se torna verdadeiramente grandiosa, tão grandiosa e bela que nenhuma palavra, por mais eloqüente e formosa que seja, traduzirá jamais todo o esplendor do seu significado espiritual!

## O Dia do Papai

No dia consagrado aos pais, sinto-me no dever de esclarecer-vos sobre o papel que o pai representa à luz da Filosofia Espírita. Para isso, mister se faz vos recorde alguns postulados doutrinários, indispensáveis à inteligência do tema.

Com efeito, de acordo com a Doutrina Espírita, todos nós fomos criados exatamente iguais: Espíritos imortais, inocentes e ignorantes, dotados, porém, potencialmente, de todas as qualidades que nos cabe desenvolver, pelo esforço próprio, através de penosa evolução espiritual, à custa de múltiplas vidas, intercaladas com numerosas encarnações, e desenroladas em planos e mundos incontáveis, até logarmos a perfeição, e, com a perfeição, a felicidade eterna. Ensina-nos, ainda, a Doutrina Espírita, que Deus cria incessantemente e que, por conseqüência, estão encarnados, neste planeta, Espíritos de idades muito diversas. Uns, criados há muitos séculos, já percorreram longa jornada, vivendo muitas vidas, ora encarnados, ora desencarnados, de toda forma exercendo variadas atividades e arrostando provações sem conta, de modo que adquiriram grande experiência pessoal, aprendendo, assim, a obediência, senão a todas, pelo menos

a muitas leis do código divino, e, por isso, são sábios ou filantropos. Outros, criados posteriormente, estão ensaiando os primeiros passos na espiritualidade; e porque não conquistaram, ainda, suficiente cabedal para compreenderem que só a obediência à vontade do Criador, os poderá conduzir à felicidade, estão, por enquanto, marcados de imperfeições morais e desprovidos de valores intelectuais: — são criaturas ignorantes, perversas e revoltadas contra o destino.

Todavia, como é óbvio, entre esses dois extremos, situam-se todos os matizes de imensa escala evolutiva, onde se destaca um número quase infinito de personalidades, que, entre si, se distinguem por grande cópia de atributos individuais — atributos esses que refletem o esforço empreendido por cada qual, no sentido do próprio aprimoramento espiritual, quer no plano cultural, quer no terreno moral.

Ora, o simples fato de habitarem este mundo, Espíritos criados em épocas muito recuadas uma das outras já reconcilia, em parte, a chocante desigualdade dos destinos humanos, com a sabedoria e a justiça de um Criador onisciente e onipotente. Contudo, a Doutrina Espírita avança muito mais, porque ensina que o progresso das criaturas humanas está condicionado à sábia lei de causalidade moral, mediante a qual todos os atos, todos os sentimentos e, até, todos os pensamentos estarão, fatalmente, registrados no corpo espiritual como o denominava o apóstolo Paulo, ou no perispírito, como o designou Allan Kardec. Nessas condições, o ciclo evolutivo de cada Espírito está automaticamente determinado por suas ações, por seus sentimentos e por seus pensamentos, nada tendo a reclamar, portanto, se o seu destino não corresponde às suas aspirações. Contudo, está em suas mãos melhorar, no futuro, sua situação,

diante das leis divinas. De acordo com a direção que imprimir aos seus desejos, poderá progredir rápida ou morosamente. À lei de causalidade moral, àquela mesma, que, há dois mil anos, Jesus já enunciava, quando disse — “a cada um segundo suas obras” — a essa lei é que ninguém burlará, quaisquer que sejam suas convicções, porque é uma lei universal, destinada a toda a humanidade.

Justificada, em princípio, a desigualdade dos destinos, contemplemo-la, agora, sob outro ângulo, penetrando na gênese dos grupos sociais, para que se possa compreender a formação da família e a missão do pai, perante as leis eternas.

Como é evidente, da convivência de Espíritos assim tão desigualmente dotados, vão surgindo, no decurso das vidas sucessivas, fortes vinculações com os demais companheiros de provações, ora assinaladas por nobres sentimentos de afeição, ora tismadas como negrume de vis paixões, alimentadas pelo ódio e pela vindita. De sorte que, unidos pelo amor, encontram-se, neste mundo, os Espíritos que, desde anteriores existências, cultivaram amizades, incrementando afinidades espirituais; e separados pelo ódio, degladiando-se por vingança, aqui estão criaturas que, movidas por suas próprias fraquezas, mutuamente se prejudicaram contraindo dívidas morais de demorado resgate.

Ora, é com essas amizades e com essas inimizades de vidas anteriores que se tecem as malhas dos destinos das criaturas que, quase sempre, se unem, no mesmo grupo social, a fim de que, qual seixos de um mesmo rio, mutuamente se lapidem, na contenção dos impulsos anti-sociais e na apuração de virtudes valiosas, quando não para a Terra, para a vida eterna, onde predomina a lei da fraternidade universal. E é exatamente nos liames espirituais das vidas anterio-

res que reside o enervante mistério das simpatias irresistíveis e das antipatias instintivas, que tanta moça têm causado aos psicólogos desconhecedores da palingenesia. Outrossim, é nos laços espirituais, contraídos em vidas precedentes, que se encontram as causas remotas da constituição da família, embora o esquecimento do passado dê à formação do lar a aparência de um fato ocasional.

Na verdade, na sacrossanta organização da família terrena reúnem-se, sob a tutela das leis civis, criaturas de Deus, e, portanto, irmãos, em diversos níveis de evolução espiritual, com a finalidade precípua de se ajudarem mutuamente, não, apenas, na conquista de valores materiais, mas, sobretudo, na aquisição dos tesouros eternos, que são as virtudes do espírito.

Ora, imprimindo à formação da família uma significação transcendental, é claro que a Filosofia Espírita conceitua a função de pai em termos de elevada responsabilidade moral, encarando-o não apenas como o protetor da família, mas como o guia espiritual dos irmãos que, em cumprimento da lei do carma, ou seja — da lei de causalidade moral que rege os destinos, vieram unir-se a ele com o compromisso solene de progredirem espiritualmente, à sombra da tutela paterna.

Árdua e espinhosa é, portanto, à luz da espiritualidade, a missão de pai. Tanto mais árdua e espinhosa quando se sujeita, muitas vezes, a receber, na posição de filho, um irmão do qual fora inimigo outrora, cabendo-lhe agora, como chefe da família, retificar, pela palavra e pelo exemplo, os erros do passado, conciliando-se com antigo desafeto para um dia restituí-lo à vida espiritual mais perfeito do que quando veio encarnar sob a proteção de sua paternidade. E

quantas vezes, por força dessas inimizades de anteriores encarnações, o pai não sofre terríveis dissabores, não padece pungentes humilhações? Porque, independentemente da educação que receberam, o comportamento dos filhos em relação ao pai poderá variar consoante tenha sido o filho ou o pai o irmão faltoso de vidas anteriores. Se, porventura, o faltoso foi o pai, por mais extremoso e dedicado que seja, dificilmente terá, no filho, verdadeiro amigo. Sobretudo depois dos sete anos, época em que desabrocham, no perispírito, reminiscências da anterior encarnação, o filho demonstrará, instintivamente, a falta de afinidade espiritual pelo pai. E é precisamente, nestes casos, que o tato psicológico do pai deverá ser posto à prova, a fim de evitar que, mais tarde, por este filho, advenham graves desgostos, tornando-se instrumento de escândalos e de cruéis sofrimentos morais para o pai.

Como se infere, o encargo do pai é mais sério do que geralmente se imagina. Porque, em última análise, a mais gloriosa tarefa que lhe cabe é a de restabelecer, perante a vida espiritual, a lei da fraternidade, estimulando uma união cada vez mais sólida entre todos os componentes do lar que Deus lhe confiou. De toda forma, ele é o protetor, o mentor, o modelo, sobre o qual convergem todos os olhares. Protege materialmente, angariando os meios de subsistência da família. Plasma, tanto quanto a mãe, a personalidade dos filhos. Fortalece, pelo exemplo, a contextura do caráter de todos que o rodeiam. Contribui, portanto, poderosamente, para a felicidade dos filhos. E eu de mim confesso que não tenho palavras com que possa exprimir minha gratidão a meu pai, pelos magníficos exemplos que me deu de entranhado amor ao trabalho, de fidelidade conjugal, de carinhoso amparo à família, de incorruptibilidade de caráter e de

inquebrantável austeridade. Por isso mesmo, quando se aproxima o dia consagrado aos pais, e quando rendo, com esta singela explicação doutrinária, minhas homenagens a todos os pais que me ouvem neste momento, meu pensamento voa para junto do irmão, que, na posição de pai terreno, tanto contribuiu para minha formação moral, e, numa prece partida do íntimo do coração, suplico a Deus que o recompense por tudo de bom e de bem que a mim me fez, dando-lhe do outro lado da vida a alegria de sentir quanto continua presente no coração daqueles a quem tanto amou!

## Alocação à Mulher Espírita

Atentai, vós que sois namorada, noiva ou esposa, o que, em vosso benefício e para a concretização do prestígio da Doutrina, vos deve transmitir quem tem consagrado a maior e a melhor parte de sua vida ao estudo e à prática da Filosofia Espírita. Talvez sejam verdades conhecidas. Mas, por enquanto, estão muito pouco difundidas.

É possível, mesmo, que, primeiro que termine o aranzel, já tendes murmurado intimamente que o meu objetivo é a conquista de uma formosa quimera, nada mais; pois pretendo tornar-vos diferentes em tudo, e por tudo, das outras mulheres!

Lealmente vos confesso que, se assim concluístes, certissimamente concluístes, prezadíssimas irmãs.

Não vos venho fazer a apologia da mulher, porque como espíritas que sois, sabeis perfeitamente o incontrastável papel representado pelo sexo feminino, desde as épocas mais primitivas, não só nos santuários dos lares, como nos templos de “iniciação”. Cientes estais, portanto, de que foi sempre através da mulher que cintilaram, nas sombras deste mundo de provas dolorosas, as mais belas fulgurações do pensamento divino...

Entretanto, para que sejais verdadeiramente espíritas, e, além de espíritas, médiuns fidelíssimas, força é que vos comporteis diversamente das outras mulheres, que vivem para a Terra, à cata de prazeres mundanos.

Com muita propriedade, já dizia o Mestre dos Mestres que não se pode servir a Deus e a Mamon, isto é, que não se pode conquistar os bens do Espírito, quando se está agarrado aos bens da Terra. E o espírita, o médium, sobretudo, tem o dever de sobrepôr, aos prazeres da carne, os eternos valores do Espírito, que lhe garantem, na vida do Além, planos evolutivos de felicidade mais duradoura do que as efêmeras alegrias terrenas, sempre cercadas de torturantes desilusões.

Vivendo em função da vida espiritual, é evidente que o espírita, e principalmente o médium, deverá viver na Terra, sem viver, no entanto, para a Terra. Da Terra colherá, apenas, a experiência e a sabedoria necessárias ao progresso de seu Espírito, isto é, à sua ascensão a mundos mais aperfeiçoados.

Conceituada a vida nestes termos, não há como estranhar o comportamento da mulher espírita, se ela não procede como as demais.

Assim — é inegável que muitas jovens da melhor sociedade freqüentam atualmente as boates, os clubes de dança, e, até, os indecorosos bailes de carnaval. Inegável também é que muitas moças perambulam, atualmente, nas vias públicas mais próximas das praias, praticamente despidas, em ostensiva exibição de tentadora plástica corporal.

Vós, porém, jovens espíritas, não tendes o direito de imitar semelhante procedimento. Porque vós sabeis o que elas ignoram. Sabeis, porque a Doutrina vos ensinou, que o nosso mundo está mergulhado num imenso mundo invisível, povoado de Espíritos, que, embora imperceptíveis à

maioria dos homens, estão mais vivos do que nós. Sabeis, outrossim, que os habitantes desse mundo que nos cerca são, via de regra, seres atrasados moralmente, presos, pelo desejo, aos prazeres terrenos. Sabeis, ainda, que, para saciarem seus apetites, os Espíritos que circulam na órbita terráquea precisam captar certas energias, que se desprendem, incessantemente, dos seres vivos, e, particularmente, do organismo humano, sobretudo do sistema nervoso dos médiuns. Também sabeis que a captação das radiações, que promanam do corpo humano, depende da força moral, que se possa contrapor ao assédio das entidades que as vêm roubar, pois, por uma lei muito sábia, cada homem só atrai para junto de si os Espíritos que a ele se assemelham.

E, por saberdes tudo isso, jovens espíritas, não podeis ignorar que o ambiente das boates, dos clubes carnavalescos e outros que tais, poderá ser, talvez, deslumbrante aos sentidos carnis, mas aos sentidos espirituais, aos órgãos da mediunidade, se lhes revela dantescamente pavoroso, tamanho é o número de Espíritos mentalmente desequilibrados que para lá correm, atraídos pela luxúria e pela ânsia dos caçadores de estranhas sensações, luxúria e ânsia, que dominam a razão e depauperam a vontade de quase todos os freqüentadores desses antros de depravação espiritual.

Por mais inocente que fosse o vosso desejo, prezada irmã, em penetrando num ambiente dessa espécie, afetadíssimo ficaria vosso perispírito, tão grave seria a perda de “fluidos vitais”, que sofrerieis, pela ação deletéria das radiações ali deixadas por Espíritos inferiores, que costumam permanecer no local. E, se muito puros não fossem vossos sentimentos, tanto pior: à perda provocada pela radiação dos fluidos destruidores, juntar-se-ia a causada pela “atuação” dos Espíritos inferiores, que, porventura, houves-

sem encontrado, em vossos desejos, ótima oportunidade para tirarem partido, surripiando os fluidos nervosos de vosso cérebro, que lhes dão a eles as gostosas sensações que procuram satisfazer muitas vezes, mas que nem sempre encontram ensejo.

Ora, isso que, à primeira vista, poderia parecer coisa de somenos, é, na verdade, questão de suma importância, mormente para as namoradas e para as noivas. Vejamos por quê.

Espíritas como sois, conhecedoras, portanto, da lei da reencarnação, não podeis ignorar que o casamento é sagrada oportunidade, que Deus nos concede, para aperfeiçoarmos nossos Espíritos, resgatando, ao mesmo passo, faltas de vidas passadas. Por isso mesmo, quase nunca se juntam, pelos laços matrimoniais, Espíritos que se amaram muito, noutras encarnações. E quando, por excepcional merecimento, tal acontece, o casal é felicíssimo, vivendo marido e mulher em perene lua-de-mel, sem que, jamais, qualquer ato de infidelidade venha turvar o encanto dessa união. A regra, porém, é que o consórcio se efetue entre Espíritos que contraíram dívidas morais e que, à custa de muita renúncia, devem exercitar a tolerância, a paciência e cooperação fraterna — tudo equilibrado com o amor devotado aos filhos.

De toda forma, porém, a união terrena é planejada na vida espiritual, por Irmãos Superiores, que avaliam as potencialidades de cada Espírito, e deliberam se tem, ou não, probabilidade de progredir na situação de cônjuges; ou se melhor será, para eles, outra relação qualquer, como a de amigo para amigo, ou a de irmão para irmão, ou a de chefe para subordinado, ou a de protetor para protegido, etc...

Deliberado que seja, no entanto, pelos Irmãos Superiores encarregados da supervisão das encarnações terrenas, que dois Espíritos devem encontrar-se neste mundo, para

contraírem núpcias, cada qual trará, no perispírito, certa cota magnética específica, que, no momento oportuno, deverá aproximá-los fatalmente, ainda que tal encontro se lhes afigure casual, quando, já encarnados e desmemoriados dos fatos ocorridos no Além, se vêem pela primeira vez, e surge, imediatamente, irresistível simpatia, que os atrairá, reciprocamente, sem que ambos saibam explicar a razão.

Quando o casamento se efetua de conformidade com os compromissos espirituais, mesmo em se tratando de criaturas que não foram amigas outrora e que guardaram mutuas mágoas de eras passadas, o casamento, posto que não seja dos mais felizes, surte bons resultados: a união prossegue através dos anos, a despeito dos atritos constantes. São duas pedras que se lapidam mutuamente, em violentas fricções, renunciando cada qual uma parcela dos defeitos, em proveito da estabilidade do lar e da felicidade dos filhos. Mas se a união se dá entre criaturas que não trouxeram esse compromisso do Além, o casamento, ainda que seja propiciado por violenta paixão, pouco durará. O magnetismo, que os uniu, foi o fogo da luxúria, apenas. Passados os primeiros meses de arrebatamento, surgem as rixas e as alterações e desaparece, totalmente, a atração sexual entre ambos. E como o homem imagina que é o senhor do mundo, julga-se logo com o direito de arranjar amante. Agrava-se, assim, o rancor da incompreensão com o ciúme e o ódio pela traição. São, por conseguinte, dois Espíritos, que, longe de se unirem para a vida espiritual, contraíram séria dívida, que futuramente será resgatada com abundantes lágrimas.

Eis aí, uma das ciladas que o destino vos pode armar, se, com a freqüência a boates, a bailes carnavalescos, ou pela exagerada exposição de vosso corpo, derdes oportunidade a que Espíritos inferiores alterem de tal forma o vosso mag-

netismo pessoal, que, em vez de atrairdes aquele que deveria ser vosso companheiro de lutas terrenas, venhais a arrastar para junto de vós um jovem qualquer, cujo caráter esteja muito abaixo do vosso! Além de perderdes a oportunidade de reparar vossas faltas com o irmão que estava predestinado a ser vosso esposo, ainda imantastes vosso Espírito nas emanações peçonhentas dum Espírito inferior, que não merecia ser vosso marido, e com o qual não podereis conviver muito tempo, sob pena de degradardes vosso caráter, igualando-vos a ele o que seria dolorosíssimo para o futuro de vossos espíritos!

Lembrai-vos, pois, espíritas, de que a sociedade vos permite muita coisa que a Doutrina vos proíbe; e não vos esqueçais de que, ao invés de imitardes as outras, que não mereceram saber o que já sabeis, deveis, ao contrário, servir de exemplo às vossas amigas, para que, também elas, se tornem um dia espíritas!

E a vós, que já sois esposas, que tendes já a alegria do vosso lar, e o encanto dos vossos filhos, e a dedicação de vossos maridos, que vos direi eu?

Direi que a maternidade é sagrada. Direi que vos deveis lembrar, sempre, que cada filho é um irmão, que recebeis no santuário do vosso ventre, para lhe propiciardes bendita oportunidade de resgate. Direi que, quando partistes do Espaço para cá, oneradas viestes com a promessa solene de dar corpo a certo número de irmãos, com os quais tínheis laços de afinidade, ou cicatrizes perispirituais de velhos ressentimentos. Direi que, dos que já foram vossos amigos, receberéis inequívocas provas de amor e de espontânea dedicação, mas que, dos outros, dos a quem ofendestes, ou prejudicastes, desses receberéis, ao contrário, a frieza da convivência, ou os acúleos pungentes das ingratidões. Direi,

no entanto, que para esses, para os que não vos compensam o sacrifício, deveis multiplicar vossa dedicação, para que possais extinguir, com os suavíssimos eflúvios do amor materno, a fornalha de ódio, que dormita no recôndito da alma do antigo inimigo, providencialmente transformado em filho necessitado de afeto!

Direi, ainda, esposa espírita, que jamais podereis negar o regaço materno ao feto que se gera em vossas entranhas! Porque criminosa sereis, diante das leis divinas, tão patentes em vossa Doutrina, se provocardes o aborto, ou se evitardes a concepção!

Se árdua é vossa luta; se parcos são vossos recursos financeiros, pouco importa: lembrai-vos de que, antes de encarnarem, os Espíritos que devem vir como vossos filhos, já saberão que não encontrarão coxins caríssimos, nem berço de ouro, porque, como ricos, já fracassaram, noutras encarnações, e, agora, é como pobres que lhes convém voltar ao mundo!

Não vos aflijais, pois, com a sorte de vossos filhos! O destino de cada um deles estará condicionado ao passado que tiveram; e, acima do vosso amor materno, paira o infinito amor de Deus por suas criaturas!

Não descuideis, contudo, de vossa missão de mãe! Ninguém, absolutamente ninguém, vos poderá substituir nesse sacrossanto mister!

Não abandoneis, mães espíritas, os vossos lares pelas sinecuras das repartições públicas, nem pelos balcões do comércio, nem por coisa alguma deste mundo!

Lembra-vos de que vossos filhos precisam de vossa assistência permanente! Lembrai-vos de que, quando engravidastes, absorvestes, em vosso perispírito, todos os “fluidos vitais” que lhes deveriam formar o corpo; e que, nasci-

dos, além do leite que lhes destes, lhes transferistes, também, sempre que os afagáveis, e, sobretudo, quando dormíeis, durante três meses consecutivos, o maravilhoso manancial de vida que retivestes em vosso corpo espiritual desde os primórdios da gestação!

Privados de vosso amor e de vossa assistência durante esse período inicial da vida, como seriam prejudicados vossos filhos! E como havereis de vos arrepender, na vida espiritual, quando vos mostrassem a gravidade da vossa falta!

Não permitais, outrossim, que vossos filhos sejam criados pelas babás. Lembrai-vos que a vida terrena é perene permuta de fluidos. Entregues desde a primeira infância, a criaturas boçais e, quase sempre, de maus costumes, vossos filhos absorverão todos os fluidos inferiores das babás, e tanto mais fluidos absorverão quanto maior for a dedicação que revelarem por eles!

Se mais tarde, pois, vossos filhos, com o perispírito impregnado dos fluidos condensados e inferiores, oriundos de pessoas ignorantes e viciadas, mostrarem inteligência obtusa para os estudos e, além disso, vícios lamentáveis, ficai sabendo: fostes vós, por vossa negligência, que contribuístes para isso!

Não, namoradas espíritas! Não, noivas espíritas! Não, esposas espíritas! Não desprezeis, jamais, os ensinamentos, tão belos e tão profundos, da Doutrina, para que, amanhã, na vida espiritual, não vos acuse inexoravelmente a vossa consciência!

## Casamento à luz da Filosofia Espírita

A imprensa vem de noticiar o trágico desaparecimento de um vulto exponencial da magistratura alagoana, dantesca-mente dramatizado com a inesperada desencarnação de sua veneranda esposa, ocorrida quinze minutos apenas depois do desenlace de seu ilustre companheiro de provações terrenas.

O magistrado, fulminou-o traiçoeira recidiva de enfarte do miocárdio. Mas à viúva não na vitimou o impacto do choque emocional, de vez que ignorava, ainda, a morte do marido. Matou-a, segundo se depreende do lacônico diagnóstico publicado, misterioso colapso cardíaco, já que, aparentemente, não sofria do coração, nem houve motivo para o óbito, porquanto morrera desconhecendo o que acontecera ao marido.

Como não poderia deixar de suceder, o inexplicado colapso cardíaco dessa esposa, que morrera sem saber que enviudara quinze minutos antes, causara profunda perplexidade no seio da família, onde tal falecimento não era sus-  
peitado sequer.

Embora não possa afirmar categoricamente que seja esse o caso, porque os dados que possuo são os que vieram à

baila através dos jornais, o Espiritismo poderá esclarecer os motivos determinantes dessas mortes gêmeas, se me permitem a denominação. E porque o Espiritismo as pode explicar racionalmente, não tergiversei em inverter a ordem dos fatores, trazendo-vos, hoje, ao invés de uma explanação sobre Espiritismo, apresentado à luz dos fatos, uma modesta palestra sobre fatos expostos à luz do Espiritismo. E como tais fatos se relacionam com as leis espirituais que presidem ao matrimônio, indispensável se torna, que, antes de qualquer explicação para a inopinada desencarnação da esposa do desembargador recém-falecido, vos dê eu algumas noções sobre os ensinamentos dos Espíritos acerca do casamento.

Casamento e mortalha no céu se talha — diz o velho brocardo popular. E di-lo com sabedoria, porque, segundo o testemunho de circunspectos Mensageiros do Mundo Espiritual, nossa vida se desenrola neste planeta de acordo com os méritos e os deméritos acumulados por nosso Espírito em suas vidas passadas, quer tenham elas sido vividas aqui, na Terra, quer tenham sido vividas noutros mundos, pouco importa, porque a multiplicidade de encarnações temporárias não quebra a unidade espiritual do homem, e, conseqüentemente, não o exime da responsabilidade dos atos cometidos no pretérito. Há, portanto, uma lei de causalidade moral que governa o destino humano, através do tempo e do espaço, dando a cada um segundo suas obras. Nossa vida presente é a resultante lógica de nossas vidas anteriores, assim como nossa futura vida, seja ela vivida no Além ou aqui, será o produto de nossas vidas passadas somado com a totalidade das ações que praticarmos na atual encarnação. Nessas condições, cada um de nós tem o destino que mereceu; e ocupa, na Terra, a posição, que necessita, para evoluir.

A desigualdade de destinos é, apenas, aparente, porque traduz a diversidade dos Espíritos encarnados e não a predestinação de cada um. Os felizes de hoje são os desgraçados de outrora, da mesma forma que os desgraçados de hoje serão felizes no futuro — tudo dependendo, tão-somente, do esforço de cada um no sentido de seu aperfeiçoamento espiritual. Sujeitos a relativo determinismo e desfrutando relativo arbítrio, o roteiro de nossa vida desdobra-se, dentro da faixa de nosso destino, com relativa liberdade de escolha. Até certo limite, fazemos o que nos apraz. Há, contudo, um território limítrofe, que não nos é dado invadir, e que é o termo de nossas ambições, alertando-nos de que, nem sempre, “querer é poder”; e que nosso destino é condicionado, cabendo-nos, porém, a esperança de melhorá-lo, futuramente, nas próximas encarnações.

Ora, se o nosso destino, de um modo geral, já está prefixado, quando chegamos a este mundo, é evidente que o casamento, pela imensa significação que tem para todos nós, não poderia deixar de estar planejado pelos Mestres da Vida Espiritual, encarregados da solução dos árduos problemas relacionados com a reencarnação dos Espíritos que voltam à Terra. E está, de fato, planejado. Pois não é por acaso que nos casamos com determinada criatura — e não com outra. Muitas vezes, depois de vários amores efêmeros, alguns vulcanicamente violentos, surge em nosso caminho, inesperadamente, quem está destinado a unir-se duradouramente conosco. E a razão dessas uniões tem origens espirituais muito mais poderosas do que os fatores glandulares. A atração sexual, por paradoxal que pareça, é de origem espiritual: provém da carga magnética que cada indivíduo traz no perispírito ou corpo espiritual. Por isso mesmo, há criaturas fisicamente pouco atraentes, mas que, não obstante,

despertam, sempre, por onde passam, inusitado interesse do sexo oposto. Apesar da plástica imperfeita, tais criaturas, sejam homens ou mulheres, são disputadíssimas, sem que se possa atinar por quê. Mas, na realidade, o que provoca tamanho reboliço no sexo oposto é a força magnética de que são dotadas. Por outro lado, criaturas existem que, a despeito de fisicamente belas, pouco interesse sexual despertam. Se são mulheres, nem se casam. Os homens que lhes aparecem, os namorados que, a custo conseguem, somem como por encanto, sem qualquer motivo justificável. E elas acabam “titias”, contra a vontade e sem saberem a causa.

Apesar de não dispor do tempo necessário para esmiuçar assunto tão complexo e tão ignorado quanto este, posso adiantar, à guisa de consolo, que as “solteironas” jamais se deviam revoltar contra o destino, porque na verdade, fracassaram, em encarnações anteriores, na vida sexual e na maternidade. E novamente fracassariam, se, na presente encarnação, possuísem magnetismo sexual para atraírem um companheiro, o que seria, para elas, verdadeira desgraça, tão cruciantes se lhes tornariam os sofrimentos na vida espiritual. Privadas, entretanto, do matrimônio, conseguem, muita vez, desferir belo vôo para outros planos espirituais dada a sublimação de seus sentimentos religiosos. De modo que muitas “titias”, que hoje se revoltam contra a provação, amanhã, na vida espiritual, agradecerão a Deus a abstenção que presentemente renegam.

Muito mais grave, sob o aspecto espiritual, é a posição dos que trouxeram o magnetismo sexual altamente dinamizado. Vejamos por quê. O casamento ou é a união de dois Espíritos afins, amigos de outras eras, que se comprometem na vida espiritual a auxiliarem-se mutuamente na vida terrena, para mais suave evolução de ambos, e, neste caso, caracte-

riza-se pela harmonia reinante no lar e pela felicidade dos cônjuges; ou é oportunidade para pesados resgates de vidas passadas; e, nesta hipótese, a mulher é, quase sempre, o Espírito mais faltoso, vindo, por isso, subjugada ao marido pelas leis e pelos preconceitos, e, assim sendo, o casamento é uma fonte de constantes sofrimentos, onde os cônjuges vão desbastando a pouco e pouco, ao preço de muita renúncia e de muita paciência, as arestas de seus temperamentos...

É este, aliás, o tipo de casamento comum neste planeta, sendo muito raros, ainda, os matrimônios provocados exclusivamente pela afinidade espiritual, pois pouquíssimas são as criaturas encarnadas que não têm copiosas dívidas a resgatar, por meio das uniões conjugais.

O pior, porém, é quando um indivíduo, abusando do relativo arbítrio que possui, ao invés de caminhar em linha reta dentro da faixa de seu destino, prefere zigzaguear por veredas tenebrosas, e desvia, voluntariamente, sua prova, contraindo núpcias com criaturas que não estavam em seu destino. Eu me explico. Quando duas pessoas encarnam compromissadas para o casamento, em chegando a época prevista para a união, seus Guias Espirituais, ou seus Anjos de Guarda, como dizem os católicos, rompem o bloqueio da energia magnética que os deve atrair mutuamente, de modo que, ao encontrarem-se, tais criaturas se sentem impulsionadas por irresistível simpatia, logo transformada em paixão, e, depois, custe o que custar, em casamento, para a realização dos compromissos assumidos na vida espiritual. Casamento por afinidade ou para o resgate de faltas passadas, está feita a união e, dificilmente será desfeita, mesmo quando os gênios são incompatíveis, porque os filhos já foram escolhidos, de acordo com leis espirituais, para auxilia-

rem com a presença deles, o equilíbrio do lar. Entretanto, se um dos Espíritos, seja o que está encarnado como homem ou o que está encarnado como mulher, se um dos Espíritos, por fraqueza de caráter perverter-se antes do prazo previsto para o casamento, o matrimônio, por uma questão de afinidade espiritual, que tanto une entre si os bons como os maus, pode ser efetuado com uma criatura que não estava destinada àquele casamento. Suponhamos, por exemplo, que certo rapaz deveria casar-se com uma jovem cujas qualidades morais se equilibrassem com as dele. Mas, pervertido por más companhias, adquiriu péssima assistência espiritual, que o levou à degradação. Ora, neste caso, o próprio Guia Espiritual da jovem impediria a união, que poderia ser fatal para sua protegida. Nessas condições, ainda que os dois se encontrassem, a jovem, ao invés de simpatia, sentiria instintiva repugnância pelo pervertido rapaz, pois seus perispíritos não mais poderiam ser sintonizados. E o rapaz, depravado como estava, iria atrair para ele uma jovem semelhante, que, embora virgem, mentalmente seria depravada como ele. Poderia haver alucinante paixão. Mas seria fogo fátuo, somente. Passados os primeiros dias de libidinagem, ambos estariam desiludidos e entediados, porque não haveria, para uni-los definitivamente o fluido espiritual do casamento. Resultado: com divórcio ou sem divórcio, em pouco tempo, estariam separados, e, ambos, com o futuro mutilado. Que os jovens meditem sobre isso! Contrariamente, porém, a esses casos escabrosos, vemos casais, como o que citei no início desta palestra, que vivem longos anos em glorioso aprimoramento mútuo, e que, em partindo um deles para o Além, é tão profundo o desequilíbrio do perispírito do que fica, que o sistema nervoso não resiste à separação. São Espíritos que se equilibram pelo mútuo amor. A vida

dos dois depende da vida de cada um. É como se cada vida fosse a metade duma vida maior. Em morrendo um, rompe-se, automaticamente, o laço magnético que os mantinha unidos e vivos, na Terra, e o outro, ainda que ignore a morte de sua alma-metade, morre também, por falta do fluido do amor!

Quanta beleza, pois, existe na trágica morte do casal, que partiu desse mundo com uma diferença, apenas, de quinze minutos!

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Dr. Penna Ribas

40

## Porque há Casamentos Felizes e Casamentos Infelizes

Conforme prometi, vou responder ao quesito, que a respeito do casamento, me formulou inteligente radiouvinte e cujos termos são estes: “Por que, independentemente, do nível social e cultural dos cônjuges, há casamentos felizes e casamentos infelizes?”

Problema sobremodo complexo, vou apenas esquematizá-lo na esperança de torná-lo inteligível.

Em primeiro lugar, urge atentar no fato de que todos nós já tivemos, desde muitos séculos, numerosas encarnações. Assim sendo, é natural, que, tal como está acontecendo na atual, nas vidas anteriores, tenhamos conquistado sinceras amizades e indesejáveis inimizades. Amizades e inimizades, que, irremovivelmente, ficam ligadas ao nosso destino. Os amigos, como prêmio de nossa integração no amor universal, manifestação da divina perfeição; os inimigos, como testemunhas de nossas iniquidades, demonstração de atraso espiritual. Ora, entrosados na roda de nosso destino, amigos e inimigos, a cada passo, retribuem-nos, com os jurros da gratidão ou do rancor, os sentimentos que outrora lhes despertamos. Isso, nas mais diversas situações sociais. Principalmente no casamento, onde o intercâmbio espiri-

tual é muito mais estreito e prolongado. Donde se infere que, reunidos pelos laços matrimoniais, dois Espíritos serão felizes ou desgraçados, consoante os sentimentos que entre si permutaram em vidas anteriores. Noutros termos: nos casamentos felizes, quaisquer que sejam as diversidades de posição social, de educação, de beleza física ou de dotes intelectuais, estão reunidos Espíritos afins, amigos de outrora, sintonizados desde vidas anteriores, pelas vibrações do amor fraterno; no casamento infeliz, ao contrário, estão ligados pelo consórcio, mas separados pela barreira vibratória dos sentimentos, Espíritos antipáticos, talvez inimigos figadais noutra encarnação, que agora, por providencial bondade do Criador, esquecidos do pretérito, dispendem esforço hercúleo para o resgate de erros comuns, com a necessária reparação de um passado condenável — única maneira pela qual poderão ascender a planos espirituais de maior perfeição. Porque a verdade é essa: feliz ou infeliz, de toda forma, a finalidade precípua do casamento, é o progresso espiritual dos cônjuges. Por isso mesmo, ao contrário do que poderiam imaginar psicólogos e sociólogos, o problema do casamento, confirmando a sabedoria dos provérbios, é equacionado no Mundo Espiritual, por Espíritos Superiores, intérpretes do pensamento divino, que sabiamente, presidem o processo da reencarnação, planificando de acordo com os merecimentos de cada um, o destino do Espírito que regressa à vida terrena.

A atração entre os Espíritos que se devem unir pelo casamento, depende de certo fluido, ou melhor, de certa radiação, proveniente do Mundo Espiritual e colocada no perispírito, antes da formação do embrião, radiação essa que, posteriormente, ocupará um campo de força em derredor

da hipófise e que na puberdade aflorará, sob a forma de bela corola luminosa, a poucos centímetros da cabeça, onde, excepcionalmente, poderá ser “vista” pelos médiuns “videntes”. Protegida fluidicamente, até a época em que se deve dar o casamento, em chegando o momento oportuno, o Guia Espiritual, durante o sono, liberta essa radiação, cujas vibrações deverão sintonizar-se com a do futuro marido, com o qual, na vida espiritual, se comprometeu para a união conjugal. Como é óbvio, o fenômeno é idêntico no homem e na mulher e a “libertação” dessa radiação magnética que os deverá atrair reciprocamente dar-se-á simultaneamente.

Tratando-se, embora, de Espíritos inimizados em anteriores encarnações, tão forte é a força magnética dessa radiação peri-hipofisária que, ao se encontrarem os dois, logo se enamoram e caminharão para o noivado, sem que um veja os defeitos do outro, como se mutuamente estivessem hipnotizados. Casados, porém, mal termine a lua-de-mel, perdida no choque nervoso dos contatos sexuais, uma parcela da “radiação magnética” que os atraiu, logo se desencantam e cada qual passa a ver maiores defeitos no consorte, que tanto desejou. Mas agora é tarde. A natureza preparou-lhes uma armadilha. Esquecidos do passado e colocados lado a lado, durante anos, os dois inimigos de outrora terão assim, oportunidade de resgatar velha dívida espiritual, ao mesmo passo que treinam virtudes de inestimável valor, como a tolerância, a paciência, a resignação e outras mais, que na Terra, lhes tornarão a vida conjugal mais amena e, no Além, reconciliarão dois Espíritos faltosos, aperfeiçoados graças ao casamento. Esta é, infelizmente, a característica da imensa maioria dos casamentos. Vale dizer que, por enquanto, o casamento é difícil provação, na qual dois Espíritos mutuamente endividados, ajustam contas, retificando

defeitos morais e conquistando valores para a verdadeira vida, que é a vida espiritual. Só excepcionalmente se unem pelo casamento, Espíritos afins, amigos doutras encarnações, que trazem um do outro, no perispírito, abundante cota de fluido de amor, de tal modo que, enfraquecida a radiação magnética que os levou ao casamento, mesmo assim, a vida inteira continuarão como dois eternos namorados — unidos não pelo sexo, nem pela plástica corporal, mas tão-somente pela afinidade espiritual. Entretanto, afinidade espiritual não quer dizer perfeição espiritual e entre Espíritos afins há todos os graus de evolução. De modo que, pode acontecer — e acontece freqüentemente — que, por fracasso de um, ou mesmo de todos dois, o casamento não se realize como estava destinado, desviando-se a prova para outra união, que não fora programada, resultando desse desvio, um casamento marcado pela incompatibilidade de gênios, com constantes entrechoques.

Eu me explico. Muita vez, na vida espiritual, dois Espíritos afins, amigos doutras eras, concertam, de acordo com os Guias Espirituais, uma encarnação em que virão como marido e mulher. Tudo preparado, um dos futuros cônjuges, seja por influência do ambiente de criação, seja pela má educação, transvia-se, degrada-se, vicia-se e, conseqüentemente, adquire péssima assistência espiritual, que, a pouco e pouco, vai destruindo o fluido magnético, que, um dia, o deveria unir à companheira ou ao companheiro da vida espiritual com o qual se comprometera. Resultado: chegada a época da realização do pacto espiritual, já não poderá haver sintonização entre as vibrações magnéticas dos dois. Embora, à primeira vista, estranha simpatia os atraia, a amizade não perdurará. Sem saber por que, o que não se degradou acabará sentindo instintiva repulsa pelo outro. Conseqüência,

se levados pelos impulsos do sexo, ou por outros interesses, esses Espíritos contraírem núpcias com outras criaturas com as quais não estavam comprometidos no Além, o casamento jamais poderá ser feliz. O que se degradou, juntar-se-á a um Espírito degradado como o dele, resultando um matrimônio malsinado pela infidelidade, pelo ciúme, e quicá, pelo crime. O que não se degradou, se, se casar, casar-se-á com uma criatura de caráter equivalente, que se afine com ele mas, mesmo assim, não se sentirá feliz, porque entre os dois faltará, sempre, aquele misterioso magnetismo que alimenta o verdadeiro amor. Pode haver compreensão, tolerância e relativa paz — nunca, porém, completa felicidade. No fundo, cada qual, embora não o confesse, sentirá que o consorte não foi o companheiro com que sonhou... E, não raro, a amizade se arrefece, cai em ponto morto e dá-se uma ruptura no lar, pela defecção de um deles, que saciado, vai tentar a felicidade noutra união. Ora, esses casamentos, por desvio de prova são muito mais freqüentes do que se imagina; e sendo assim, compreensível se torna por que, mal termina a lua-de-mel, tantos recém-casados, já se sentem enfiados e arrependidos.

Conclusão: dado o atraso dos Espíritos encarnados na Terra, o casamento, via de regra, é provação, oportunidade de resgate entre Espíritos que mutuamente se endividaram perante as leis divinas — razão por que a convivência entre ambos, não poderá ser muito agradável, tão salientes são as incompatibilidades. Por outro lado, em decorrência do fracasso de um dos Espíritos comprometidos, é bastante freqüente a realização de casamentos entre criaturas que não deveriam unir-se matrimonialmente; e nessas condições, a união também não será feliz: quase sempre, pouco durará. Restam pois, os poucos casais verdadeiramente felizes, em

que Espíritos amigos, dotados de profunda afinidade espiritual, considerados almas gêmeas, se unem, neste plano de vida, para se ampararem reciprocamente. Esse é o casamento ideal, onde o sexo pouco é, em relação à sublimidade do amor fraterno, toda dedicação e renúncia, que transmuta o venturoso par num só corpo e numa só alma!

## Comentários em torno do Casamento

É impressionante o desajustamento que atualmente se observa nos casais. Sobretudo nos grandes centros, onde mil atrações estimulam a satisfação dos sentidos. Raro é o lar em que reina a felicidade, com perfeita harmonia entre os cônjuges. Em compensação, abundam ambientes irritantes, nos quais as rixas conjugais entram em cena diariamente. E — pior do que isso — não faltam lares esfacelados pela irremediável ruptura dos liames do casamento. Nem mulheres massacradas por desquites liberticidas. Nem crianças inocentemente condenadas à privação da assistência dos progenitores...

Vários fatores, uns de ordem sociológica, outros de origem psicológica e não poucos de fundo econômico, entram no complexo equacionamento do intrincado problema. Todavia, a todos eles sobressai um elemento impalpável como o éter, mas real como a luz do Sol: é o elemento religioso, a convicção filosófica, que deve orientar a vida de toda a criatura humana, propelindo-a, sempre para diante e para o alto, em busca de um ideal mais formoso e de um destino mais nobre! E creio que em nenhum sistema filosófico, se poderão encontrar respostas mais lógicas e explica-

ções mais racionais para os angustiantes problemas, que esmagam a atual geração, do que, na Doutrina Espírita. No que toca ao casamento, como em tudo o mais, o Espiritismo acende às inteligências sinceras novas luzes, que além de lhes darem interpretação mais verídica dos fatos, ainda lhes dão forças para romperem com todos os preconceitos e seguirem o caminho que a consciência lhes aponta. Na verdade, em todos os tempos, embora com maior recato do que nos atuais, sempre houve casamentos infelizes. Talvez a maioria. Daí o conceito de que casamento é pura loteria — acerta-se por acaso. E, aparentemente assim é. Contudo, a razão está com os que intuitivamente afirmam que “casamento e mortalha no céu se talha”. Em que pese o idiotismo sintático, perdoável nos adágios espontâneos, cristalizações do saber popular, o fato é que o Espiritismo também concordando com o anexam, afirma o determinismo do casamento. Salvo os casos de “desvio de prova”, em que por fraqueza de caráter, a união se processa por interesses inconfessáveis, via de regra, o casamento é problema formulado no Mundo Espiritual, antes da reencarnação. E duas hipóteses podem dar-se. Ou os futuros cônjuges são Espíritos afins, amigos de outrora, membros talvez, da mesma família, em anterior encarnação; ou ao contrário, foram desafetos, mutuamente prejudicados, em face das leis da evolução espiritual. Na primeira hipótese, como é óbvio, haverá sincero amor entre o casal. Amor mantido por magnetismo espiritual, consequência do “fluido de simpatia” que existiu noutra vida, entre eles, e que ambos, ao voltarem à Terra, trouxeram no perispírito, para fortalecer a afeição e consolidar a união matrimonial. Amor, que, por ser de origem espiritual, resiste às maiores provações e se sobrepõe à fealdade e aos defeitos físicos do cônjuge. Porque, de toda

forma, o que prevalece é o “fluido” do amor fraterno. Por isso, uma mulher formosa, disputada, não raro, por muitos pretendentes, acaba casando-se com um cidadão defeituoso ou feio de doer. E vice-versa. Um homem de raros predicados físicos consorcia-se com uma mulher horrível e, até aleijada e, não obstante, não atenta nos defeitos físicos, porque só vê as qualidades morais da esposa. Casos há, até, em que, padecendo um deles de moléstia contagiosa, o outro consorte prefere arriscar-se à contaminação, contanto que não deixe de casar — e casar, exclusivamente, com intuito de amparar o doente, sem o humilhar. Exemplo esse, em que está claramente visível uma afeição muito profunda de vidas anteriores. Porque o que ressalta aí, é o amor desinteressado, o verdadeiro amor, o amor mais raro, até hoje, neste mundo: o “amor fraterno”, do qual apenas se aproxima o “amor materno”, cujo único defeito é uma mácula de egoísmo, pela errônea concepção das mães que imaginam que o filho é, “carne de sua carne”, quando o filho é na verdade, um Espírito eterno, independente do corpo carnal perecível e portanto, um irmão, filho de Deus, a ocupar, provisoriamente, a posição de filho, no lar terreno. De toda forma porém, são os lares construídos na base do amor fraterno, os únicos que resistem às mais inesperadas vicissitudes, sem jamais se esboroarem. Os outros, organizados para resgates de provas, mediante o encontro de cônjuges que, noutra vida, foram inimigos ou, pelo menos, antipáticos, esses estão sempre, sujeitos a constantes entrechoques. Não só porque o casamento fora estimulado, apenas, pela atração sexual ou por mera conveniência social, sentimentos que não perduram, como porquê, as velhas querelas de anterior encarnação, logo se lhes patentearão na explosiva incompatibilidade de gênios, exigindo de cada consorte tre-

mendo esforço de tolerância e de paciência, a fim de não desfazerem o lar. Mas, de toda a maneira, não será o amor que manterá o casamento — serão os filhos, Espíritos afins de vidas anteriores, que vêm participar da provação do casal, na situação de dependentes e por cuja amizade os pais procuram manter certo equilíbrio no lar. E quando não há filhos, há sempre o preconceito social, que afeta sobretudo a mulher, obrigando-a não raro a tremendas humilhações. Sobretudo quando o marido, prevalecendo-se do falso direito que o homem a si mesmo se arrogou, cisma de dar vazão aos recalques do casamento, arranjando amantes mais jovens e mais belas do que a esposa, sem atentar que, embora mais belas e mais jovens e talvez por isso mesmo, tais mulheres nada querem senão conforto que ele lhes possa dar. Entretanto, perante as leis divinas, os direitos do homem e da mulher são exatamente iguais. Quando o homem engana a mulher, perde a razão se ela o trair. Porque é preciso não esquecer que, na posição de marido e mulher, o que existe, na realidade, são dois irmãos, dois Espíritos eternos, com os mesmos deveres e os mesmos direitos perante a espiritualidade. E, se o mundo é cruel com a mulher infiel e complacente com o marido prevaricador, é porque as leis foram feitas pelo homem e ele se julga dono da vida. Todavia, ao desencarnar, o marido que enganou a esposa verá-se numa posição terrivelmente humilhante, não só porque, em seu perispírito, a ex-esposa poderá “ver” todas as cenas de luxúria com que ele a traiu na Terra, o que não lhe será muito agradável, como porque terá de passar algum tempo no plano espiritual das mulheres que teve como amantes, plano de prostitutas, onde desenrolam cenas dantescas de sórdida depravação, de mistura com lamentos,

choros, pornografias, apóstrofes e blasfêmias, o que não é, penso eu, local aprazível para um cidadão, que, embora mulherengo, não fora totalmente pervertido.

De resto, o que ficou dito para o marido infiel, com maior razão, acontecerá à esposa que prevarica, prostituindo-se. Isso não é mera conjectura: é fato de observação: devem valer, portanto, como advertência aos casais desajustados de hoje, que amanhã, serão do outro lado da vida, se não inimigos figadais, pelo menos, irmãos mutuamente ressentidos e humilhados. De toda forma, vítima dum casamento fracassado por tibieza moral dum, ou dos dois cônjuges.

Contudo, em face da conceituação espírita, a manutenção da união conjugal tem limites. Porque, o primeiro dever de cada criatura é cuidar de sua própria evolução espiritual. Assim sendo, quando ao fim de certo prazo, um dos cônjuges, por desgraça, se degrada, tornando-se por exemplo, um bebedor contumaz ou um jogador sem escrúpulos e sobretudo, se, revelando os mais sórdidos sentimentos, o marido tenta levar a esposa à degradação, prostituindo-a para caftiná-la, como infelizmente, não é muito raro, quando acontece tal descalabro, nada justifica que perdure a falsa união. O casamento, nesse clima moral já não é oportunidade de evolução: é despenhadeiro para a degradação. Cabe ao cônjuge que se não degradou o direito líquido e certo de romper os liames com o que se revelou dotado de tão péssimo caráter. O que não se justificaria é que, por estulto preconceito, se arriscasse ele também à degradação. Mesmo porquê, em tais condições, a união conjugal já não aproveitaria a ninguém — nem aos filhos, que, criados num ambiente de disputas e viciações, só encontrariam perniciosíssimos estímulos ao transvio moral.

Portanto, quando um cônjuge se degrada moralmente, cessa automaticamente, para o outro, a obrigação de conviver com ele. Se a incompatibilidade de gênio pede tolerância, a incompatibilidade de caráter impõe, como medida profilática, a separação. Porque na verdade, o casamento só vale enquanto possa servir ao progresso espiritual dos cônjuges e dos filhos. Caso contrário, a união malfadada, longe de louvável, é condenável perante às leis espirituais, de vez que o lar se transforma num foco de retaliações pessoais e de contaminação coletiva. Numa palavra — ensinando-nos as graves responsabilidades do casamento, o Espiritismo demonstra-nos, contudo, que, no matrimônio, como em tudo, só o amor constrói para a eternidade.

## Sobre o Anticoncepcionismo Biológico

Hoje, tentando elucidar um problema, que me foi equacionado por inteligente ouvinte, vou abordar um tema de suma importância, para o qual chamo a atenção das confreiras que, neste momento, me ouvem. Refiro-me ao anticoncepcionismo biológico pelo método de Ogino-Knaus, aprovado pela Igreja Católica, conforme frisou a missivista.

Sabido que o emprego do referido método anticonceptivo visa limitar, ou, mesmo, evitar o nascimento dos filhos, eu me permito, antes de emitir qualquer opinião, recapitular alguns ensinamentos do Espiritismo.

Como sabeis, minhas irmãs, à luz da Filosofia Espírita, a maternidade, mais do que sublime missão diante dos homens, é gloriosa oportunidade de amparo e de resgate perante as leis de Deus. Na verdade, uma mulher não se torna mãe por mera coincidência. Quando encarnou mulher e destinada a procriar, fê-lo em obediência a uma lei de sábia justiça, que rege o mecanismo da reencarnação, determinando, para cada criatura, o destino que mereceu e que mais lhe convém no progresso espiritual. Caso contrário, o destino, inclusive o sexo, seria questão de sorte ou de azar, critério incompatível com a justiça de um Criador, verda-

deiramente sábio e bom. Por outro lado, os filhos não nascem por acaso, na dependência exclusiva dos contatos sexuais. Contrariamente ao que imaginam nossos sábios, a embriogênese toda inteira não é milagre da físico-química celular: é trabalho de Espíritos elevados, produto da mentalização de embriologistas do Além. Desde a fecundação do óvulo até a expulsão do feto, tudo é obra da radiação mental de sábios do Mundo Espiritual, que, movimentando as leis biológicas, colaboram com Deus na realização dos fenômenos naturais. Por enquanto, nossos biólogos só descobriram a face material, físico-química, da embriogenia. Mas os espíritas não podem desconhecer o lado transcendental da fecundação e da organização do embrião, onde, ao lado das leis biológicas, atua a sabedoria dos Espíritos, inspirada na vontade de Deus. Sim, porque, cada Espírito que encarna antes de ser um filho, é uma criatura de Deus, possuidora de méritos e de deméritos e que, por conseqüência, deve receber de empréstimo exatamente o corpo que mereceu, assim como deverá ter, na Terra, o destino a que fez jus, por suas obras, em vidas anteriores. Mas o que acima de tudo não podeis ignorar, minhas irmãs, é que existem, do lado de lá, milhões de Espíritos aguardando, com sofreguidão, o momento auspicioso de voltarem à Terra, para repararem velhos erros e para conquistarem novos valores morais, sem o que não poderão ter acesso a melhores planos, no Mundo Espiritual. E se, dentre eles, muitos estão em planos de relativa felicidade, a maioria permanece em zonas purgatoriais, atormentada por sofrimentos horrorosos, a implorar a misericórdia duma encarnação reparadora, no antigo teatro de suas culpas! Além disso, vós não desconheceis, minhas irmãs, que, salvo os casos de encarnação compulsória, toda mulher que trouxe o encargo da maternidade, an-

tes de encarnar, já se comprometeu, na vida espiritual, a dar corpo a certo número de Espíritos, com os quais tem afinidades, e, por isso, prometeu ajudá-los, ou contra os quais praticou atos reprováveis, e, por isso, se comprometeu a repará-los. Nessas condições, nem só o número de filhos, como a espécie de Espírito que deverá encarnar, é assunto predeterminado no plano espiritual, de acordo com o passado daquela que lhes servirá de mãe. De modo que, se uma mulher veio com o compromisso de ter, por exemplo, 6 filhos, nunca teria 7, por mais ativa que fosse sua vida sexual. Menos, poderá ter. Voluntária, ou involuntariamente. Mas, de toda maneira os Espíritos que não puderam vir, lá estarão, na vida espiritual, aguardando a morte de quem lhes negou o corpo, para fatal ajuste de contas, no qual a compreensão do erro e o remorso pelo fracasso flagelarão a consciência da mãe egoísta. E o pior é que, muita vez, ao desencarnar, a mulher que evitou filhos ou que limitou a prole, vai reencontrar estacionário no Mundo Espiritual, num plano de cruéis sofrimentos, um ser, que muito amou, noutra existência, e com o qual se havia comprometido no sentido de lhe propiciar um corpo, tirando-o, pela reencarnação, daquele tormento! Mais grave, porém, é a situação, quando, em vez dum amigo, o Espírito que ficou privado da encarnação, pelo uso do anticonceptivo, é um inimigo figadal doutras eras. Neste caso, o encontro da mulher culpada, com o inimigo que, para reparação de crimes antigos, deveria receber no regaço como filho estremado, é verdadeiramente dantesco! Mas como as leis de Deus não se burlam, o resgate que não se fez pelo amor materno, far-se-á, de qualquer forma, em situação muito mais humilhante e dolorosa, encarnando, por exemplo, o Espírito prejudicado como chefe ou patrão e quem lhe recusou a maternidade como su-

bordinado ou servo. E, na hipótese, por mais diligente que seja o inferior, o que está socialmente em situação superior, comportar-se-á como autêntico algoz, tão repulsiva será a antipatia que, sem saber por que, votará àquele subordinado!

Dei, apenas, um exemplo entre mil outros, que poderia dar. Contudo, do que foi dito, já se pode concluir que, diante da espiritualidade, as conseqüências para quem limita ou evita os filhos são exatamente as mesmas. De toda forma, o futuro espiritual da mulher que racionou ou que evitou a prole, estará agravado com resgates muitos mais pungentes. Na melhor das hipóteses, a mãe relapsa ficará sujeita a uma encarnação num meio tacanho, junto de gente rude, que desconhece o ritmo biológico da ovulação, para parir, além dos Espíritos que não pariu na anterior encarnação, os outros Espíritos que, na nova encarnação, deverá amparar pela maternidade, perfazendo, assim, um total numeroso, como essas criaturas que têm 20 ou mais filhos, sem evitar e sem reclamar, deixando perplexos os que ignoram o mistério dessa vocação maternal...

Contudo, casos há, raríssimos, em que se justifica o método anticoncepcionista: é quando, em virtude de doença ou de defeito físico, a gestação pode ser fatal para a mãe; sobretudo, se, além disso não existem probabilidades para o feto. Nesse caso, a concepção deixaria de ser uma obrigação, porque seria suicídio... Mas, de toda forma, o problema só poderia ser solucionado por uma junta médica — nunca pelos leigos.

Quanto aos impecilhos de ordem moral, a situação é encarada diferentemente pela Doutrina Espírita, porque, quando o Espírito vai encarnar, exceção feita para as encarnações compulsórias, está ciente da situação que deverá

enfrentar no novo lar. Já sabe, por exemplo, que nascerá num lar desajustado, que sofre as conseqüências de ainda não haver divórcio, porque, em vidas passadas, contribuiu para desajustar outros lares, e, agora, qual novo Talião, vem sentir, na própria carne, aquilo que outrora fez outras crianças padecerem. E se o caso for de ordem econômica, menos justificativa encontrará, porquanto o filho que nasce num lar pobre é precisamente um Espírito que, ou por ter fracassado com a riqueza, ou por não poder ainda utilizar o dinheiro nem em proveito próprio, tem necessidade de lutar com dificuldades financeiras, para sua elevação espiritual. Na verdade, à parte os casos de encarnações compulsórias, destinadas a espíritos atrasados, que passam da vida terrena para a vida espiritual, sem se desprenderem da crosta terrestre e sem se adaptarem à vida espiritual e, por isso, são encarnados e desencarnados sem serem ouvidos pelos Espíritos superiores que planificam as reencarnações, à parte esses Espíritos atrasados, nenhum outro encarna enganado: antes de virem para a Terra, eles já aceitaram as condições da reencarnação. Dificuldades financeiras e delicadas situações morais não justificam, pois, diante de Deus, os métodos anticoncepcionistas, ainda mesmo que se trate dum método biológico. Todavia, se houver algum caso de consciência em que a mulher queira assumir a responsabilidade perante as leis divinas, nenhuma desgraça irremediável lhe acontecerá. Mas posso jurar que, seja qual for sua religião, nas próximas encarnações virá sobrecarregada com o resgate que não realizou na presente existência, e, na vida espiritual, terá de enfrentar problemas desagradáveis com os filhos que deveria ter. Nada mais. Porque, de fato, não há castigo eterno; nem mal que se não repare. Mas, em compensação, não há dívida que se não pague. E, como já preve-

nia Jesus, paga-se até o último ceitil! De resto, como a lei é válida para todos, seja de quem for a culpa do emprego do anticoncepcionismo biológico, do homem ou da mulher, nem um nem outro fugirá à reparação da falta cometida, embora, para isso, venha a precisar de várias reencarnações, retardando, assim, de vários séculos, o progresso de seu Espírito!

## Sem Pílulas

O papa recuou. Os católicos dividiram-se. Uns, perplexos, permaneceram agarrados às pílulas; outros, prudentes, retornaram aos dogmas. Eis a “explosão” prevista, há dias, por vultos proeminentes do clero. Sem embargo, pela primeira vez, eu estou do lado de um Papa, embora os nossos pontos de vista não coincidam exatamente.

O assunto esteve em pauta na TV, estimulado por mim. É complexo e de transcendental significação para o futuro da humanidade. Mas a mim só me deram cinco minutos. Tempo irrisório para equacionar o problema. Optei pelo lado mais obscuro e, por conseqüência, mais desconhecido, posto que importantíssimo para o Mundo Espiritual. Ressaltei, a galope, os tremendos prejuízos que a limitação indiscriminada da natalidade traria para os candidatos à reencarnação. Adverti que todos nós, agora providos de maravilhoso corpo carnal, amanhã, transportados pela morte para o plano dos Espíritos, face a face com a nossa consciência e torturados pelos nossos fracassos, poderíamos ser incluídos entre as vítimas do abuso das pílulas anticoncepcionais. A reencarnação suplicada, na ânsia de conquistar valores anteriormente menosprezados, seria, fatalmente, retardada

por falta de corpos para todos os candidatos que houvessem feito jus à nova encarnação. De resto, tentei deixar patente que os problemas da encarnação, de acordo com os ensinamentos do Espiritismo, são criteriosamente estudados por veneráveis Mestres, no Mundo Espiritual. Conseqüentemente, a verdadeira planificação da família pertence ao mundo espiritual ou — mais explicitamente — aos Senhores do Carma, intérpretes da vontade divina...

Nessa altura fui obrigado a calar-me. O tempo estava esgotado e J. Silvestre afobado. Com a mensagem truncada, era de esperar que eu fosse convidado a completá-la. Mas não fui. Em compensação, como se eu houvesse mexido em casa de marimbondo, surgiram vultos representativos da Igreja Católica — todos opinando sobre a pílula, a explosão demográfica, o perigo da fome universal e a necessidade da planificação da família. Dentre eles destaco a freira médica, ou melhor — a médica freira, porquanto de sua brilhante atuação na TV, o que transpareceu, de fato, foi a sua erudição no campo da medicina, especialmente no setor da histologia e da embriologia, em detrimento dos conhecimentos relativos à vida espiritual. Na verdade, a médica freira falou como autêntica materialista, admitindo, *a priori*, que a vida humana principia com a fecundação do óvulo — hipótese em que os anticoncepcionais, biológicos ou não, não poderiam atentar contra uma coisa que ainda não existia!

Todavia, se esta tese prevalecer, força é admitir que a alma ou espírito é um epifenômeno, um subproduto da matéria, uma resultante fatal do dinamismo micro físico-químico das células sexuais. Conseqüência: comprovada a morte, desagregada a matéria no esterquilínio tumular, evaporar-se-á tudo o que se nos afigurava patrimônio indestrutível do Espírito eterno! É a tese materialista, implicitamente acei-

ta por criaturas que fizeram votos religiosos! Dou de barato que se nos possa objetar, como admitem alguns teólogos, que Deus cria o Espírito no momento da fecundação, inserindo-o em seguida, no ovo recém-formado. Mas isso é horrível! Transfere-se ao Criador o papel abjeto de vigiar alcovas, aguardando o momento da cópula para criar novo Espírito e, com ele, dar vida espiritual ao ovo! A única vantagem dessa concepção absurda é exculpar o crime espiritual de que, sem justificativas científicas, desejam utilizar as pílulas para fugirem à maternidade espúria. Com efeito, embora a pílula contrariasse os desígnios de Deus, não poderiam destruir a vida que ainda não existiria, de vez que o óvulo não chegou a ser ovo!

De toda sorte, escorada na tese materialista, a ilustre colega que, como médica e freira, prosseguiu na TV o tema que eu iniciei, mas não acabei, deixou aos telespectadores ótima impressão, com a ilusão, talvez, de que a Igreja Católica, que sempre fora conservadora e intransigente, agora estava mais atualizada e mais liberal do que o Espiritismo, que não é dogmático, e cuja doutrina é essencialmente evolucionista, progredindo passo a passo com a Ciência. Pretendo, nos próximos artigos, esclarecer o que não tive oportunidade de explicar na TV. Quero deixar evidente as razões pelas quais o Espiritismo faz restrições aos anticoncepcionais. E ainda bem que o Papa agora está do nosso lado!

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Dr. Penna Ribas

62

## Ainda sem Pílulas

O Espiritismo afirma — e confirma — a reencarnação. Afirma nos postulados fundamentais da doutrina; e confirma com fatos de observação — às vezes espontâneos, outras vezes provocados com a regressão de idade.

Na verdade, o homem não nasce — renasce. Porque nasceu da mente do Criador em passado remoto, em tempo incalculável. Nasceu ignorante e inocente, dotado potencialmente das faculdades que deverá desenvolver no ciclo de sua evolução. A escola para o seu aperfeiçoamento é o Universo, com um número assombroso de classes. A moderna Astronomia registrou milhões de sóis idênticos ao do nosso sistema planetário. É lícito admitir-se que, em torno desses longínquos astros fulgurantes rodopiem planetas semelhantes ao nosso, com vida idêntica à da Terra, e, por conseguinte, com encarnação.

Mas de toda sorte, em cada mundo, o homem terá o corpo compatível com o ambiente. Pensar ao contrário, é raciocinar como o peixe de Camille Flammarion, que, vivendo em trevas nas profundezas oceânicas, não acreditou na existência de um mundo aéreo, revelado pelo peixe das claras águas da superfície marinha. Para o cego do abismo

oceânico, o único mundo habitável seria o aquático. Também, no conceito de muitos cientistas, a única forma de vida existente no Universo, é a da Terra.

Contudo, a despeito do valor dos sábios, estes conceitos, valem no campo de seus conhecimentos, mas não podem prevalecer em assuntos que não quiserem investigar; ou melhor — que ainda não puderam investigar.

Todavia, quando a Ciência emudece, apela-se para a Filosofia, que, não raro, é ciência *in fieri*. De resto, os fenômenos de materialização de espíritos desencarnados e os fenômenos de desmaterialização parcial ou total do próprio organismo do médium, demonstram que o homem é de fato um Espírito, provisoriamente encarnado num corpo adequado à vida terrena.

Plasmando com o ectoplasma do médium, um corpo semelhante ao que possuiu na Terra, ou desagregando o corpo carnal, o Espírito perdurou com sua identidade. Logo o corpo físico é indumentária efêmera. O verdadeiro homem é o Espírito imortal. E isso é convicção antiga de veneráveis pensadores.

Nos *Vedas* em hinos escritos cerca de quinze séculos antes do nascimento de Jesus, há textos como este: “Eis-me, de novo, revestido de um corpo”. Ora estar revestido de novo de um corpo é o mesmo que dizer que está reencarnado. Assertiva que está ainda mais patente noutro livro sagrado, também hindu e também antiquíssimo — o *Bhagavad-Gita* onde se vê, claramente vista, a seguinte passagem: “Eu tenho muitos renascimentos; e tu também Arjuna.” E, complementando o pensamento, acrescenta o Mestre hindu: “Assim como trocamos por novos os vestimentos usados, assim a alma deixa os corpos gastos para vestir outros.” É a palingenesia, confirmada pelo Espiritismo.

Palingenesia que fora apregoada, outrossim, pelos “Iniciados” do velho Egito, na teoria da metempsicose. Com um erro apenas — as reencarnações se processavam com intervalos de três mil anos, com passagem pelos corpos de animais. Além disso, a reencarnação fora aceita por gregos e romanos. Do Hades grego o Espírito imperfeito “volvia ao círculo das existências corpóreas”.

E, como escreveu Virgílio, depois da passagem pelo Létiis, o rio do esquecimento, “as almas começam a sentir desejo de tornar ao corpo”. Poderia citar também Pitágoras, Plotino, Porfírio, Jâmblico... Mas prefiro respigar na *Bíblia*.

Referindo-se a Jesus, afirmou Jeremias: “antes que fosse ele gerado no ventre de sua mãe, eu já o havia conhecido”. Conclusões: se Jeremias e Jesus já haviam preexistido à encarnação terrena, por que motivo, sobrevivendo à morte, não poderia, novamente, reencarnar? Aliás, os próprios judeus acreditam que Jesus fosse um dos antigos profetas reencarnado. E, quando lhe perguntaram se antes dele não deveria vir Elias, Jesus afirmou: “Digo-vos que Elias já veio e que o mundo não o conheceu e fez dele o que lhe aprouve”.

E com a palavra do glorioso Instrutor da humanidade, encerro a argumentação. Ficou claro que o homem é um Espírito eterno, provido de um corpo adequado à vida de nosso planeta. Logo o homem não é mero produto do ovo fertilizado. Como Espírito já existe, antes da fecundação. A encarnação é que se inicia com a junção das células sexuais. Não ignoro que o problema da fusão do Espírito à matéria foi sempre, como disse o nosso Farias Brito, “o desespero dos filósofos”. Não desconheço a batalha intelectual travada desde Anaxágoras. Nem a hipótese de *res cogitans* de Descartes. Nem da mônada de Leibniz. Nem o monismo

de Spinoza. Mas a Doutrina Espírita também dá uma explicação para o misterioso problema da junção do Espírito ao corpo carnal.

De toda forma, de acordo com o ensinamento colhido do Mundo Espiritual através de médiuns autênticos, a encarnação é planificada no Além, consoante os méritos e deméritos de cada Espírito — e é imprescindível à evolução. Conseqüentemente, obstar o progresso dos Espíritos é atentar contra as leis divinas, exceção feita, é evidente, para os casos em que alterações patológicas, por si mesmas, já contra indiquem a gestação ou o parto.

Como se conclui, do ponto de vista espírita, é tão errado o emprego indiscriminado das pílulas anticoncepcionais, quanto o método de Ogino, porquê, de toda maneira, se impediu a encarnação, com enorme prejuízo para os Espíritos que necessitam voltar à Terra.

## Novamente sem Pílulas I

O problema da origem da vida é permanente desafio aos sábios.

Hoje como antanho, o problema continua a zombar da argúcia dos pensadores e da técnica dos cientistas. Séculos antes da era cristã, já torturava os filósofos da escola jônica. A fugaz observação de fatos corriqueiros induziu-os à aceitação da geração espontânea, admitida pela plebe ignara. Tales de Mileto, por exemplo, acreditava que a vida nascia do lodo sob a influência do calor. Anaximandro admitia que os seres vivos provinham do lodo do mar, atravessando fases evolutivas. Anaxágoras também aceitava que a vida surgia do lodo da terra, sob a influência de “*spermata*”, sementes ou embriões aéreos, transportadas da atmosfera para a terra pelas águas das chuvas... Até Aristóteles, à cuja posante cerebração se deve a mais completa síntese dos conhecimentos da antiga ciência e cuja influência perdurou durante vários séculos, até Aristóteles acreditou que vermes e larvas de insetos nascem do esterco e da madeira podre!

Verdade é que, para o fundador da escola peripatética, a vida originada do esterquilínio era produto da matéria fecundada pela entelequia, espécie de “fluido vital” que lhe

presidia à organização e à movimentação. Sem embargo, da inquestionável influência do filósofo macedônio no pensamento escolástico surgiram lendas absurdas, como a da “árvore dos gansos”, propalada pelo Cardeal Pietro Damiani, nos princípios do século XI. E da origem vegetal dos gansos à origem vegetal dos carneiros foi um pulo. Deu-o Odorico de Pordenone em 1331. O pior, porém, foi que o problema não ficou circunscrito à área dos irracionais: atingiu o homem na posição de homúnculo!

Não existindo ainda Embriologia, a embriogênese ficou obumbrada na fórmula mágica de Paracelso, que deu a receita alquimista para a “fabricação do homúnculo”! Conso-la-nos, porém, o fato do afamado médico alquimista não nos haver reduzido a matéria pura, fornecendo-nos à guisa de força vital, o *spiritus vitae*...

O conceito da origem da vida na decomposição da matéria, mediante geração espontânea, estava tão expandido que, no século XVII, Harvey, o genial descobridor da circulação do sangue, depois de haver afirmado o aforisma “*omne vivum ex ovo*”, condescendeu com a opinião popular aceitando a “*generatio aequivoca*”, resultante da ação de “forças especiais”, libertadas pela putrefação! E até Descartes e Newton aceitaram a hipótese da geração espontânea! Não admira, pois, que, para dirimir a questão, não bastassem as experiências de Redi, nem as de Spallanzani. Foi necessária a fibra de Pasteur. Mas mesmo assim, o problema foi solucionado para as condições normais de nosso ambiente terreno. Porque ninguém poderá afirmar que, sob outras condições, no misterioso seio de profundas águas oceânicas, por exemplo, não poderá haver a “materialização” de protozoários ou de microorganismos...

Apesar do dogmatismo materialista de Engels ao afirmar que a vida nunca surgiu espontaneamente, nem existiu eternamente, mas que resultou da evolução da matéria, conceitos atualmente indiscutíveis, e que prevalecem até certo ponto nas concepções de Teilhard de Chardin, o problema da origem da vida continua a desafiar a Ciência. A própria panspermia, com transporte de germes de um para outro corpo celeste, e que encontrou em Arrhenius entusiasta partidário, ainda poderá voltar à baila com o progresso da moderna tecnologia. A despeito de Urey, prêmio Nobel, ter afirmado que “ninguém sabe a origem dos meteoritos” as investigações de Nagy, Hennessy, Menschein, com emprego de espectroscopia infravermelha e ultravioleta, difração dos raios X e espectrógrafo de massa, revelaram, em fragmentos de meteoritos, significativos indícios de vida noutros planetas. De toda forma, porém, não pode haver dúvida de que a vida tal qual a contemplamos atualmente só poderia ter-se originado nos primórdios da formação de nosso planeta, evoluindo, ao depois, paralelamente às transformações geológicas supervenientes.

Sem embargo, o problema dos problemas é saber se o homem é, de fato, um animal evoluído ou um “Espírito encarnado” num corpo que evoluiu na série animal. Para nós, espiritistas, é a segunda hipótese que prevalece. De sorte que, na verdade, é preciso admitir, com Quatrefages, um quarto reino em a natureza — o reino hominal, embora tal concessão possa irritar naturalistas, antropólogos, psicólogos e, até parapsicólogos!

Contudo, a prova de que o homem é um ser à parte não está no estudo comparado dos “filos” nem no comportamento de antropóides: está na comprovação da sobrevivên-

cia, com fatos objetivos, como o da materialização de entes queridos que perderam o corpo carnal, sem com isso, perderem a personalidade!

Para nós, espíritas, o nosso Espírito é criação de Deus, para a vida universal, variando o corpo perispiritual e o corpo físico consoante o plano habitado, na infinita seqüência de vidas e de planos existenciais. E, no que toca à Terra, a encarnação é planejada no Além, por sábios Mensageiros de Deus, antigos habitantes deste mundo, que, na posição de biólogos, geneticistas, embriologistas e médicos especializados constituem a equipe encarregada de “organizar” um corpo para o candidato à reencarnação. Nessas condições, a anticoncepção voluntária, planejada, muita vez egoísta e luxuriante, é grave atentado contra as leis divinas, que poderá acarretar tormentosos sofrimentos na vida terrena, mas que redundará, fatalmente, em terrível remorso no Mundo Espiritual, onde o crime se tornará evidente. A menos que, para uso do anticoncepcional, tenha havido prescrição médica ou causa moral absolutamente justa.

## Novamente sem Pílulas II

O Espiritismo provou a sobrevivência do homem. O corpo espiritual de Paulo, o apóstolo, o perispírito de Kardec, o corpo astral dos esoteristas, o “alter ego” de certos parapsicólogos ou como queiram denominar não é mera aparência alucinatória, porque pode materializar-se e ser pesado, fotografado, palpado, auscultado medicalmente, controlando na respiração, no pulso... Outrossim, não é um corpo vazio, sem vida: é o próprio homem que viveu na Terra e que, desencarnado, sobrevive, como Espírito imortal, revestido da mesma forma terrena que possuiu, conservando as mesmas características pessoais e identificando-se aos conhecidos, aos amigos, aos parentes! Como se infere, o Espiritismo não partiu de megamoléculas nem de células primitivas para descobrir o segredo da vida: partiu da sobrevida, para provar a vida espiritual; seguiu, por conseguinte, uma trilha diversa da escolhida pelo monismo científico. Mas não nega a necessidade da evolução da matéria durante milhares de séculos para que o Espírito humano, transportado doutros planos de existência, pudesse, finalmente, encarnar neste planeta. Não contesta Lamarck nem Darwin, mas abre novo capítulo na Biologia e reabre a ve-

Iha questão da posição excepcional do homem face aos demais seres vivos e força a admissão do reino hominal, pressentido por Quatrefages. Não discute se o Espírito humano, em estágio muito mais atrasado do que o atual, foi adaptado ao embrião do pitecantropo de Haeckel, ou ao *Homoneoderthalensis* ou a outro qualquer homínideo desaparecido na poeira dos tempos.

O que importa é que o homem existe e que vive e que sobrevive! Ora, partindo dessas premissas e diante da possibilidade de evolução espiritual do homem pela aquisição de valores morais e intelectuais, força é concluir que, se o homem viveu e sobreviveu, razão não há para novamente, viver ou reencarnar, a fim de conquistar maior aperfeiçoamento no duro aprendizado da “escola” terrena. Onde se colhe que o emprego indiscriminado de anticoncepcionais, com tolher a liberdade da encarnação, fere um direito do Mundo Espiritual, obstando a evolução de Espíritos que carecem de novas experiências terrenas, para resgates de erros cometidos ou para aquisição de qualidades imprescindíveis à felicidade nos planos do Além. O direito dos Espíritos, que hoje defendo, será — lembrem-se bem — o “nosso direito”, quando, pela morte, nos vermos transportados para o lado de lá!

Para justificar a necessidade da planificação da família, invocam-se, presentemente, argumentos de ordem pessoal ou de interesse social. O problema é muito complexo e melindroso, porque, em certos casos, é problema de consciência, que cada qual deverá resolver por si, para assumir toda a responsabilidade no Mundo Espiritual, quando desencarnar. E eu de mim não pretendo ser fiscal da consciência alheia. Apenas quero focalizar o problema à luz da Filosofia Espírita. Imitando Descartes, vou dividir as dificulda-

des escolhendo casos concretos. Em primeiro lugar, os jovens casais, que evitam filhos, para usufruírem maior prazer sexual, sem os inconvenientes das náuseas da gravidez. Aparentemente parece não haver erro. E, do ponto de vista materialista, não há. Mas, encarado do ângulo da vida espiritual a falta é gravíssima, porque, no verdadeiro casamento, o que deve prevalecer é o amor e nunca a luxúria. E, quando dois jovens se amam de fato, o sofrimento de um, aumenta a dedicação do outro. O marido jovem que vê a esposa engravidar e sofrer por um ato de que participou, longe de desviar-se para a infidelidade, procura cercá-la de carinho e de cuidados redobrados, estreitando cada dia mais os laços do verdadeiro amor. De resto pela abstinência dos últimos meses, treina a fidelidade e a força de vontade — fatores primordiais à evolução espiritual. Agora, o caso dos casais que limitam o número de filhos, sob as mais diversas excusas: problema econômico, dificuldade de educação aprimorada, prisão em apartamentos, cargo remunerado que a mãe não deseja abdicar, zelo na preservação das formas corporais como isca para manter a fidelidade conjugal, etc. Esta última evasiva, é, simplesmente, torpe. O cônjuge que, na companheira, só vê a mulher ou, melhor, a fêmea, não conserva uma esposa — coloca-a no nível duma messalina! Mas as outras justificativas seriam razoáveis, se a vida fosse somente a vida terrena. Entretanto, a Doutrina Espírita ensina que a família é planificada no além. E principia pelos consortes. Se tudo correu bem, se, por degradação de um deles, não houve “desvio de prova”, os casais que se juntam já encarnaram compromissados no Mundo Espiritual. Se são criaturas afins, com encarnações marcadas pela amizade, a vida conjugal será sublimada pelo verdadeiro amor — sem traições — ainda que, por provação, um deles fique defor-

mado, mutilado ou, por distúrbio glandular, obeso ou impotente! Se, no entanto, o casamento é para resgate de faltas de anteriores encarnações, não haverá verdadeira felicidade; mas pode haver, por muito esforço, um *modus vivendi* suportável. No caso, o Espírito mais faltoso encarna como mulher, para suportar o marido, revestido dos ouropéis de falsa autoridade, criada ao tempo do patriarcado. Em compensação, se, pela humildade e pela paciência, essa esposa suportar a cruz, dará um passo glorioso no Mundo Espiritual. De toda forma, seja o casamento por afinidade ou por resgate, o número de filhos é concertado no Além, antes da encarnação dos futuros pais. E nenhuma mulher terá maior número de filhos do que o que prometeu, solenemente, aos mentores, que presidiram à reencarnação! Entrementes, se tiver um número limitado por ela mesma, ficará responsável pelo progresso espiritual dos Espíritos aos quais negou o corpo, a menos que, na espécie, tenha havido imposição arbitrária do marido, que responderá por isso. Uma coisa, porém, é certa. A mãe que nega corpo aos filhos que deveria criar, nunca terá paz de espírito. Pode aparentar felicidade. Pode possuir riqueza. Pode viver na ostentação, cercada de todo conforto. Mas sua alma estará ansiosa, inquietada, angustiada, sem causa aparente. E o seu sono, cercado das admoestações dos Espíritos a que não deu corpo, será atormentado de pesadelos. A própria saúde dos outros filhos, dos privilegiados que escaparam ao “controle”, será afetada pela extração de energias vitais de seus organismos, durante o sono, pelos Espíritos que se julgam com os mesmos direitos de possuírem um corpo carnal para esquecerem o passado errado e construírem, nas provações deste mundo, um futuro mais feliz, senão na Terra, pelo menos no Além.

De resto, na limitação dos filhos, ocorre, não raro, um fato deplorável: é que o Espírito que foi mais amigo no passado e que, na viuvez, deveria ser amparo e consolo da mãe alquebrada e envelhecida, foi privado da encarnação, porque, por imperativos cronológicos, seria um dos últimos a nascer! Alegar que a limitação da prole foi para evitar privações e dificuldades de educação, é desculpa que não vinga a luz da Doutrina Espírita. Porque cada Espírito encarna com a prova determinada.

A privação das riquezas e a limitação da instrução são provas necessárias a Espíritos que, em anteriores encarnações, abusaram do dinheiro ou da cultura, prejudicando-se ou — o que é pior — prejudicando seus semelhantes. O tema não está esgotado e prosseguirá no próximo artigo se Deus quiser.

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Dr. Penna Ribas

76

## Outra vez sem Pílulas

Na apregoada planificação da família, a tônica é a “explosão demográfica”. Se não houver limitação da prole, o mundo morrerá de fome, dizem os panegiristas dos anticoncepcionais. É o malthusianismo ressuscitado em pleno século da tecnologia — a humanidade com medo da humanidade, os que nasceram com temor dos que poderão nascer! Sem embargo, Malthus morreu, de morte natural. Se a população do mundo crescesse em progressão geométrica e os recursos alimentares em progressão aritmética, a Terra teria, presentemente, cerca de duzentos bilhões de habitantes. No entanto, o recenseamento aponta pouco mais de três bilhões! De resto, os especialistas confessam que apenas 20% dos solos cultiváveis em todo o mundo são aproveitados atualmente. E mal aproveitados. Primeiro, porque os métodos, via de regra, são primitivos; segundo, porque o que prevalece em muitas regiões, é o latifúndio e a monocultura. O exemplo do Brasil é típico. Há todo um imenso território inexplorado e, nas áreas cultivadas, quase sempre, predomina um único produto. O ciclo do açúcar, o ciclo da borracha e o ciclo do café marcam a improvidência dos que quiseram alicerçar a economia dum grande nação num único produ-

to fatalmente sujeito à concorrência estrangeira. Mas não vamos raciocinar partindo dum erro histórico. O problema deve ser equacionado no contexto atual, com os recursos da Ciência e da técnica da atualidade. A simples substituição de processos empíricos, utilizados na agricultura dos países subdesenvolvidos, por métodos modernos, multiplicaria imediatamente a produção mundial. Com o incremento dos meios de comunicação e estocagem racional da superprodução agrária, o problema da fome e, até, o da carência alimentar seriam eliminados em curto prazo. O exemplo está nos Estados Unidos da América do Norte.

Mas também Cuba e a China — a primeira durante anos limitada à monocultura da cana de açúcar e a segunda, com super população para um solo já cansado, estão vencendo a crise, uma com a policultura e a outra com a fertilização dos solos exauridos. Ora, se em regimes ditatoriais, onde a falta de liberdade e o tolhimento da iniciativa privada são fatores negativos ao estímulo e ao progresso, o problema está encontrando solução, o que não poderiam fazer os regimes democráticos, com governos competentes e honestos? Não! Na tese da planificação da família, a desculpa da “explosão demográfica” é fogo fátuo, que não resiste ao exame crítico. O essencial não é evitar a proliferação: é desenvolver os recursos agrícolas para suprir a necessidade dos que já estão morrendo de carência alimentar, ou de fome, e permitir, sem calamidade, o aumento da população mundial. Essa é a opinião de um leigo, é verdade, mas que não se deixa embair com argumentos capciosos. De resto, o que me interessa, no caso, é apenas esclarecer o ponto de vista da Filosofia Espírita. O Espiritismo não poderia impor ao mundo uma superpopulação faminta com conseqüentes hecatombes.

A Doutrina ensina que, na vida humana, o plano espiritual e o plano terreno constituem diferentes campos de lutas, com graves compromissos a cumprir. Enquanto encarnado o homem tem o dever de trabalhar, não só para o seu aperfeiçoamento moral, como para o seu progresso material. Tem, mais, o dever de contribuir, dentro de suas possibilidades, para a felicidade de seus semelhantes. O Espiritismo não manda que, face a um mundo conturbado, o adepto permaneça estático, recitando preces. Manda orar e trabalhar. O Espiritismo não deseja a desgraça dos que já estão encarnados, pela ventura dos que têm o direito de encarnar. Mas ensina que é dever do homem encarnado contribuir para facilitar a encarnação dos que necessitam do corpo carnal para ingressarem novamente na “escola” terrena. A Doutrina ensina que a encarnação é planificada no Além por sábios Espíritos — os Senhores do Carma — criaturas iguais a nós, que através de múltiplas encarnações terrenas, conquistam virtudes e sabedoria em grau tão elevado que se tornam executores da justiça divina. Nessas condições, não só a morfologia corporal como o próprio destino do Espírito que encarna, dependem de seus méritos e deméritos e estão condicionados às provas que deverá enfrentar, para conquistar novos valores espirituais e, com eles, uma felicidade cada vez maior. Se há irmãos famélicos, devemos ajudá-los dentro de nossas possibilidades — isso é caridade. Mas se não podemos solucionar o problema dos que têm fome, ajudemo-los, ao menos, com o conforto moral e com a oração, sem revoltas contra Deus, porque é lei que “a cada qual se lhe pague de acordo com suas obras”. E muitos que hoje passam fome, outrora, em vidas anteriores, encarnados na posição de sátrapas, senhores feudais ou, simplesmente, plutocratas e donos de monopólios, esparramaram a misé-

ria e a fome no seio da classe pobre, para viver como nababos e sibaritas. É a “lei do retorno”, a atuar imperativamente no carma pessoal, porque, como afirmou Jesus, “é preciso pagar até o último ceitil”.

Em última análise: para melhorar o mundo, o problema não é limitar o número de filhos. O problema é melhorar o homem, de modo que, ao invés de utilizar os assombrosos recursos da tecnologia na destruição de seus semelhantes, empregue-os na construção de um mundo melhor galvanizado pela confraternização universal. E é exatamente essa a missão do Espiritismo.

## B

### Mais uma vez, sem Pílulas

Na sensacional encíclica — o Papa preocupa-se, com razão, com o problema da fidelidade conjugal, em face das facilidades oferecidas pelos anticoncepcionais.

Sem embargo, na intrincada questão, não é esse o ponto nevrálgico. Com pílulas ou sem pílulas, sempre haverá cônjuges infiéis. Num mundo habitado por Espíritos primários que só evoluem pela dor, a “tentação da carne” é, muitas vezes, irresistível. De resto, se o problema estivesse adstrito aos casados, haveria um método anticoncepcional para testar a fidelidade da mulher: seria a vacina anticoncepcional, estudada por cientistas soviéticos e norte-americanos. No caso, os anticorpos formados destruiriam os espermatozoides do marido — e somente do marido. De modo que qualquer prevaricação com outro homem importaria em gravidez. E para a fidelidade do homem, qual a garantia? Por que motivo a mulher fica obrigada à fidelidade conjugal e o marido livre para as conquistas amorosas? Do ponto de vista da Filosofia Espírita, o erro é tão grave no homem quanto na mulher. Porque marido e esposa são, em última análise, Espíritos eternos, irmãos, porque filhos do mesmo Criador, que se encontram, na encarnação terrena,

para aperfeiçoamento espiritual. Às vezes, são Espíritos afins, que se unem com muito amor, a despeito de disparidades relativas à beleza física, à cultura, à posição social; outras vezes, são Espíritos com mútuas faltas de vidas passadas, que reencarnam, na posição de marido e esposa, para resgatarem um passado errado. No primeiro exemplo, um amor puro, mais fraternal do que carnal, superará todas as provações inerentes à vida terrena. No segundo exemplo, por mais felizes que pudessem ser, cercados que estejam do fausto e do prestígio social, no fundo do coração estarão angustiados por incompatibilidades de ideais e de temperamentos e só equilibrarão a vida conjugal à custa de mútua renúncia, em diuturna lapidação das personalidades, como pedras que perdem as arestas no mútuo atrito da corrente do leito do rio...da vida! Mas, num ou noutro caso, a responsabilidade moral perante as leis divinas são idênticas: a fidelidade conjugal é dever inderrogável enquanto a união for compatível com a dignidade humana. A questão mudaria de aspecto se eventual degradação de um dos consortes viesse a atentar irremediavelmente contra a dignidade do outro. Exemplo: o marido se torna viciado contumaz e, por força do vício, tenta induzir a esposa à degradação moral. Se, de todo em todo, não houver possibilidade de recuperação, porque o próprio cônjuge degradado a isso se recusa, a solução decente não é a infidelidade: é separação de corpos, porquanto, de almas, já estão separados.

Lamentavelmente, no Brasil, apesar de a Igreja estar separada do Estado, e da falsidade do recenseamento que, por preconceito arraigado dos declarantes, aponta um número de católicos muito acima da realidade, em detrimento de outras religiões, que, no conjunto, representam um número muito superior de profitentes, a tibieza dos legisladores, di-

ante das pressões ocultas, foi ao ponto de inscrever, em nossa Constituição, a indissolubilidade do matrimônio! Contudo, com divórcio ou sem divórcio, acima da falibilidade humana, paira a lei de Deus, que impõe à criatura encarnada um dever indeclinável — o dever de evoluir espiritualmente, conquistando, nas lides terrenas, os valores morais imprescindíveis para a ascensão aos planos habitados por Espíritos felizes, que souberam vencer suas provas. Como se infere, à luz da Filosofia Espírita, não há casamento indissolúvel, de vez que a finalidade do casamento, à margem da função sagrada de proporcionar a reencarnação dos Espíritos que deverão ser recebidos como filhos, é a evolução espiritual dos cônjuges — evolução impraticável, quando a degradação de um implicaria na deterioração moral do outro!

Todavia, muito mais grave do que o problema da fidelidade conjugal, com o advento dos modernos métodos anticoncepcionais, surgiu, em nossos dias, o problema do futuro da juventude, que é, outrossim, o problema do futuro da humanidade. Com o pansexualismo freudiano, surgiu uma filosofia barata, que, infelizmente, se infiltrou, hodiernamente, em todos os setores da cultura, provocando lamentável distorção na visão panorâmica da vida. O pavor dos complexos, o receio das neuroses, o estímulo da educação sexual precoce, a rebeldia contra valores consagrados, o menosprezo à autoridade, a rivalidade aos pais, tudo está contribuindo para que as jovens da moderna geração se libertem de princípios morais, ridicularizados como tabus superados, e dêem expansão aos instintos sexuais, numa corrida louca à sensação, sem medir conseqüências. Escudadas em métodos anticoncepcionais, muitas delas não resistirão à tentação, com cada namorado que arranjam!

Habituar-se-ão, dest'arte, à vida amorosa livre. E depois?  
Serão esposas fiéis? O problema é complexo e muito grave.  
Já há mães comprando pílulas para as filhas, com medo de escândalo!

## Finalmente com Pílulas

A celeuma mundial ocasionada pela encíclica papal condenando o uso indiscriminado das pílulas anticoncepcionais continua a apaixonar a opinião pública. Pela primeira vez, na história da Igreja, até obscuros padres se rebelaram, desassombradamente, contra a deliberação do chefe, considerado infalível em matéria de religião! Embora o problema diga respeito, especificamente, ao setor do catolicismo, é inegável que a auréola de prestígio internacional, que envolve a figura de um Papa, não poderia deixar de contribuir para provocar certa perplexidade entre sectários doutras crenças, inclusive no meio espírita. De resto, as implicações do emprego de anticoncepcionais são de órbita mundial: interessam a todos, católicos ou não. Por isso, julguei de bom alvitre focalizar o problema do ponto de vista da Filosofia Espírita; filosofia, que, em minha opinião, abrange conhecimentos muito mais profundos, acerca da vida no Além. Em decorrência desses conhecimentos, auferidos diretamente na fonte verdadeira, porquanto provenientes dos próprios habitantes do “outro mundo”, o ponto de vista do Espiritismo não poderia coincidir com a opinião dos religiosos, que, exatamente como os materialistas, concebem a vida do

homem como fenômeno decorrente, exclusivamente da fecundação do óvulo. Nessa hipótese, teríamos de admitir, logicamente, que o Espírito seria apenas um epifenômeno, resultante da micro-físicoquímica celular, e, por consequência, não poderia sobreviver à morte do corpo. A verdade estaria toda inteira com o materialismo e papalvos seriam os que alimentassem esperança de vida espiritual. Noutra palavras: toda religião seria uma aberração e o religioso, um lunático! Ora, havendo provado, com controle de autênticos sábios, desde o século passado, que os Espíritos são ex-habitantes da Terra, que sobreviveram, e que, em sua maioria, confirma a lei das reencarnações, o Espiritismo afirma que, antes da fertilização do óvulo, o Espírito, que deverá aproveitar o corpo carnal originário da junção das células sexuais já vive e já tem direitos assegurados pelas leis divinas.

Nessas condições, a planificação das encarnações pertence ao mundo dos Espíritos. E, dificilmente, a planificação da família, feita ao arbítrio do homem, na maioria das vezes movido, exclusivamente pelo egoísmo, poderia satisfazer aos alevantados objetivos dos Mestres do Além, que regulam as reencarnações. Procurei, nos artigos anteriores demonstrar como todas as justificativas apresentadas pelos partidários dos métodos anticoncepcionais se chocam com a realidade do Mundo Espiritual. Expliquei, à luz da “Doutrina dos Espíritos”, por que razão muitos Espíritos necessitam de sofrer a provação da pobreza e a do aleijão. Argumentei, com dados colhidos de um representante do Brasil na Organização das Nações Unidas — ONU, que não há perigo na “explosão demográfica”, porque apenas uma fração das terras cultiváveis está sendo cultivada, e mal cultivada! Tentei, enfim, descerrar, diante dos olhos dos leitores,

um mundo novo, revelado pelos habitantes do Além, onde todos nós estaremos brevemente, pois, como diziam os antigos: *Ars longa, vita brevis*.

Hoje, quero ressaltar que o Espiritismo, filosofia racional, baseada em fatos de observação e eminentemente evolutiva, não poderia ser implacável no que tange à anticoncepção. Não só as pílulas, como o método de Ogino ou outro qualquer método anticoncepcional de caráter científico poderá e deverá ser utilizado, quando houver indicação médica para isso. Outrossim, em casos excepcionais, quando a vinda de um filho criaria problemas dramáticos, o emprego das pílulas, teria justificação, respondendo, porém, a criatura que as usou, diante das leis divinas e, de toda forma, agravando, nas futuras encarnações, os encargos que trará para a Terra. Mas, de toda maneira, ninguém sofrerá penas eternas, porque não há faltas irremissíveis. Como se infere, excluídos os casos clínicos, todos os demais são “casos de consciência”, que cada um deverá solucionar por si mesmo, com a mão na consciência e sem se esquecer que um dia estará do lado de lá, suplicando a bênção de um corpo, para nova encarnação, em busca da perfeição — único caminho para a conquista da verdadeira felicidade!

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Dr. Penna Ribas

88

## Da Relação entre o Perispírito do Feto e da Gestante

Equacionando problemas concernentes às relações estabelecidas, durante a gravidez, entre o perispírito do feto e o perispírito da gestante, quero ressaltar como violento choque emocional sofrido por mãe altamente sugestionável pode determinar, no filho, durante a vida intra-uterina, alterações morfológicas, originando “sinais de nascença” e, até, deformidades anatômicas, ocorridas no perispírito da gestante que podem redundar em graves prejuízos para o feto.

Todavia, mais uma vez, quero salientar que tais ensinamentos não fazem parte, por enquanto, do corpo da Doutrina, podendo ser aceitos ou não pelos espíritas. Na verdade, devem ser considerados como dádiva “por acréscimo”, que oferto, com particular reverência, à mulher espírita.

Contudo, antes de entrar no âmago da questão, quero recordar às confradeiras que me ouvem que o processo da reencarnação neste mundo é supervisionado por Espíritos Superiores, os chamados Senhores do Carma, pelos brâmanes.

Dotados de imenso saber, dominando inteiramente nossos conhecimentos científicos, esses Mestres, utilizando-se das leis da Genética e da Embriogenia, planificam a constru-

ção do corpo carnal, de acordo com os merecimentos e as necessidades de cada Espírito que deve encarnar. Embora as criaturas, que ignoram a lei de causalidade moral que rege a dotação dos corpos, se revoltam, muitas vezes, contra a indignidade de predicados físicos, inconformadas com a fealdade, ou com a precariedade da saúde, o fato é que cada qual tem exatamente o corpo que merece e que necessita, para evoluir mais facilmente. O erro provém, sobretudo, do fato de encarar-se o corpo como objeto de prazer sensual e não como instrumento para a evolução espiritual. Compreendida a verdadeira finalidade da encarnação terrena, ninguém se queixaria, estou certo, do corpo que ganhou... De toda forma, a grande verdade é que o corpo carnal não é, apenas, produto eventual de efêmero contato sexual: é a representação, no plano físico, do corpo espiritual, que, em cada encarnação, reveste o Espírito, que volta à Terra. Arquétipo do corpo carnal, o corpo espiritual ou, simplesmente, o perispírito não é, como poderia parecer, um corpo simples, constituído de um único elemento, ou, melhor — duma única forma de radiação: ao contrário, o perispírito é complexo “campo de força”, dotado de várias faixas de radiação; umas, inerentes à evolução do Espírito, assinalando conquistas realizadas, valores acumulados, virtudes cultivadas em seu longo passado de lutas, através de numerosas encarnações; outras, independentes do esforço realizado pelo Espírito, organizadas pelos Mestres que presidem à encarnação, com vistas à planificação do corpo carnal. Como se infere, há, no perispírito, um campo de força que acompanha o Espírito, esteja ele encarnado ou desencarnado, e um campo de força efêmero, constituído de fluido vital, responsável pela coesão molecular e pela manutenção da vida animal, contro-

lando, durante toda a encarnação, por intermédio de energias físico-químicas, todos os fenômenos biológicos, quer sejam fisiológicos ou fisiopatológicos.

Na verdade, o grande segredo da vida, seja ela do homem ou dos animais, reside nesse misterioso campo de força vital, que, penetrando nas moléculas orgânicas como a luz atravessa o vidro, governa todos os fenômenos vitais, de tal forma que, esgotada a energia desse prodigioso campo de força, extinta será a vida, com a antecedência dos sinais de senilidade.

Ora, dependendo toda a organização e todo o funcionamento do corpo carnal do “campo de força vital” do perispírito e sendo, durante a gravidez, o perispírito do feto absorvido pelo perispírito da gestante, evidente se torna que, no período da gestação, além das relações estabelecidas por via transplacentária, existe uma ligação muito mais fundamental entre mãe e filho, pela união dos fluidos vitais dos perispíritos de ambos, de tal modo que os desequilíbrios do perispírito materno podem determinar sérias conseqüências sobre o organismo da criança.

Muito sensível às manifestações psíquicas, basta, muitas vezes, uma emoção da gestante para provocar o aborto. Outras vezes, é a revolta com que a gestante recebe a gravidez que acaba desequilibrando o campo de força vital do feto e impedindo a encarnação. Também pode acontecer que a mãe, médium faltoso, dê passividade a Espíritos inferiores, a ponto de afetar-lhe a integridade do perispírito. Nessa hipótese, como o perispírito da mãe está unido ao do filho, dois fatos podem acontecer: — o aborto ou a degeneração de elementos embrionários, com má formação de certas estruturas anatômicas, determinando o nascimento de um monstro! E como, no caso, não estava previsto o aborto

e, muito menos, a monstruosidade, caberá à mãe a responsabilidade pela desgraça do filho; pois se seu comportamento condenável não houvesse concorrido para adquirir tão péssima assistência, nunca Espíritos maléficos poderiam atingi-la, a ponto de arruinar o destino do filho que trazia ao ventre. Caso contrário, não só o seu como o Guia Espiritual do nascituro haveriam de defender heroicamente a integridade do feto. Mas quando o desejo do erro parte do íntimo da gestante, quando seus sentimentos estão sintonizados com os baixos padrões dos Espíritos malfeitores, então é da lei que ela sofra as conseqüências de suas iniquidades, arrastando nessa queda no abismo o Espírito, que, para resgate do passado, aceitou encarnar como seu filho. De toda forma, a dívida se agravou, porque, contando com um corpo perfeito, o pretendente à encarnação viu-se despojado do útero, ou condenado a nascer deformado como monstro!

Contudo, ninguém pense que, em casos semelhantes, os amigos e protetores do nascituro não envidam os maiores esforços para ampará-lo. Não fora esse trabalho oculto e poucas gestações chegariam a termo, tantos são os desatinos que as gestantes cometem contra seu perispírito, nessa fase de transcendente significação espiritual, que é a gravidez!

Prova do esforço realizado pelos Protetores Espirituais da mãe e do filho, com o intuito de salvar uma encarnação considerada improtelável, foi o fato ocorrido, há poucos anos, em São Paulo, e divulgado por conceituado vespertino desta capital. Um casal de jovens, filhos, netos e bisnetos de italianos, sem que se soubesse da existência de qualquer ancestral negro ou mestiço, vinha de ser surpreendido com o nascimento de um filho negro retinto! Houve consultas a especialistas e, por mera especulação, um professor universitário admitiu se tratasse de um caso de atavismo, embora,

para formular tal hipótese, se visse obrigado a fazer vista grossa ao fato reiteradamente afirmado pelo casal de não haver, absolutamente, em ambas as famílias, até a quarta geração, pelo menos, o menor laivo de mestiçagem.

Entretanto, a reportagem se referia a um fato que, embora parecendo sem importância, era, na verdade a chave do mistério. É que os jovens, antes do casamento, freqüentavam um Centro de Umbanda, um culto africano, como se sabe. Casados, continuaram no “terreiro”. Grávida, a jovem esposa, ignorando as relações que se processam durante a gestação entre o perispírito da mãe e o do feto, continuou a freqüentar o “terreiro” durante toda a gravidez!

Em contato constante com Espíritos africanos, o perispírito da gestante estava impregnado de fluidos da raça negra, e, em se tratando de Espíritos pouco evoluídos, presos ainda ao ritual, ao fumo e ao álcool, o fluido do perispírito de tais “protetores” têm uma radiação tão prejudicial, sob certos aspectos, que derretem, se assim me posso expressar, os fluidos mais aperfeiçoados de qualquer criança espiritualizada, e, com mais razão, do perispírito delicado dum feto.

Nessas condições, fanatizada como estava a gestante pelo “terreiro”, os Guias Espirituais da criança nada poderiam fazer para proteger os fluidos do filho, completamente unidos, desde o 6º mês de gravidez, aos fluidos do perispírito da mãe. E o resultado seria fatalmente o aborto pelo “derretimento” do fluido vital da criança. Havia, porém, uma solução: seria proteger o perispírito do feto com fluidos de Espíritos africanos mais evoluídos, que, embora relativamente materializados, não derreteriam o perispírito do nascituro, como os fluidos de Espíritos atrasados, viciados no fumo e

na marafa. E, acreditem ou não, foi o que aconteceu, no caso de São Paulo. Revestido, no entanto, o perispírito do feto com fluidos de Espíritos africanos, e sendo o perispírito o arquétipo do corpo material, o resultado teria que ser aquele mesmo: a criança, filha, neta, bisneta e tetraneta de brancos legítimos, nasceu negra, com todos os caracteres da raça africana!

Como se vê, das relações estabelecidas durante a gestação entre o perispírito do feto e o perispírito da gestante, surgem problemas, que, embora não formulados pela Ciência, estão claramente equacionados pelo Espiritismo, de tal modo que muitos fatos, até agora misteriosos, se tornam facilmente compreensíveis...

## Ligação do Perispírito do Recém-nascido à Parturiente

Acabo de ouvir, na edição matutina do repórter *Esso*, que um grupo de pediatras uruguaios vem de opinar que à carência de amor materno se devem certas manifestações mórbidas, inexplicáveis por outras causas e que aparecem freqüentemente na infância. E mais — que os referidos especialistas da República amiga avançaram, outrossim, a hipótese de que o estado de saúde das criancinhas está na dependência duma ação hipnótica, exercida inconscientemente pelas mães.

Embora a notícia me tenha chegado ao conhecimento por via pouco idônea, creio que, em princípio, é verdadeira. E aguardo, com ansiedade, documentos autênticos, que me dêem maiores, e melhores, informações a respeito do sensacional descobrimento. Pois, se, de fato, os pediatras uruguaios coligiram provas insofismáveis de que o amor materno exerce ação biológica fundamental à saúde dos pequerruchos, mais uma vez estará de parabéns a Filosofia Espírita porque, com bastante antecedência, revelou fatos que só agora começam a entrar nas cogitações dos homens de ciência.

Com efeito, contrariamente aos conceitos materialistas da medicina hodierna, os Instrutores do Além, através de diferentes médiuns, mas principalmente por intermédio do prodigioso Chico Xavier, têm explicado reiteradamente que, ao fenômeno biológico da construção do organismo fetal antecede o fenômeno espiritual da planificação do organismo perispiritual, onde se armazenam energias vitais indispensáveis à vida celular, e cuja cota depende do número de anos que o indivíduo deverá permanecer encarnado. De acordo, portanto, com tal concepção, as células crescem, mantêm-se, multiplicam-se e, finalmente, morrem sob a influência misteriosa de energias perispirituais, de origem astral, renovadas diariamente durante o sono, cuja verdadeira função, a despeito dos séculos decorridos, continua tão desconhecida quanto na era do homem da caverna e da pedra lascada.

De toda forma, a valer a hipótese espírita, a vida depende, em última instância, de “fluidos espirituais” que todos nós, ao nascermos, trazemos no corpo espiritual, ou, para usar o termo consagrado, no perispírito.

Quanto maior for a cota de “fluidos” trazida no perispírito do recém-nascido, mais longa deverá ser sua vida terrena; porque, consoante tal teoria, a velhice nada mais é do que o esgotamento, ou o desgaste, dos “fluidos vitais”, que compõem o perispírito e que lhe são justapostos durante a vida espiritual, no limiar da encarnação terrena.

Admite, outrossim, a Doutrina Espírita — ou, pelo menos, admitem-no vários Instrutores ou Guias Espirituais — que, durante a gestação, a maior porcentagem dos “fluidos vitais” do perispírito do feto é gradativamente absorvida pelo perispírito da gestante, de tal modo que, ao atingir o 6º mês de gravidez, o perispírito do feto e o perispírito da

gestante estão fortemente imantados, como que colados um ao outro, e grande parte dos fluidos vitais, que manterão a vida do futuro homem, já foram provisoriamente absorvidos pelo perispírito materno.

Desse modo, como a qualidade dos fluidos trazidos pelo feto está de acordo com os desequilíbrios orgânicos, as taras, as enfermidades congênitas que o feto deve trazer da vida intra-uterina, a gestante sofre as conseqüências da absorção desses fluidos enfermiços, e a gravidez é atormentada com sintomas mórbidos, correspondentes às deficiências orgânicas que o nascituro demonstrará possuir mais tarde.

Assim: suponhamos que o Espírito que vai encarnar tenha fracassado na encarnação anterior pelo vício do álcool, e que, além do prejuízo que lhe causou a assistência de Espíritos atrasados, e viciados, como ele, ainda intoxicou o fígado a ponto de causar-lhe mortal cirrose. Desencarnado, o pobre coitado, além do castigo de conviver com seres degenerados, depravados pelo vício do álcool, ainda padecerá as conseqüências de ter malbaratado a saúde, destruindo, inconscientemente, precioso patrimônio biológico como é o organismo humano, que lhe foi emprestado para que ele o empregasse em proveito de seu aperfeiçoamento, em favor de sua evolução espiritual, mas que não lhe fora doado para que ele o encharcasse de álcool, chafurdando-se no pantanal do vício.

Em conseqüência, se, terminado o período em que deve permanecer no Espaço, este Espírito ainda continua propenso a dominar-se pelo vício das bebidas, os cientistas do Além, que se encarregam de preparar os Espíritos para reencarnarem, escolherão, propositadamente, genes defec-

tivos nas glândulas dos genitores, de tal sorte que o nascituro venha ao mundo com o fígado tão afetado que jamais suportará o álcool.

Será, pois, uma maneira de exercer-se a bondade divina, obstando-se novo fracasso pela reincidência no vício.

Ora, para que o fígado seja congenitamente afetado, os fluidos vitais do perispírito do feto correspondentes àquele órgão, serão fluidos mórbidos; e, como a gestante os absorve durante a gravidez, logo lhe aparecerão graves sintomas de insuficiência hepática, rebelde a todos os tratamentos, mas que desaparecerá, como que por encanto, após o parto.

Se não fora alongar-me demasiadamente, poderia multiplicar os exemplos, para mostrar como os sintomas da gravidez têm relação direta com as taras congênicas dos nascituros.

Todavia, para o problema em equação, o que interessa é saber que a gestante absorve grande parte dos fluidos vitais do nascituro e que tais fluidos deverão ser restituídos ao recém-nascido durante os primeiros meses de vida extra-uterina.

Caso contrário, a criança se ressentirá muito, pouco progredindo, a despeito dos melhores regimes alimentares.

Para evitar tamanho descalabro, não se deve separar o recém-nascido da parturiente. Ao contrário, de acordo com os ensinamentos propinados pelo Espiritismo, a criança deverá dormir bem próximo do leito materno, pois é sobretudo durante o sono que a mãe, por uma espécie de transfusão de energias, restitui ao filho os fluidos que dele absorveu desde os primórdios da vida embrionária, desde os primeiros dias de gravidez, portanto.

Independentemente disso, porém, toda vez que a mãe — ou qualquer outra pessoa sente sincera simpatia pela criança emite sobre ela cargas magnéticas de elevado potencial revitalizador.

Aliás isso acontece com todos nós — é uma lei geral: a simpatia nos proporciona bem-estar, alegria e saúde. O ódio, ao contrário, nos causa mal-estar, angústia e, até, doença. Compreensível se torna, por consequência, como se prejudicam as criaturas que nunca foram sinceramente amadas — sobretudo as que jamais contaram com o mais generoso de todos os amores: o amor materno!

Em face, portanto, do exposto, não há negar que as conclusões dos pediatras uruguaios coincidem admiravelmente com as afirmações do Espiritismo. E ainda bem!

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Dr. Penna Ribas

100

## Em Defesa do Perispírito das Crianças

A palestra desta noite não se destina aos céticos, aos que duvidam do Espiritismo — dedico-a aos espíritas, em defesa das crianças.

Certo estou, meus caros confrades, que, pais dedicados como sois, jamais poupastes esforços na preservação da saúde de vossos filhos. Todavia, à margem dos preceitos eugênicos, higiênicos e dietéticos, há um elemento imponderável para a Ciência, que, não obstante, é fundamental ao equilíbrio psicossomático do homem, e, com mais forte razão, da criança. Como já percebestes, quero referir-me ao perispírito ou corpo espiritual — fonte dessa misteriosa radiação que governa todos os fenômenos vitais do corpo humano, e que, conforme sabeis, é renovado diariamente, durante o sono, por solícitos trabalhadores do Além.

Que outros duvidem da existência deste corpo transcendental é questão que pouco se nos dá. Nós outros é que não podemos descrever, porquanto, ao lado do testemunho dos “videntes”, existem as provas fotográficas, obtidas umas, nos “desdobramentos espontâneos do sonambulismo e do êxtase, outras, nos desdobramentos provocados, durante a hipnose”. E, espontâneos ou provocados, o fato é que a

máquina fotográfica não mente, nem se sugestiona. De modo que para vós tanto quanto para mim o corpo espiritual, denominado perispírito pelo Mestre Allan Kardec, é uma realidade indubitável. Arquétipo do corpo carnal e elemento plástico ao pensamento e à vontade do Espírito, nele reside, como sabeis, o segredo da aparência dos fantasmas e o mistério da materialização dos defuntos. Roupas e calçados que já não existem e que, ainda que existissem, não poderiam ser aproveitados pelo Espírito, por ele mentalmente evocados, passam a constituir ornamento da indumentária com que se manifesta aos “videntes”. Da mesma sorte, um corpo que já fora destruído pela química implacável do túmulo, mentalizado que seja por seu antigo possuidor, poderá até materializar-se novamente, se contar com o concurso das energias vitais de um médium de materialização!

Nada disso é novidade — dir-me-eis vós — meus caros confrades. E concordo convosco. Contudo, se a função do corpo espiritual é, via de regra, devidamente valorizada para a vida do Além, a verdade é que, no que tange ao plano terreno, à vida carnal, o papel representado por esse corpo transcendental, é, geralmente, subestimado pela maioria dos espíritas. Exaltado por sua significação no terreno dos fenômenos espíritas, pouca importância se dá quase sempre ao perispírito nos fenômenos psicossomáticos. Entretanto, como é de vosso conhecimento, é através do perispírito que o Espírito transmite ao cérebro suas faculdades. E não é só. É também por intermédio do perispírito que muitas doenças atingem o organismo. Não apenas doenças emocionais, nas quais o estado moral afeta o dinamismo celular, mas até doenças infectuosas. Nessas, as formas filtráveis dos germes patogênicos e os vírus, depois de prévio contágio do corpo espiritual, atacam, finalmente, o corpo somático.

Nesse sentido, pode afirmar-se, portanto, que toda doença tem origem espiritual, ou, pelo menos, perispiritual, de toda forma, transcendental. Como se vê, é um mundo novo, que se abre à ciência do futuro, e, particularmente, à Medicina. E mais uma vez se deve admirar a genial intuição de Hahnemann, quando insistia na origem dinâmica, senão espiritual, de todo estado mórbido. Nesse ponto, as especulações hahnemannianas se afinam muito mais com os ensinamentos do Espiritismo do que as concepções médicas que prevalecem atualmente, eivadas de materialismo. Mas, de toda maneira, admitido que seja o contágio do perispírito, com consecutiva repercussão sobre o organismo, claro se torna que, para a preservação da saúde, a proteção da integridade do perispírito é tanto, ou mais, importante do que a salvaguarda das defesas corporais. E é nesse particular, meus caros confrades, que vos quero alertar. Não podeis ignorar que a vida terrena é assinalada por constante permuta de fluidos com os nossos semelhantes. A maioria desses fluidos ou “radiações” pertencem ao perispírito. E as qualidades das radiações permutadas dependem, é evidente, dos sentimentos que as inspiram. Muito diferente é, por exemplo, o fluido do amor do fluido do ódio, o fluido da alegria do fluido da tristeza, o fluido do altruísmo do fluido do egoísmo etc. Dada, pois, a importância do perispírito para o equilíbrio da vida terrena, não só sob o aspecto psíquico como também no que diz respeito à saúde do corpo, imperativos se tornam certos cuidados nessa barganha de fluidos. E aí é que está o ponto nevrálgico de nosso tema. Sem me querer fazer de mestre, quero lembrar-vos, meus prezados confrades, dentre outros cuidados, o esforço que, a bem da felicidade de vossos filhos, deveis empregar no sentido de criardes, em vosso lar, um ambien-

te verdadeiramente espírita. Com efeito, se dentro de vossos lares não há respeito e fraternidade, se vossos filhos testemunham ríspidas disputas, violentas alterações, se, além disso, sois propensos ao jogo ou à bebida ou a outra qualquer forma de vício, inevitável será a convivência de Espíritos atrasados, afinados com vossos desejos e sentimentos. E da convivência com Espíritos desta bitola, graves prejuízos redundarão, não só para os pais, que têm culpa, como para os filhos, que são inocentes. O fato de ser espírita em si nada vale, se o comportamento não se inspira na Doutrina. E, espírita, mais graves são as responsabilidades, de vez que maior é o conhecimento das leis espirituais. Se dentro do lar não há elevação espiritual, se os atos não correspondem à moral espírita, se os sentimentos são contrários à Doutrina, então é lógico que do intercâmbio de fluidos do perispírito dos habitantes da casa com os Espíritos inferiores, para lá atraídos, redundará um clima de intranqüilidade, de sofrimento e de constantes enfermidades, por maior que seja o conforto e por melhores que sejam as medidas higiênicas. Em tal ambiente, não haverá equilíbrio do perispírito. E não havendo tal equilíbrio, não pode haver nem paz espiritual, nem saúde. E, dotadas como são de perispírito sensível, as crianças é que são as maiores vítimas. Se são pequeninas, de colo ainda, por mais competente que seja o pediatra, não haverá bom desenvolvimento — o peso estará sempre abaixo da tabela. Os alimentos, por mais substanciais e nutritivos, não serão suficientes para repararem as energias perdidas com a má assistência espiritual do ambiente doméstico. De resto, as doenças inexplicáveis serão frequentes. As quedas de peso também. O tormento dos pais, constante. E a perplexidade do médico, fatal.

Se as crianças são maiores, é só observar-lhes o comportamento. Irritadas, agressivas, manhosas, rabugentas, não têm a alegria e a meiguice normais da criança. Vivem a brigar entre si e a se machucarem a cada momento, quando não atiradas ao solo, em violentas quedas, sem motivo aparente. Tudo fruto do mau ambiente espiritual, com repercussão no perispírito, e, por meio dele, no sistema nervoso das pobres crianças. Entretanto, para provar que tudo é de origem espiritual bastaria uma experiência: a reforma moral dos adultos e a oração! É assim que a paz de Deus penetra nos lares...

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Dr. Penna Ribas

106

## B

### Sobre a Educação dos Filhos

Permiti, senhores ouvintes, que ainda hoje eu me dirija particularmente aos confrades, pois o assunto, talvez, só pelos espíritas possa ser valorizado. Quero referir-me a certos aspectos da educação dos filhos, que, embora de suma importância sob o ponto de vista espírita, nem sempre são levados a sério dentro dos lares agraciados com os ensinamentos da Doutrina.

Conforme acentuei na derradeira palestra, as crianças que nascem sob o signo do Espiritismo, são, geralmente, médiuns, que encarnam compromissados com o futuro da Doutrina. Nascem filhos de espíritas justamente para que possam ser doutrinados, desde tenra idade, formando o caráter sob o influxo da Filosofia Espírita. Ora, é inegável que, desde vários lustros, a nova geração vem sendo marcada por surpreendente “espírito de anarquia”, com tendência à destruição de todos os valores tradicionais. Salvo raras e honrosas exceções, a juventude atual é inteiramente infensa à educação e contrária, até, a qualquer norma de respeito. Com a mais desprimorosa sem-cerimônia, os jovens desatam um professor e vaiam uma senhora idosa! Rebeldes à qualquer noção de civilidade, nos logradouros públicos, já

não usam pedir licença: seja quem for, empurram e passam, à maneira de alimárias desembestadas! ... E como prova dessa subversão igualitária posso citar um exemplo muito sintomático. Há poucos dias, casualmente, caiu-me sob os olhos, uma fotografia muito expressiva, onde se vê o Chefe da Nação, — aquele que, quando não seja por patriotismo, ao menos por decoro, todos os brasileiros têm o dever de respeitar profundamente, porque, por força do cargo que exerce, encarna a máxima autoridade do país, de pé, no recinto duma fábrica, a contemplar a maquinaria em funcionamento, e, junto dele, repimpado num banco, fazendo “pose” para o fotografo, um simples operário, com a mais displicente compostura, como se ao seu lado estivesse um companheiro do mesmo nível social!

Sem embargo, mais grave ainda do que esse perigoso “espírito de rebeldia”, que se vê até no trocador do ônibus, é a tendência ao vício e à degradação, que se observa, presentemente, no seio de famílias respeitáveis, onde os jovens, conspurcando todo um passado de tradicional honradez, não se pejam de achincalhar o nome dos pais, embriagando-se desavergonhadamente, provocando distúrbios com pancadaria generalizada, viciando-se no jogo e na maconha, ou, pior do que isso, iniciando-se no crime, com a organização de quadrilhas especializadas no furto de automóveis...

Na verdade, nós, espíritas, compreendemos a razão desse aparente retrocesso da civilização. A própria história nos mostra que a ascensão espiritual da humanidade está entrecortada por períodos de obscurantismo, compensados por épocas de enorme progresso. Mas aquilo que nem todo historiador ou sociólogo sabe interpretar, os espíritas podem afirmar que é fruto da encarnação de coletividades de Espíritos em níveis de evolução muito diferentes. Os

Espíritos, por exemplo, que encarnaram durante a Idade Média estavam, de um modo geral, num grau de evolução muito distante dos que encarnaram na Renascença. Os Espíritos que, de certos anos para cá, estão chegando à Terra, são antigos perturbadores do equilíbrio social, que, por suas idéias, ou por suas obras, vêm contribuindo, desde vários séculos, para retardar o progresso do planeta, de modo que, perdidas todas as oportunidades de regeneração, vão agora aguardar a guerra atômica, a fim de partirem, em massa, em plena mocidade, com o perispírito ainda sobrecarregado de energia electromagnética, única maneira pela qual poderão ser conduzidos a outro planeta, inferior ao nosso, deixando, assim, de perturbar este mundo, para servirem de paradigma e elemento de progresso no seio duma civilização muitíssimo mais atrasada do que a da Terra...

Todavia, enquanto aguardam a partida, se não houver muita vigilância nos lares espíritas, a convivência com esses anarquistas inveterados, disfarçados em filhos de ótimas famílias, seja ela nos colégios, ou nos folguedos juvenis, pode prejudicar tanto os que com eles convivem, que, certamente, muitos confrades passarão, também, pelo dissabor de ver os filhos incluídos entre os que deverão participar da terrível migração!

Sei perfeitamente — e sei por “um saber todo de experiência feito”, como diria o vate da epopéia lusitana — sei perfeitamente quanto é difícil, nos dias que correm, plasmar o carácter dos filhos de acordo com os princípios básicos da Doutrina Espírita. Libertar, por exemplo, um filho do vício do fumo é problema seríssimo, nessa época em que até as mulheres fumam. Entretanto, o espírita não pode ignorar que todo vício, seja ele qual for, atrai, para junto do viciado, Espíritos sofrendores, torturados pelo anseio de sa-

tisfazerem o vício, prazer para o qual não possuem mais o instrumento, o corpo carnal, mas cujo desejo perdura no espírito, por castigo, enquanto ficarem retidos à crosta planetária. Ora, as conseqüências dessa assistência de Espíritos supliciados pela angústia de não poderem satisfazer um vício qualquer, é, de fato, muito prejudicial durante a vida terrena — e muito mais depois da desencarnação, pela inevitável imantação de viciado e de viciadores, o que acarreta, muitas vezes, dolorosa permanência em tenebrosos planos espirituais, sofrimento que poderia ter sido evitado! Conhecendo tais fatos, é claro que, quando o espírita luta para que o filho não fume, não quer ser puritano aos olhos da sociedade, como poderia parecer. A opinião da sociedade é de menos. A primeira condição para ser espírita é colocar, sempre, acima da opinião alheia a voz da própria consciência. Pouco se lhe dá o conceito dos que ignoram sua filosofia. O que lhe interessa, no caso, é salvar o filho de futuros sofrimentos no Além, com retardamento do progresso espiritual. Dito isso em relação ao fumo, que é, talvez o mais inocente (se é que se pode considerar inocente um vício que escraviza um sujeito ao tabaco a vida inteira), que se dirá quanto à bebida, por exemplo, que, incontestavelmente, é muito mais prejudicial, pois, pode atrair, para junto dos que bebem por brincadeira, Espíritos perversos, antigos desordeiros, cachaceiros contumazes, que levarão a vítima à degradação, ao crime ou à loucura, tudo por obsessão de origem espiritual. Em suma: todo vício, seja ele qual for, é motivo de contato com Espíritos atrasados e, por conseqüência, oportunidade para a queda moral. Logo, quer se trate do fumo, da bebida ou do jogo, o espírita, que verdadeiramente respeita sua Doutrina, tudo fará para livrar o filho de tamanho descalabro, provando-lhe, com argumentos e com

exemplos colhidos no intercâmbio com o Além, os perigos dos vícios, mesmo dos que, por ignorância, são considerados prova de refinamento social!

Todavia, o problema não se restringe à juventude — principia na infância, mal a criança começa a soletrar.

De fato, de uns anos para cá, surgiram e proliferaram como cogumelos, numerosas revistas infantis, inspiradas por forças do mal, que, com deletérias historietas em quadrinhos, inoculam, no espírito dúctil das crianças, fantasmagorias absurdas e conceitos contrários à moral cristã, estimulando, mais tarde, atitudes anti-sociais. A tais revistas se deve, em grande parte, o incremento da juventude transviada. E o verdadeiro motivo é esse: o pensamento, como sabe todo esoterista, é radiação poderosíssima, e, de acordo com o sentimento que o anima, gera um campo favorável à intervenção dos Espíritos. Se o sentimento é nobre, a assistência é de Espíritos elevados. Se, no entanto, o sentimento é mau, péssima será a assistência. Ora, a criança que, a despeito da proteção espiritual que recebe, vive constantemente, pelo pensamento e pelo sentimento, cenas de guerra e de banditismo ou encarna personagens fantásticos, acaba, muita vez, perturbada por Espíritos, que desencarnaram na guerra, ou que foram bandidos, ou que morreram loucos, alucinados com visões de falsos super-homens... Aliás — diga-se de passagem — o criador do super-homem, Nietzsche, como todo médium profundamente vaidoso, acabou dominado pelos próprios Espíritos que lhe inspiraram as idéias dissolventes de sua filosofia, e, conseqüentemente, desequilibrado mentalmente, com um quadro compungente que, para a ciência, era loucura, mas, para quem conhece, de fato, o mecanismo do fenômeno, era legítima Espiritopatia ou “atuação espiritual”!

Ora, sabendo que a humanidade terrena vive mergulhada, sem o perceber, no seio doutra humanidade maior, constituída de antigos habitantes da Terra, agora em trânsito purgatorial para planos mais aperfeiçoados, e conhecendo a importância do pensamento na intercomunicação dos Espíritos encarnados e desencarnados, é claro que os espíritas não podem concordar com a leitura de revistas que, sobre deformarem a mentalidade das crianças, contribuem para a aquisição de indesejável assistência espiritual. Da mesma sorte, o espírita não poderá contribuir para incrementar a belicosidade dos filhos, ofertando-lhes, como brinquedos, miniaturas de terríveis armas de guerra, outra praga que infestou, depois da última hecatombe, o mercado nacional. Os brinquedos devem servir para distrair e educar — nunca para perverter os sentimentos e despertar instintos carniceiros, que, amanhã, serão postos à prova, na via pública, ou nos campos de batalha...

Em conclusão: hoje, mais do que nunca, os espíritas deverão lutar para livrar os filhos da degradação, que, dia a dia, vai solapando os alicerces da civilização cristã, e prepará-los, doutrinalmente, para a construção de um mundo melhor!

## Sobre a Educação dos Filhos dos Espíritas

Parece-me oportuno chamar a atenção dos companheiros de ideal para certos aspectos da criação dos filhos, que, por serem pouco conhecidos, raramente são observados na prática. Sem embargo, como pai e como espírita, não obstante a indefectível solidariedade de minha esposa, muito tenho lutado, nessa fase de trágica delinqüescência moral que empolgou o mundo a ponto de originar a juventude transviada, para orientar a educação de meus filhos dentro das normas exigidas pela Doutrina Espírita, e, por isso, sem me arvorar em mestre, julgo-me com autoridade moral para falar aos confrades com a franqueza que merece o magno problema.

Com efeito, dado o inestimável valor da Filosofia Espírita como força catalítica transformadora das reações psíquicas da humanidade, ninguém poderá duvidar que ao Espiritismo caberá a primazia na construção de um mundo melhor, onde o egoísmo e a brutalidade serão substituídos pela cooperação e pela fraternidade. Urge, portanto, que os Espíritas, contemplados como foram por valiosos ensinamentos, levem muito a sério a formação moral das futuras gerações, plasmando o caráter dos filhos na ética da Dou-

trina dos Espíritos e, ao mesmo passo, resguardando-os, dentro das possibilidades, de tudo o que, de algum modo, lhes possa prejudicar a mediunidade. Sim, porque como sabeis, meus caros irmãos, via de regra, as crianças que nascem nos lares espíritas são médiuns, e, por conseguinte, futuros trabalhadores de nossa sagrada seara. Conseqüentemente, essas crianças vêm dotadas de um sistema nervoso mais aperfeiçoado, ultra-sensível, provido, como o sistema nervoso de toda gente, de receptores destinados à recepção das excitações do mundo físico, já estudados pela Ciência, e de receptores desconhecidos, adequados à captação das vibrações do Mundo Espiritual, sujeitos, ainda a controvérsias.

Contudo, vós sabeis, meus irmãos, que o segredo da captação das vibrações do Mundo Espiritual reside em misteriosas radiações dos centros de força do perispírito, que revitalizam e controlam as atividades específicas dos centros nervosos ligados aos órgãos sensoriais. Sabeis mais, meus irmãos: sabeis que a vidência e a audiência dos médiuns, consideradas como alucinações, ou, como as definiu conhecido psiquiatra, percepções sem objeto, são, na verdade visões e audições provocadas por vibrações psíquicas dos habitantes do Além, quando não captadas, espontaneamente, pela irradiação extracorporal do perispírito do médium, durante um transe momentâneo, que lhe dá acesso ao mundo dos Espíritos. De toda forma, as “visões” e as “audições” dos médiuns se processam, se assim nos podemos expressar, às avessas, de dentro para fora, do centro para a periferia, dos centros cerebrais, ou melhor — dos centros perispirituais para os receptores externos. Vale dizer, pois, que o segredo da transformação da sensação em percepção, problema que até hoje desafia a argúcia dos fisiologistas

e dos psicólogos, está na misteriosa radiação dos centros do perispírito que presidem às funções sensoriais. Tanto assim que, se houver uma perda de energia nesses centros do corpo astral, podem os órgãos específicos aparentar absoluta integridade, sem que, no entanto, o paciente, veja nem ouça — cegueira e surdez — essas que, são consideradas, quase sempre, como de fundo histérico, pelos que desconhecem o verdadeiro mecanismo.

Posto que o assunto seja deveras empolgante, não poderia ser devidamente explanado numa tribuna popular, como essa. Entremostrei-o, apenas, aos confrades, a fim de que possam sentir claramente a responsabilidade que lhes pesa na preservação do valioso patrimônio espiritual representado pela mediunidade dos filhos — patrimônio que, malbaratado, redundará, futuramente, depois da puberdade, em graves prejuízos para o equilíbrio psicossomático do médium, razão porque muitos médiuns, em plena juventude, sem motivo aparente, apresentam angustiante quadro de psiconeurose...

Ora, meus irmãos, se vossos filhos, com toda probabilidade, são médiuns, e, por conseqüência, futuros aparelhos para a transmissão dos ensinamentos do plano espiritual; e se, a bem de seu equilíbrio psicossomático, força é preservar-lhes os centros do perispírito correlacionados com a mediunidade, evidente se torna que deveis ter o máximo cuidado para que, amanhã, homens feitos, sejam Espíritos de verdade, de modo que possam, de fato, cooperar, com a palavra e com o exemplo, mais com o exemplo do que com a palavra, para a disseminação da Doutrina Espírita.

Ora, conforme tive ocasião de ressaltar sexta-feira passada, toda forma de conhecimento, quer seja científico, artístico ou religioso, depende de certas radiações, de origem

espiritual, que a criança, ao nascer, traz, não nas células cerebrais, como aquisição hereditária, conforme admite a Ciência, mas no perispírito, misterioso campo eletromagnético do qual o corpo carnal é grosseiro reflexo e que é, na verdade, instrumento direto das manifestações anímicas, servindo, pois, de intermediário entre o Espírito e a Matéria. Nessas condições, o fluido ou a radiação correspondente à Filosofia Espírita difere essencialmente da radiação correspondente à Doutrina Católica. Não se compreende, portanto, que muitos Espíritas, aparentemente por tolerância, mas, na realidade, por preconceito social, continuem a batizar os filhos, quando, além da Doutrina Espírita repudiar as concepções teológicas que originaram a instituição do batismo, o batizado, como todo sacramento, implica em compromisso espiritual com uma doutrina antagônica ao Espiritismo. Compromisso mais sério do que poderia parecer à primeira vista, porquanto, durante o ritual, a criança recebe, de Espíritos católicos ali presentes, o fluido correlativo àquele compromisso, fato que, na vida espiritual, após a desencarnação, tem sua repercussão, de vez que, mais cedo ou mais tarde, esse fluido deverá ser devolvido ao plano espiritual correspondente à religião católica, do qual é patrimônio sagrado.

Além disso, com um fluido do culto católico no perispírito, a criança ficará com um ponto de atração para Espíritos católicos, que, sempre que houver oportunidade, tentarão levá-la para a religião católica, pois, tal como acontece aqui, há, do lado de lá, católicos que são de opinião que, uma vez batizada na Igreja, a criatura é, de fato e de direito, católica.

Ora, como é fácil deduzir, a assistência de protetores católicos, pode dificultar, em muitos casos, a integração do

jovem na Doutrina Espírita, sobretudo se, da parte dos progenitores, não houver redobrado esforço e constante vigilância no sentido de inculcarem no espírito do filho o entusiasmo pela Filosofia Espírita!

Erram, portanto, e muito, os Espíritas que, por preconceito ou para satisfazerem a terceiros, transgridem a Doutrina concordando que o filho, nas primícias da vida, assuma, inconscientemente, compromissos espirituais com outra religião. E, de passagem, quero deixar bem claro que muito mais grave é o erro do espírita que se casa no religioso. Porque, neste caso, o compromisso com os Espíritos que presidem ao ato sacramental fica marcado, diante dos Mestres que dirigem o movimento espírita neste planeta, como lamentável fraqueza de caráter, porquanto o nubente não teve a dignidade de demonstrar, perante a sociedade, sua convicção filosófica!

Com efeito, se, pelo fato de aceitar a evolução gradativa, através de múltiplas encarnações, o espírita compreende que uma humanidade, como a nossa, composta de elementos heterogêneos, criados em épocas diferentes, e, por conseguinte, em diferentes graus de progresso espiritual, necessita, de fato, de religiões diferentes, representando diferentes estágios evolutivos da Revelação, nem por isso pode trair seus compromissos morais com a Doutrina Espírita, contraindo obrigações com outras crenças, onde não encontrariam campo para sua ascensão espiritual. Por conseguinte, com essas advertências, não preconizo a intolerância religiosa, sentimento visceralmente contrário à índole espírita: concito, apenas, os confrades à fidelidade à Doutrina dos Espíritos — dever primário de todo espírita sincero.

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Dr. Penna Ribas

118

## Do Ensino do Espiritismo aos Filhos

Consagrando a palestra desta noite à formação religiosa dos filhos, peço permissão aos radiouvintes deste programa para dirigir-me exclusivamente aos espíritas que me costumam honrar com sua benevolente atenção.

Meus caros confrades: quaisquer que possam ser nossas divergências — e é natural que as haja, de vez que nossa Doutrina não estaciona indefinidamente na estática dos dogmas irremovíveis, evoluindo, ao contrário, paralelamente com o conhecimento humano — quaisquer que possam ser nossas divergências — repito — um ponto há sobre o qual não poderemos discordar: é que, perante as leis divinas, somos depositários de valiosíssima Revelação, que nos dá amplos e inestimáveis conhecimentos acerca do Mundo Espiritual, donde viemos e para onde voltaremos fatalmente.

Ora, senhores dessa convicção e sentindo, na própria carne, as imensas vantagens desse saber, é claro que, por imperativo de nossa própria consciência, se nos torna dever indeclinável cooperarmos para a felicidade dos filhos, transmitindo-lhes, juntamente com o exemplo de respeito aos postulados morais da Doutrina, sólido conhecimento da sublime filosofia religiosa, que, neste mundo, cercado de

mistérios e de dores, tanto nos orienta e conforta e dignifica, imprimindo um sentido transcendental à vida efêmera e paradoxal deste planeta.

Assim sendo, é de estranhar-se o modo de pensar de alguns confrades, que, escorados em perigoso liberalismo, não interferem, em matéria de religião, na educação dos filhos, quase sempre sob a alegação de que eles pouca preocupação tiveram com os problemas espirituais e que, não obstante, tocados pelo sofrimento e pelas ciladas do destino, acabaram, finalmente, batendo às portas do Espiritismo, onde encontraram o apoio e os esclarecimentos que tanto careciam!

Erro grave, meus irmãos. Porque, na verdade, bem diferente é, via de regra, o destino de cada um. E do destino do progenitor, não se pode inferir a sorte dos descendentes. Diante de Deus, pai e filho são, na verdade, irmãos, filhos do mesmo Criador, quase sempre amigos, ou inimigos, de outras encarnações, provisoriamente reunidos, para o acrisolamento espiritual, nos laços consangüíneos da família terrena. Sem embargo, cada qual traz, de vidas anteriores, diferentes compromissos com a vida, na Terra. De sorte que, diversas são as provas que deverão enfrentar e muito desiguais os caminhos que terão de palmilhar em busca do resgate de erros do passado e da iluminação para a vida espiritual. Portanto, pelo fato de o pai haver encontrado fortuitamente a luz do Espiritismo, não se segue que aos filhos o mesmo sucederá. Tudo depende de um conjunto de fatores. Uns, provenientes do mérito pessoal; outros, decorrentes de fatos circunstanciais. Logo, não é justo que, por falso conceito, ou, simplesmente, por displicência, soltemos os filhos num mundo dominado pelo mais sórdido egoísmo e pelos mais bestiais instintos, a fim de que, por conta própria, encontrem o verdadeiro caminho para a elevação espiritual!

Ninguém nega que, cambalhotando pela vida em fora, um desgraçado possa deparar, finalmente, com a trilha, que o conduzirá à revelação da verdade espiritual. Isso depende, sobretudo, do comportamento do sofredor durante o período de provação. Se for humilde e sincero, é quase certo que, um dia, será encaminhado, mesmo à sua revelia, à religião que lhe convém, isto é, àquela que está de acordo com o grau de sua evolução espiritual.

Todavia, do ponto de vista espírita é de suma gravidade a displicência dos pais no que toca ao problema vital do filho — a religião. Mais do que ninguém, o espírita, em contato freqüente com o Plano Espiritual, sente em si mesmo a força do ideal religioso na orientação de sua vida. Não pode, por conseguinte, considerar questão de somenos a educação religiosa dos filhos. De resto, o espírita não ignora que, ao ser planificada a encarnação de um Espírito, dentre os múltiplos problemas equacionados pelos Espíritos Superiores, que presidem à encarnação, avulta a questão do ambiente espiritual do lar, a religião que deverá inspirar o reenquanto durante o prazo que ficará na Terra. Além disso, o espírita sabe que, antes de deliberar-se a encarnação, os futuros pais são levados, em Espírito durante o sono noturno, perante os Irmãos Superiores responsáveis pelo processo reencarnatório, a fim de receberem instruções relativas à encarnação em andamento inclusive à educação religiosa do irmão, que, brevemente, deverão receber na posição de filho. Ainda mais — o espírita sabe que, ao nascer, cada Espírito traz, no perispírito, o “fluido” ou a “radiação” correspondente não só a atividade ou “profissão” que deverá exercer como a religião que necessita seguir. Sabe, pois, que a “vocação”, a despeito do mistério que a envolve, é, tão-somente, uma radiação espiritual propícia à assimilação de dado

conhecimento, de determinada técnica, ou arte. De modo que, quem trouxe a “radiação” para a música facilmente se apodera não só da teoria como da arte, revelando-se autêntico artista; ao passo que, quem não a trouxe, pelega a vida inteira e jamais sairá da mediocridade. O mesmo acontece, por exemplo, em relação à Medicina, à Engenharia, ao Direito, etc. Tudo depende duma radiação específica, incorporada ao perispírito, no processo da reencarnação, de acordo com as provas e as experiências que o Espírito deverá arrostar. Com mais forte razão, o problema da religião mais útil a cada Espírito, não poderia ser relegado. E não o é. Ao nascer, o Espírito já traz, no perispírito, o “fluido” pertencente à religião que deverá professar. E tão poderosa é essa radiação espiritual que, muita vez, encontramos, reunidos, numa única personalidade, o sábio e o fanático — o investigador rigoroso e proficiente, que exige fatos comprovados no domínio da Ciência, e, no entanto, aceita, docilmente, os dogmas mais absurdos, quando não se filiam aos cultos mais esdrúxulos...

Ora, o “fluido” ou radiação necessária à compreensão da Filosofia Espírita é, de fato, uma forma de energia espiritual preciosíssima, cobiçada por muitos Espíritos atrasados, que se deslumbram com sua belíssima luminosidade. Conseqüentemente, se, depois do sétimo ano de vida, quando o perispírito da criança sofre profunda transformação, não houver da parte dos pais o cuidado de ministrar os ensinamentos doutrinários, grande cota do “fluido” indispensável à assimilação da Doutrina, será destruída, com sério prejuízo para o futuro espiritual, e, às vezes, até a carreira terrena do filho!

Por outro lado, dada a incompatibilidade de “fluidos” existentes entre as diversas religiões, é grave erro a tolerância com que muitos espíritas consentem que seus filhos recebam, nos colégios, instrução religiosa contrária à Doutrina Espírita. Nunca deveriam esquecer-se de que, ao morrer, o homem leva para o lado de lá suas convicções e que, durante uma aula de religião, a assistência espiritual que lá está é constituída de Espíritos integrados nas idéias que estão sendo inculcadas às crianças. Resultado: a criança que, por ter nascido num lar espírita, possui, no perispírito o “fluido” luminoso correspondente à Filosofia Espírita, será, a pouco e pouco, assediada pelos Espíritos, que, agradecidos à religião que professaram na Terra, trabalham ainda para difundi-la, ajudando espiritualmente o doutrinador que ministra a aula de religião. Conseqüência: com a repetição do assédio espiritual, destrói-se grande parte do “fluido” necessário à compreensão da Doutrina Espírita e, em seu lugar, os Espíritos que cooperam com o doutrinador, vão irradiando o perispírito da criança com o “fluido” da religião que lhe desejam impor. E o resultado não se fará esperar. A criança que antes assimilava, com grande facilidade, os ensinamentos da Doutrina Espírita, passa a formular objeções e a demonstrar tendência a admitir fatos que, de início não aceitava e, no fim de algum tempo, já se propõe, até, a fazer primeira comunhão, compromissando-se, inconscientemente, com Espíritos de um plano religioso muito diferente, onde o móvel principal da evolução espiritual não é o amor à perfeição, mas o pavor do Inferno. O pior, porém, não é isso. Porque, se pelo temor ao demônio, ele evoluísse a ponto de merecer elevado plano espiritual, o prejuízo seria muito relativo. O pior é que, no fundo este filho passaria a

considerar o pai como “feiticeiro”, de acordo com os conceitos maliciosos que ouvira em aula, criando-se, assim, uma barreira intransponível entre pai e filho, barreira que poderá redundar, que redundará, com toda certeza, lamentável fracasso para ambos. Além disso, passado o período da infância, afastado do ambiente religioso, desabrochado o raciocínio, o Espírito, que acaso viera para ser espírita e não doutra religião, acaba fatalmente descrente da religião que lhe quiseram inculcar e termina não sendo coisa alguma, misturando tudo num ecletismo ridículo e paradoxal, quando não mergulha no mais deletério materialismo — tudo por culpa da imprevidência dos pais!

## Em prol das Crianças Problemas

O artigo de hoje consagro-o às mães. O tema é em prol das crianças. Merece ser encarado com carinho. Refere-se ao equilíbrio psíquico de vossos filhos. Abarca não só as “crianças-problemas”, como as psicologicamente instáveis. Um(a)s e outras amarguram vossas almas e quebram a felicidade do lar. Do estranho comportamento de um filho surgem, muitas vezes, entrechoques, explosões de desespero, que separam o casal. Tudo por incompreensão do problema. Em parte, por culpa dos atuais conceitos científicos. Pediatras, psiquiatras, psicólogos e pedagogos, cada qual através de um prisma, diagnosticam, prognosticam, prescrevem e aconselham. Numerosos fatores são equacionados nessa maratona científica. Hereditariedade mórbida, fatores ambientais, componentes sociais, desajustes do casal, tudo é examinado e minuciosamente avaliado na devassa científica. E tudo pode ter um pouco de influência na personalidade da criança. Mas, para ser objetiva, a “ciência da alma” se torna materialista. Por isso, não vê, nem presente sequer, o elemento primordial na anomalia psíquica de vossos filhos.

Contudo minhas irmãs, se quiserdes aceitar, como “hipótese de trabalho” algumas premissas, que a Doutrina Espírita vos oferece, vereis como a questão se esclarece repentinamente.

Primeiro, o caso mais grave, o que diz respeito às crianças-problemas. Falando francamente, o problema é, quase sempre, mais crucial para os pais do que propriamente para a criança. Pelo menos, até certa idade, enquanto a criança não pode atinar com suas deficiências. Os pais, não; esses sofrem desde o primeiro momento. Sofrem porque feridos no amor-próprio e sofrem porque humilhados no objeto de seu amor. Sofrem, sobretudo, com remorso de haverem contribuído, embora involuntariamente, para a procriação de um ser anormal. Para consolá-los, têm, apenas, os resultados negativos do laboratório e a aprovação do exame pré-nupcial. Sem embargo, à cruel decepção do nascimento de um “filho-problema” alia-se, em trágico conúbio, o tormento de terrível dúvida, que redundando em complexo de culpa. E culpa houve, de fato, afirma o Espiritismo. Não agora, nesta encarnação. Mas outrora, em vidas passadas, quando o Espírito da atual “criança-problema”, abusando do poder ou da inteligência, esparramou, em torno de si, lágrimas e maldições de seus semelhantes. E não as esparramou sozinha, não. Esparramou-as em convivência com os atuais progenitores, que, co-responsáveis com os crimes do antigo companheiro, aquiesceram em recebê-lo agora na posição de filho dileto, carecente de amparo e amor. Amor e amparo que, ao mesmo passo que o ajudarão a vencer as deficiências orgânicas, servirão de resgate à dívida moral contraída em vida passada.

Assim sendo, embora haja motivo para sofrimento, não há razão para desespero — e muito menos para revolta

contra Deus. Também não cabe o arrependimento pela fecundação. Nem se justifica o crime de evitar outros filhos. A genética não se movimenta mecanicamente. Ao contrário do que supõem os homens de ciência, os genes são dirigidos pelo pensamento de sábios do Além. Cada Espírito que encarna recebe exatamente o corpo que merece. Nenhum fica estritamente limitado a ser, apenas produto ocasional da junção esporádica de duas células germinativas. O elemento masculino que fertilizará o óvulo é espiritualmente selecionado entre trilhões, ejaculados no mesmo espasmo. Quando um Espírito encarna filho de sífilítico ou de alcoólatra, é porque necessita de corpo deficiente, organizado com genes defectivos, oriundos de glândulas alteradas pela infecção ou pela intoxicação. Neste caso, se nascer aleijado, o Espírito não encarnou num corpo deformado por acaso, nem por culpa dos progenitores. Nasceu assim porque, sendo um Espírito criminoso, que assassinando ou abortando, destruiu muitos corpos, teve necessidade de vir aleijado, para aprender a valorizar o maravilhoso organismo que Deus, por intermédio dos Espíritos Superiores, que supervisionam a reencarnação, concede, ou melhor — empresta aos Espíritos que precisam da Terra, como escola para sua evolução espiritual.

Em face de tal conceituação, o nascimento de crianças-problemas deixa de ser uma desgraça, porque é oportunidade bendita de resgate de crimes de vidas passadas. Contemplado sob o ângulo terreno, o problema se nos afigura angustiante e revestido de revoltante injustiça. Examinado, porém, à luz do Espiritismo o fato perde o aspecto trágico, tornando-se justo e benéfico. Justo, porque é o castigo de graves delitos cometidos em anteriores encarnações; benéfico, porque, pela humilhação mútua, e pela solícita coope-

ração dos pais, antigos delinqüentes das leis divinas poderão reajustar-se perante a espiritualidade, conquistando, depois da morte, planos melhores do que aqueles onde se encontravam antes da última encarnação. Compreendida dessa maneira, a situação torna-se, até, tolerável, eliminando a revolta e o desespero, pela certeza de dias melhores e de encarnações mais suaves. Todavia, sabido que os pais, no caso das “crianças-problemas” contribuíram, em anteriores encarnações, para o fracasso espiritual do filho atual, muito mais digno de atenção se torna o problema, impondo, por parte dos progenitores, redobrada dedicação àqueles que, na posição de filhos, receberam do Mundo Espiritual. Deles depende, mais do que dos especialistas, o erguimento espiritual desses irmãos, para o reajuste de um passado criminoso. Não há fugir à luta. Ela será o preço da glória diante de Deus.

Falei-vos, dos casos inevitáveis, das crianças que já nascem com taras nervosas, com deficiências mentais. Mas há os casos evitáveis, originados pelo desequilíbrio espiritual do lar, pela surda rivalidade entre criaturas que se deveriam amar. Caso típico pude observar há mais de 20 anos, em respeitável família fluminense. O grande amor de uma tia solteirona por uma sobrinha, que estava ajudando a criar despertou, na mãe, certo ciúme, que, posteriormente, foi dando ensejo a constantes desavenças, até terminar em rancor, com ruptura de relações. Pouco depois, morre a tia saudosa da sobrinha que tanto amava, e, ressentida com a irmã, que lhe fora tão ingrata. Todavia, se viva, a tia fora obrigada a afastar-se da casa, morta, voltou a ela, imantando-se à criança, com a idéia obsessiva de vingar-se da irmã. Resultado: a criança, que então tinha cinco anos, de afetuosa e jovial que era, tornou-se irascível, desobediente, agressiva, ofen-

doendo à mãe com as mesmas palavras empregadas, em vida, pela tia! E dessa atitude obstinada contra a mãe não se afastava, nem por bem, nem por mal. Repreensão ou pancada era pior. A criança, embora tenra e frágil, adquiria no momento da crise, tanta força que amedrontava a mãe. De resto, investia furiosa contra ela, mordendo-a e dando-lhe pontapés!

Católica e cheia de preconceitos, não foi senão premiada pelos fatos que a mãe me trouxe a criança ao consultório. Mas, graças a Deus, não se arrependeu. Identificando a causa da obsessão, pude curar a menina, na primeira consulta e orientar espiritualmente a mãe a fim de que evitasse, no futuro, outra psicose semelhante. Mas ninguém pense que esses casos são muito raros. Agora mesmo estou cuidando duma menina, que, se não fosse amparada espiritualmente, chegaria ao grau de desequilíbrio da outra. Casa de médiuns desorientados, a mãe católica, a avó paterna espírita, não há ali nem harmonia, nem elevação espiritual. E a criança sofre as conseqüências da aproximação de alguns Espíritos, que convivem com a família, inclusive o da avó materna, que desejando proteger a neta, só a prejudica, pois a criança, que não a conheceu, mas que a identifica pela descrição da aparição, apavora-se e grita, quando a vê!

Contudo, a pobrezinha, que chegou ao consultório extremamente agitada e turbulenta e que não dormia normalmente desde os primeiros meses de vida, vivendo sob a ação de narcóticos, transformou-se completamente depois da primeira consulta, graças aos remédios, e, principalmente, aos conselhos que dei, em relação ao ambiente espiritual daquele lar.

Como podeis deduzir, o comportamento de vossos filhos nem sempre provém de causas orgânicas — depende, muitas vezes, de causas espirituais, que se não removem com medicamentos, mas com elevação de sentimentos e com oração!

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Dr. Penna Ribas

130

## A Propósito de Cosme e Damião

Todos os anos, no mês de setembro, observa-se inusitado reboliço não só nos lares de muitos freqüentadores do Espiritismo como, até, no próprio recesso de certos centros espíritas, que, paradoxalmente, costumam festejar, com doces e balas, o dia de Cosme e Damião.

Afinal de contas, por que tanto assanhamento com esses gêmeos? Que fizeram eles, para serem alvo de culto tão exótico?

Hoje alertarei os que acreditam no Espiritismo, e, não obstante, involuntariamente, prejudicam a reputação da Doutrina, com os ridículos festejos de Cosme e Damião.

Na verdade, a dar-se crédito aos hagiólogos, Damião e Cosme foram árabes de nascimento e médicos de profissão. Médicos — não deveria ser o termo, porque, pelo modo de comportar-se, demonstraram que foram, isso sim, médiuns curadores. Tanto assim que atuavam, sempre, juntos e, além disso, não aceitavam a mínima retribuição pelas curas que realizavam. Comportamento e atitude que só se tornam lógicos, quando se sabe que, juntos, os dois reforçavam a corrente magnética, ampliando a ação do campo mediúnico e facilitando, *ipso facto*, a cura das enfermidades,

pela influência da radiação desprendida do organismo de ambos os curadores; e mais — que, pelo fato de terem recebido, de graça, a mediunidade curadora, de graça deveriam utilizá-la sob pena de a perderem, conforme é lei para quantos transgridem essa norma. Claro está, portanto, que, ao contrário do que rezam as lendas, se Cosme e Damião de fato, existiram, foram médiuns curadores e não, como querem suspeitos hagiógrafos, médicos árabes, emigrados para a Síria, hipótese em que, nem se justificaria a simultânea assistência prestada aos enfermos, nem se compreenderia por que, sendo profissionais, recusavam honorários.

Mas o fato é que — médicos ou médiuns curadores — a glória não lhes adveio propriamente do altruísmo com que exerceram os misteres da profissão ou da abnegação com que empregaram suas faculdades supranormais. Porque médicos caridosos sempre houve, e nem por isso a Igreja os santificou; e médiuns curadores, embora raros, sempre aparecem, e, no entanto, a Igreja, quando pôde, queimou-os vivos!

Não! Cosme e Damião foram canonizados, na verdade, porque, servindo aos interesses da Igreja Católica, caíram em desgraça, sob jugo dum sátrapa, que, cruel e estúpido como todo déspota, tentou erradicar a doutrina decapitando o doutrinador.

Aliás, a técnica é antiga. A própria Igreja Católica, agora travestida de “santa madre”, nunca se esquivou de empregar este método bárbaro e sumário — tão sumário quanto bárbaro — sempre que seus interesses estiveram em jogo e que a legislação do Estado foi compatível com o famigerado Direito Canônico, que levou à fogueira milhares de vítimas indefesas!

Todavia, como é vil a justiça dos homens, muita vez aquilo que, aplicado contra outrem, se nos afigura correta equidade, praticado contra nós, se nos assemelha torpe barbaridade. De modo que, se, para Lísias e Deocleciano, Cosme e Damião foram hereges e conspiradores, para os pais da Igreja, foram mártires e santos. Contudo, santos e mártires que sejam, que têm os espíritas, com Damião e Cosme, para cultuá-los fanaticamente?

Que os católicos, por uma devoção particular ou em obediência às tradições da Igreja, lhes queiram tributar excepcionais homenagens isso é um direito que lhes assiste. Mas que espíritas e, sobretudo, centros espíritas, contrariamente aos princípios da Doutrina, se arvorem em promotores do culto a Cosme e Damião é coisa que se não compreende! Se, de fato, esses dois cidadãos existiram, é fora de dúvida que não tiveram a mínima participação no movimento espírita. Conseqüentemente, não podem fazer jus a homenagens que só se devem tributar aos vultos marcantes do Espiritismo.

O pior, porém, é que, além de cultuarem sem motivos plausíveis os afamados gêmeos, esses irmãos não só atentam contra a Doutrina como deturpam a verdade histórica! Porque, na realidade, o Cosme e o Damião que se manifestam nesses suspeitíssimos centros ditos espíritas nem são árabes nem são médicos — e, muito menos, mártires e santos: são dramatizações de crianças traquinas e gulosas, que, a troco de guloseimas, bisbilhotam a vida alheia e prometem “proteção” aos incautos!

Ora, meus irmãos, será que vocês não desconfiam que, enxertando esta velha crença bantu no corpo da Doutrina, estão comprometendo seriamente o Espiritismo? Ou, porventura, vocês ignoram, que, por um fenômeno de

sincretismo religioso, os negros para cá trazidos, acabaram substituindo, em seu culto iorubano, o fetiche das crianças gêmeas pelas imagens de S. Cosme e S. Damião de seus senhores portugueses e católicos? Além disso, porque misteriosa teogonia vocês conseguiram gerar tantos Cosmes e tantos Damiões, que chegam para abastecer todos os lares e todos os centros, que, no mesmo dia, e, até, na mesma hora, são visitados pelos trêfegos gêmeos? Será que vocês não percebem que, dessa forma, estão a demonstrar que, sobre desconhecerem a Doutrina que dizem professar, ignoram, também, os mais corriqueiros rudimentos de aritmética?

Não, meus caros, falemos francamente: vocês que festejam Cosme e Damião, que labutam o mês todo para “dar doces às crianças”, sentindo prazer nas ridículas atitudes dos médiuns, a macaquearem, pelos trejeitos e pelo linguajar tatibitate, ardilosas crianças, vocês não são, de fato, espíritas — vocês são, na verdade, africanistas. E por isso não lhes quero mal. É um direito que lhes cabe. Contudo, para evitar confusões, vocês bem poderiam deixar de propalar que são espíritas.

Agora, se vocês festejam Cosme e Damião porque desconhecem os prejuízos que podem advir, e, advertidos, desejam maiores esclarecimentos para não continuarem a infringir os ensinamentos da Doutrina, se é assim, a coisa muda de feição.

Na verdade, não vou ensinar — vou, apenas, recordar certos fatos que vocês sabem tão bem quanto eu.

Em primeiro lugar vocês sabem que os Espíritos que se prendem à Terra pelo desejo de comer, de beber, de fumar, de saciar, enfim, prazeres e sensações corporais, são, de fato, Espíritos pouco evoluídos, que, por castigo, permanecem na crosta terrena, em constante contato com a huma-

nidade, mantendo permanente permuta de idéias e de sentimentos com as criaturas que com eles se afinam espiritualmente. Logo, os Espíritos que se manifestam atraídos pelo prazer do paladar, na esperança de se fartarem de doces e balas, através do fluido vital das células das papilas gustativas do médium, Espíritos desse padrão nada de bom nos podem dar. A nós é que nos cabe o dever de ajudá-los, doutrinando-os.

De resto, como se manifestam, simultaneamente, no mesmo centro, muitos Espíritos, todos falando como criança e como criança gesticulando, e como Cosme e Damião foram dois somente, força é concluir que de duas, uma: ou os médiuns estão mistificando — o que é muito provável; ou os Espíritos que se manifestam são zombeteiros — o que não é nada difícil. De toda forma, com a mistificação dos médiuns ou com a incorporação de zombeteiros, num ambiente dessa espécie, o que predomina são, de fato, Espíritos galhofeiros. Ora, como vocês sabem, meus irmãos, o zombeteiro é, talvez, o pior Espírito que se nos pode deparar, porque é o mais recalcitrante à doutrinação. Na verdade, o zombeteiro sabe que é Espírito, está ciente que não pertence mais a este mundo, não ignora que já fora despojado do corpo carnal, traz dentro de si mesmo um inferno de vinganças e de remorsos, reconhece que errou muitíssimo na vida terrena, e, não obstante, é um permanente revoltado contra Deus e contra qualquer forma de religião, sentindo, ao contrário, sádica satisfação em causar desarmonia entre os homens e em escarnecer-lhes os sofrimentos!

Tomando as mais enganosas aparências, fingindo-se crianças ou tomando o nome de vultos veneráveis, esses Espíritos retardatários costumam pregar peças terríveis aos incautos, quando não os desequilibram mentalmente, ocasio-

nando-lhes graves psicopatias. Pois bem, se depois de lhes ter lembrado esses fatos, vocês desejarem prosseguir com o esdrúxulo ritual afro-católico de Cosme e Damião, nada mais me resta senão pedir a vocês, que, ao menos tenham piedade das pobres crianças! Atraídas, pelas guloseimas, para o meio desses Espíritos perigosíssimos, as coitadinhas perdem tanto fluido vital, que chegam a emagrecer impressionantemente de um dia para outro, sem nenhum motivo aparente! Outras, mais infelizes, tamanha é a cota de fluido vital que lhes roubam os Espíritos zombeteiros mascarados de Cosme e Damião e de Naum, que adoecem repentinamente, quando não desencarnam atacadas por infecções fulminantes, proliferadas num organismo infantil, que, inexplicavelmente para a medicina materialista, perdeu, em poucas horas, toda a capacidade de reação! E se essa criança, vítima indefesa duma mistificação espiritual, for seu filho, você, adepto de Cosme e Damião, com doces e balas e ridículas dramatizações animistas ou mediúnicas, assumirá grave responsabilidade perante os dirigentes do Mundo Espiritual!

E se você for diretor de algum centro espírita e desejar continuar com a crença bantu, se à Filosofia Espírita preferir o culto africano, então, meu caro, por favor, risque do frontispício de seu centro a palavra — espírita; porque você, de fato, não é espírita — é africanista; e o seu centro não pratica o Espiritismo — cultua o afro-catolicismo!

## A Respeito dos Folguedos Joaninos

Como devem ter notado os que costumam dar-me a honra de escutar este programa, venho consagrando, ultimamente, as preleções exclusivamente aos confrades. Isso porque, seja por inexperiência, seja por falta de melhores conhecimentos, há principiantes espíritas que continuam a incidir em certos erros, que, se não os afeta do ponto de vista moral, os prejudica sobremodo, quer no que concerne à mediunidade, quer no que diz respeito à saúde, quer no que toca, até à integridade física, razão por que devem ser evitados a todo preço.

Haja vista o que ocorre em relação aos festejos joaninos, tão inocentes na aparência, quanto prejudiciais por suas inevitáveis conseqüências.

Na verdade, para os que ignoram o lado oculto das coisas, o malefício ocasionado por essas festas, que, lamentavelmente, se prolongam por todo o mês de junho, e ainda, invadem o que se lhe segue, provém do perigoso contato com os fogos de explosão, que tantas vítimas fazem, mutilando umas e queimando outras, com inegável prejuízo para a nação, fato que, por si só, justificaria a imediata proibição dessa obsoleta tradição. Todavia, além dos perigos palpáveis

a que se expõem os participantes dos festejos joaninos ou, melhor, juninos e, até julhinos, há, nessas estrondosas e irritantes comemorações, um aspecto muito mais temível, imperceptível, bem sei, à maioria das criaturas, mas que o Espírita, cômico da incessante interpenetração do Mundo Espiritual em nosso plano existencial, não pode, ou, pelo menos, não deve desconhecer.

De fato, conforme tive oportunidade de lembrar aos confrades, quando profligui o uso do defumador, onde há fogo e pólvora, há, também, Espíritos atrasados, no mesmo nível de evolução daqueles que, nos “terreiros”, só trabalham auxiliados pelas energias e, quiçá, pelas matérias, que extraem, espiritualmente, da combustão provocada nos “pontos de pólvora”!

Por mais estranho que se nos afigure o fato, a experiência milenária de quantos médiuns, desde os primórdios de nossa civilização, hajam entrado em contato com o Além, demonstra que, lado a lado com a humanidade corpórea, vive, em nosso planeta, outra humanidade incorpórea, muito mais numerosa, que interfere não só em nossa esfera moral como, também, em nosso plano físico! Entrementes, o que é mais estranho ainda é que a maioria, senão a totalidade dessa humanidade invisível que habita a Terra, necessita das energias telúricas, para manterem certo equilíbrio psíquico aliado às antigas sensações corporais — tudo concorrendo para que tenham a impressão de que continuam encarnados, ou, quando não, de que toda a sobrevivência se desdobra aqui mesmo, na crosta terráquea! Na verdade, são Espíritos pouco evoluídos, que, por castigo, continuam as provações no próprio teatro de suas faltas, até que mereçam galgar novos planos, onde a vida se lhes depara para mais bela e mais feliz.

Ora, dentre os Espíritos atrasados, acorrentados, por suas mesmas imperfeições, ao plano terreno, muitos há que necessitam, para volitar e, destarte, realizar os próprios desejos ou os desejos alheios, de absorverem energias ou “fluidos” tóxicos, prejudiciais à saúde do homem, como é o caso dos gases da combustão da pólvora. E isso não é um devaneio: é fato de observação. O trabalho, para surtir efeito, deverá ser realizado de acordo com as abomináveis exigências desses Espíritos. E se a imposição foi a do “ponto de pólvora”, ou se satisfaz a determinação, ou nada se obterá deles. Ora, Espíritos dessa laia não servem nem para aliados. São mais dignos de piedade do que de simpatia. Carecem de amparo e de esclarecimento. Tanto atendem a um desejo hoje, como amanhã, irritados por qualquer contrariedade, vingam-se do incauto que os tivera por protetores. Na realidade, são Espíritos que precisam ser espíritas, única maneira, talvez, pela qual aprenderão a desprenderem-se das coisas terrenas, volvendo suas aspirações para uma vida mais pura e mais plena de venturas! Pois bem — nas festas juninas, dada a presença do fogo e da pólvora, a assistência espiritual é constituída de entidades desse quilate — motivo por que, não raro, graves incidentes e, até, tragédias lamentáveis vêm perturbar a alegria dos que, sem maldade, procuram divertir-se. Sobretudo as crianças, coitadas, mercê da sensibilidade espiritual que possuem, dotadas todas elas de perispírito muito delicado, facilmente são atingidas pelo pensamento de perversidade, ou de vingança, de Espíritos inferiores, para lá atraídos pela imprevidência, ou pela ignorância dos adultos. E quantos inocentinhos não se queimam seriamente, ficando deformados quando não mutilados para sempre, quantos?

De resto, agravando o sórdido ambiente de fumaça de pólvora, festas há em que se bebe um tal de quentão, mistura de alcoólicos, muito do sabor dos borrachos, segundo estou informado. Mas, para piorar a assistência espiritual, bastaria a presença de qualquer bebida alcoólica, por mais inofensiva que seja considerada sob o ponto de vista médico. Porque, ao verificarem os distúrbios provocados no organismo pelo álcool, os esculápios não equacionam os malefícios que o alcoólatra esparrama em volta de si, pela involuntária atração de Espíritos de antigos beberrões, que perambulam na órbita terrena, desequilibrados mentalmente, pelo vício que cultivaram em vida! De resto, para completar o constrangedor panorama espiritual, surgem, às centenas, aos milhares talvez, os balões de todos tamanhos e feitios. Aparentemente inócuos, os balões, quer pelo fogo e pelos gases que conduzem, no bojo, quer, sobretudo, pela categoria de Espíritos que a eles se agregam, no intuito de impulsioná-los, auxiliados, nesse mister, pela radiação do pensamento dos torcedores, que, cá de baixo, emitem valiosa energia espiritual para alvo tão destruidor, constituem, na realidade, pernicioso folguedo, que, além de concorrer para grande perda de fluido do perispírito dos que o acompanham com os olhos e com o desejo, ainda podem tornar-se autênticos projéteis para a consumação de incêndios, provocados pelo instinto de vingança dos próprios Espíritos que acompanham o seu deslocamento no espaço...

Como se infere, uma festa junina, a despeito de não aparentar é, sob o ponto de vista espírita, a coisa que mais se assemelha a uma macumba, tamanha é a equivalência entre os Espíritos, que, para lá, são atraídos, e os exus dos “terreiros”! Logo, para o espírita, o ambiente não serve.

## Sobre a Comemoração do Natal

O tema é sensacional, mas não interessa senão àqueles que aspiram a uma verdade maior.

Trata-se da comemoração da data máxima da cristandade, o nascimento de Jesus, oportunos se me afiguram alguns comentários em torno dessa importantíssima efeméride. Máxime porque muitos irmãos, presos ainda aos velhos laços do catecismo católico que lhes impregnou a mentalidade juvenil, não se libertaram de falsas concepções e, ao comemorar o nascimento de Jesus, incidem nos mesmos erros daqueles que ignoram totalmente as verdades proclamadas pelos Mensageiros do Além.

Com efeito, é deveras chocante que, para reverenciar Jesus, arme-se presépio e coloque o Mestre entre irracionais. É verdade que no Evangelho de Lucas, capítulo 2, versículo 7, se afirma que, por não haver lugar na hospedaria, Jesus, em nascendo, fora enfaixado e colocado numa manjedoura. Todavia, o fato não é crível, por dois motivos: em primeiro lugar porque, dadas as tradições do povo hebreu, se não houvesse lugar na hospedaria procurada por José e Maria, não faltaria hóspede que lhes não oferecesse seus cômodos, tamanho eram o respeito e a consideração

que, naquela época, se votavam às senhoras grávidas, e, com maior razão, às senhoras em trabalho de parto; em segundo lugar, os Mensageiros do Além insistem, freqüentemente, sobre o trabalho invisível desenvolvido junto ao leito das parturientes, e do qual participam entidades tanto mais elevadas quanto mais evoluído é o Espírito da criancinha que vai nascer.

E o motivo é simples. Ao reencarnarem, todos os Espíritos trazem, no corpo espiritual, ou perispírito, não só os fluidos vitais, que marcam a duração da vida terrena, como os fluidos espirituais, que deverão nortear todas as experiências da encarnação neste planeta. Estes fluidos constituem, por conseguinte, um patrimônio sagrado, que deverá ser ciosamente defendido pelos Protetores Espirituais durante os primeiros anos de vida, quando a criança ainda não pode assumir inteira responsabilidade por seus atos. Caso contrário, a criança ainda morreria fatalmente antes da época prevista pelos Irmãos Superiores, encarregados dos trabalhos espirituais e biológicos inerentes à reencarnação; ou, pelo menos, ficaria seriamente prejudicada, pelo desvio das provas às quais se deveria submeter, de acordo com os compromissos assumidos na espiritualidade. Exemplifiquemos, para que o fato se torne mais compreensível. Suponhamos um Espírito que, em virtude dos valores espirituais conquistados em encarnações anteriores, mereceu a graça de reencarnar na posição de médico, ou de engenheiro ou de advogado etc. Como para cada ciência ou para cada arte existem, na vida espiritual, planos correspondentes, muito mais aperfeiçoado, o Espírito que encarna traz, no perispírito, o fluido adequado à ciência, ou a arte que deverá estudar, daí a “vocação” que demonstra, mais cedo ou mais tarde. Se, no entanto, não houvesse a proteção de Guias Espirituais,

estes fluidos preciosos, seriam provavelmente destruídos, logo nos primeiros anos de vida, pelos Espíritos inferiores, que convivem dentro dos lares terrenos, atraídos, pela lei da afinidade moral, pelos sentimentos dos adultos sejam os pais, sejam os domésticos. A consequência seria que mais tarde, ao tentar estudar Medicina, ou Engenharia ou Advocacia ou Música, ou o Canto etc. o jovem nada assimilaria por falta do “fluido” correspondente a cada uma dessas ciências e artes e teria, forçosamente, de conquistar o pão cotidiano noutra espécie de atividade mais material. Eis, portanto, justificada, de acordo com as instruções de Mensageiros do Além, a proteção dispensada às crianças pelos Espíritos Superiores, não só durante o nascimento como durante os primeiros anos de vida, enquanto o Espírito encarnado ainda não pode deliberar conscientemente, de forma a ter, daí em diante, a proteção a que fizer jus, pelo mérito, ou pelo demérito, de suas ações.

Ora, Jesus, quer pelas provas que nos deixou de seu exemplar comportamento, quer pela sublimidade da Doutrina que nos transmitiu, quer pelas curas maravilhosas que realizou, quer pelo próprio testemunho dos Instrutores do Além que dele nos falam sempre ungidos da máxima veneração, por tudo isso Jesus foi, incontestavelmente, o Espírito mais perfeito de quantos já encarnaram neste mundo. Assim sendo, é claro que os fluidos de seu perispírito eram preciosíssimas formas de energia espiritual, que, a todo preço, deveriam ser preservadas por Protetores Espirituais de sublimada elevação e de luminosíssima irradiação espiritual. Pois é preciso atentar no fato de ter sido Jesus poderosíssimo médium curador, e isso importa em dizer que, em seu perispírito, trouxe fluidos valiosíssimos, cobiçados por todos os Espíritos sofreadores — razão porquê a proteção do

futuro Mestre da humanidade não poderia deixar de ser poderosa e incessante, pelo menos até que ele atingisse a uma idade em que fosse capaz de assumir plena responsabilidade moral de seus atos.

Entretanto, prezados irmãos, todos vós sabeis, tanto quanto eu o sei, que o ambiente de um estábulo ou de uma estrebaria é pavoroso. Espíritos atrasadíssimos lá se encontram, em penosas provações, a absorver não só os fluidos vitais dos animais como as emanações nauseabundas dos excrementos, que exalam odores e energias compatíveis com a imperfeição de seus perispíritos, deflagrados em torpes cometimentos, durante a vida terrena e, por isso, carecendo de fluidos tão inferiores como os de uma cocheira para que possam voitar e conservar o equilíbrio psíquico! E sabendo disso, como estou certo que sabeis, não podeis admitir, de modo algum, que Jesus houvesse nascido num estábulo, ou noutra local qualquer junto de animais, como o cavalo, o burro, o boi ou o carneiro. Não só os luminosos protetores de Jesus não poderiam permanecer num ambiente dessa ordem, pois, se insistissem, sofreriam gravíssimo derretimento de fluidos perispirituais, que durante longo tempo os inibiria de voltar aos seus planos espirituais, como o próprio perispírito de Jesus seria de tal modo afetado, que ele, de modo algum, lograria ser, mais tarde, o grande médium curador que se nos revelou; nem, tão pouco, teria podido servir de medianeiro entre o Mundo Espiritual e o terreno, para nos mostrar o outro lado da vida, e nos revelar as leis divinas que governam nossos destinos.

Se dessa verdade não estiverdes convencidos, lede, prezados irmãos, o que, a respeito das precauções tomadas pelos Mensageiros do Além durante os fenômenos de materialização, escreveu André Luiz, em *Missionários da Luz*, atra-

vés da prodigiosa mediunidade de Chico Xavier. Lá encontrareis, dentre outros processos, a ozonização do ambiente para exterminar a flora microbiana patogênica, capaz de contaminar o ectoplasma e de vitimar, irremediavelmente, o médium que o emite, além de prejudicar sobremaneira o próprio Espírito que se materializa. Se a materialização, que é uma encarnação efêmera, é tão prejudicada pelas impurezas do ambiente, imagine-se o nascimento, que é o início de uma encarnação duradoura! Se existem irmãos nossos que vêm ao mundo nos ambientes mais sórdidos, é preciso ressaltar que tais irmãos não estão destinados a nenhuma obra de responsabilidade: são Espíritos faltosos, compulsoriamente encarnados, para resgatar faltas hediondas de vidas passadas. Fato, portanto, que nenhuma analogia poderá ter com o nascimento de um Espírito com o grau de evolução manifestado por Jesus.

Por tudo que ficou dito, vós não podeis aceitar o testemunho de Lucas naquela suspeitíssima passagem evangélica aqui mencionada. Mesmo porque todos vós sabeis que a *Bíblia* fora primeiramente temperada pelo duvidoso ecletismo de São Jerônimo ao traduzir e compilar a *Vulgata*, e depois, seguidamente, ajeitada, retocada e alterada em vários concílios ecumênicos, para servir aos interesses da Igreja Católica. De modo que vós, que me ouvis, não tendes o direito de misturar Jesus com repugnantes quadrúpedes sob a invocação de um ato de humildade!

Se essa credence é justificável nos que ignoram as leis espirituais que regem a preparação duma encarnação e os cuidados espirituais que cercam o nascimento, é deplorável, no entanto, nos que possuem conhecimentos mais apurados.

Não é, pois, sem certo constrangimento e profunda tristeza que vejo nos lares espíritas tradicional manjedoura rodeada de animais. Embora um pensamento em que o vulto luminoso de Jesus está cercado de quadrúpedes não atinja de modo algum os planos superiores, onde se encontra atualmente o grande Mestre da Humanidade, não deixa de ser confrangedor para os Irmãos Superiores do Além contemplar lá de longe a tenebrosa condensação desse pensamento generalizado sobre o asqueroso local em que se atribui erroneamente que Jesus nasceu!

Contudo, não é este o único erro das comemorações do Natal. Há outros, muito graves, que contribuem para tornar mais carregada ainda a atmosfera espiritual que envolve a Terra nessa época em que, ao invés de elevação e de meditação sobre a vida e a Doutrina de Jesus — uma vida precocemente ceifada na cruz pelo fanatismo religioso de um povo retardado, e outra constantemente deturpada pelos interesses inconfessáveis de seus próprios prosélitos, — o que se vê, na verdade é grande ânsia de prazeres grosseiros, em detrimento dos ensinamentos de Jesus, que, com a palavra e com o exemplo, convidou o homem a libertar-se dos bens terrenos, para conquistar os bens do céu. Entretanto, contrariamente aos seus ensinamentos, o que se observa por ocasião do Natal é, a gula generalizada, a hipocrisia e a depravação.

De fato, é estranho que Jesus, que pouco se alimentava, seja comemorado com ceias pantagruélicas, onde repimpam ventres empanturrados de rabanada, castanhas, nozes e queijos. Mais estranho ainda que Jesus, que renunciou ao sexo, seja festejado com as farras e libidinagens, com que certas criaturas, insensíveis às coisas espirituais, comemoram a noite que antecede o dia de Natal. Lamentável

também é essa hipocrisia de presentear, para aparentar, que obriga muitas vezes o sujeito a contrair dívidas, que não pretende ou não pode pagar, dívidas que prejudicam materialmente ao negociante, mas que prejudicam muito mais os que as contraem — porque os prejudicam espiritualmente, agravando futuros resgates em futuras encarnações. E como erram este mês os negociantes, como enganam na mercadoria e nos preços!

No entanto, se ao invés desse insólito procedimento, a humanidade consagrasse o mês de Natal para exercitar as excelsas virtudes aconselhadas por Jesus, treinando cada qual para comportar-se em relação aos semelhantes como deseja que seus semelhantes se comportem em relação a eles, a vida tomaria outro ritmo e teria outro encanto.

Bem sei que toda essa catilinária nada vos aproveita, meus irmãos, porque todos vós já comemorais o Natal como deve ser. Mas quem sabe se estimulados por mim não ides incrementar nas pessoas de vossas relações salutar reação contra tão absurda maneira de comemorar o nascimento do Mestre dos Mestres.

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Dr. Penna Ribas

148

## Diálogo com a Juventude

O desconhecimento do mecanismo que rege as inter-relações entre os planos dos Espíritos desencarnados e o plano dos Espíritos encarnados acarreta graves prejuízos morais à juventude mundial, com melancólica perspectiva para o futuro do planeta.

Circunscrevendo o problema ao Brasil, sinto-me no dever de alertar os jovens no que concerne a uma incógnita que ainda não entrou nas equações da Sociologia, nem nos problemas da Pedagogia. Refiro-me à influência irremovível que os Espíritos desencarnados exercem sobre o comportamento dos Espíritos encarnados.

De fato, os Espíritos desencarnados governam os Espíritos encarnados. Governam para o bem ou para o mal, consoante as tendências de cada um. A afinidade de sentimentos ata o laço do jugo. De modo que cada qual tem a proteção que merece. Os virtuosos cercam-se de “Protetores” evoluídos; os prevaricadores atraem “Protetores” congêneres. Mas o pior é que o vínculo pode estabelecer-se insidiosamente, sem que o Espírito encarnado vislumbre o abismo que o ameaça.

Espíritos desencarnados há, cuja influência deletéria se infiltra gota a gota na sociedade, envenenando a juventude com torpes sentimentos. Exemplo típico ocorreu em nossa Pátria há poucas décadas. Certo estadista que, no Império, exerceu destacada influência política e cuja identidade, por caridade, deixo oculta, ao desencarnar sofreu tremenda decepção, porque se certificou de que títulos honoríficos e religião exterior não credenciam para a ascensão a um plano de felicidade: só contam as virtudes conquistadas durante a encarnação — sobretudo o amor a Deus e aos Espíritos, estejam eles encarnados ou desencarnados, de vez que são, todos, irmãos!

Em suma: revoltado contra a insignificante posição que lhe coube como Espírito desencarnado, o ex-Visconde atribuiu sua falência às maquinações políticas que o enredaram e, descrente do idealismo e da virtude planificou a deterioração da Pátria que outrora o havia exaltado!

Valendo-se de um médium desprovido de “iniciação”, que se tornou caricaturista afamado com a criação de “Amigo da onça”, instilou sub-repticiamente, durante anos, a peçonha das mais cínicas traições na alma da juventude brasileira. Frequentemente, abomináveis felonias eram ressaltadas nos curtos diálogos, ilustrados pelo caricaturista, sedimentando, dia a dia, no coração de jovens ingênuos, o fermento para futuras torpezas! E é difícil aquilatar quanto esse foco de infecção moral contaminou a alma da juventude. Mas a prova de que as intenções do invisível inspirador de “Amigo da onça” não eram boas é que, depois de haver difundido, durante lustros, a perfídia como norma de vida, não teve força espiritual para impedir que outros Espíritos, inimigos do médium, o induzissem ao suicídio!

Como se infere, todo médium deve fazer a autocrítica das mensagens que transmite, para não ser enleado na trama de Espíritos mistificadores.

Em verdade, nos planos espirituais organizados na superfície da Terra, há incontáveis Espíritos que, encarnados, foram massacrados no execrável martírio da escravidão; ou, injustiçados, apodreceram em sórdidos ergástulos, enquanto outros, torturados pela fome, tombaram exânimes na sarjeta da via pública! Hoje, liberados do corpo material e, nada obstante, vivos e revestidos com o corpo espiritual, que, na maioria dos casos, conserva as sensações do corpo físico clamam vingança contra os antigos verdugos, agora reencarnados e esquecidos das crueldades que praticaram contra irmãos desvalidos, em anterior encarnação. Sem embargo, como a justiça de Deus não falha, muitos dos escravos estão encarnados como filhos de seus antigos algozes, causando-lhes cruciantes humilhações. Aliás, os reflexos de anterior encarnação estão retratados no comportamento de inúmeros jovens. Filhos de abonados progenitores, ao invés de se vestirem de acordo com seu *status*, transfiguram a indumentária, descorando, propositadamente, as calças e perambulando em fraldas de camisa, de cores vivas, quase sempre extravagantes. Embora muitos desses jovens não hajam sido escravos, estão de fato, teleguiados por Espíritos sedentos de vingança, os quais, em pretérita encarnação, foram escravos e massacrados por um ou pelos dois progenitores dos jovens que se rebelam contra os conselhos paternos e, na figura do pai, vêem um “quadrado”!

Muito pior do que a predileção pela roupa estapafúrdia, são os vícios sexuais e os vícios de drogas prejudicialíssimas, frutos nefastos da sugestão subliminar insidiosamente inoculada no subconsciente de jovens desprovidos de convicção religiosa e ávidos de esdrúxulas sensações!

Tudo isso, e muito mais, poderia ser evitado se a juventude brasileira, na qual se encontram muitos jovens de bons sentimentos e de brilhante inteligência, se conscientizasse de que os ex-habitantes da Terra continuam mais vivos do que nunca; e que interferem, a cada instante, na vida dos que presentemente estão encarnados, levando-os à evolução ou à degradação, conforme os sentimentos que acalentam!

## Dos Prejuízos Morais do Carnaval

Falando-vos na véspera do Carnaval, quando o barrete da graciosa figura simbólica de nossa república vai ser trocado pela bizarra coroa de papelão do obeso e prosaico rei momo, e nossa Pátria, com desdouro de suas virtudes tradicionais, transformar-se, para gáudio dos epicuristas estrangeiros e regozijo dos sibaritas nacionais, na mais estrepitosa bacanal do mundo civilizado, afigura-se-me de palpitante oportunidade tecer algumas considerações acerca do pandemônio, que se avizinha, precedido pelo ritmo concupiscente das marchas carnavalescas.

Devo ressaltar, desde logo, que não venho a este microfone, agora que já se me encaneceram os cabelos, com o puritanismo hipócrita de certas marafonas, que, depois de longa vida de degradação, no tálamo de Afrodite, se escandalizam com o idílio platônico, ou se ruborizam à mais leve alusão a atos naturais entre criaturas que se amam. Não. Minha repulsa ao carnaval é instintiva, porque meu espírito sempre repeliu o contato com a degradação. Muito jovem ainda, quando cursava a faculdade, encafuava-me, voluntariamente, num hospital de isolamento, os três dias de carnaval, dando plantão para colegas folgozões. E, nesse tempo,

eu não tinha religião. A ojeriza à devassidão é ingênita, portanto, à própria estrutura de meu caráter: — independente das convicções filosóficas, que me norteiam a vida atualmente.

Todavia, depois que o Espiritismo me revelou a existência do mundo invisível, que nos cerca, participando de nossa vida psíquica e interferindo em nossas ações, de acordo com os nossos sentimentos, é claro que passei a ter uma noção muito mais perfeita de quanto são prejudiciais os folguedos carnavalescos, e só pude louvar a Deus por minha aversão ao Carnaval.

Não vades supor, no entanto, prezados ouvintes, que o Espiritismo condene as diversões, nem que imponha aos seus sectários o dever de isolarem-se da comunidade, para viverem como eremitas, em inacessíveis tugúrios... A alegria faz parte da higiene da alma. E o Espiritismo, que dá tanto conforto moral, pela maravilhosa concepção que possui a respeito da bondade do Criador e da justiça com que conduz o homem à perfeição e à felicidade, jamais poderia reprovar qualquer forma de diversão, a menos que seja prejudicial à moral, ou à evolução espiritual.

Ora, o Carnaval, não obstante a decência com que algumas pessoas se divertem, é, incontestavelmente, uma festa consagrada à luxúria, às libações alcoólicas e à degradação moral. E quem viu as fotografias publicadas o ano passado não pode duvidar de que a depravação atingiu ao auge e que, se não se der cobro a essa libidinagem desenfreada, que impera durante o criminoso reinado de Momo, terríveis conseqüências poderão advir para o futuro de nossa Pátria. Se se fizer o cômputo dos lares que se desabam, das virgens que se defloram, dos jovens que se viciam, dos crimes que se cometem, das economias que se malbaratam e

dos desajustes sociais resultantes dessa calamitosa orgia descaimada, ver-se-á que o descalabro é muito mais grave do que poderia parecer num exame perfunctório.

Deixo, contudo, aos sociólogos e aos economistas a urgente tarefa de empreenderem o levantamento dos distúrbios sociais e dos desequilíbrios econômicos causados ao país pelo anacrônico festim anticristão. A mim só me interessa, no momento, o aspecto espiritual da questão. Por isso mesmo, é a vós, espíritas que me ouvis, que me dirijo hoje, com o intuito de vos alertar sobre fatos que conheceis, mas que nem sempre levais a sério, quando vos envolve o torvelinho da psicose coletiva, desencadeada pela volúpia e pela ânsia de esquecer, na vertigem da libidinagem e no delíquio da embriaguez, as dores excruciantes das provações terrenas!...

Como sabeis, prezados confrades, os Espíritos, quer se encontrem encarnados, aqui na Terra, quer se encontrem desencarnados, nos diversos planos espirituais, congregam-se, sempre, de acordo com a afinidade espiritual, isto é, em harmonia com um denominador comum de virtudes ou de vícios. Os bons, mutuamente se atraem, da mesma forma que os maus se reúnem. O homem virtuoso não só procura a convivência de homens virtuosos, como ainda vive cercado de Espíritos virtuosos — seja qual for sua religião. Do mesmo modo, o homem degradado só se sente bem em companhia de criaturas pervertidas; e pervertidos são, também, os Espíritos que os assistem.

Nessas condições, quando um indivíduo virtuoso procura, voluntariamente, um meio de degradação para distrair-se, não pode queixar-se se, em virtude dessa leviandade, adquirir a assistência de algum Espírito atrasado, dentre os muitos que perambulavam, desorientados e sedentos de sen-

sações corporais, no ambiente em que ele imprudentemente, procurara distração. E o resultado dessa lastimável assistência espiritual é, quase sempre, desastroso; porque pode levar ao fracasso um indivíduo virtuoso, obrigando-o, mais tarde, a encarnações muito penosas, com a finalidade de ajudar o soerguimento moral do Espírito atrasado que dele se aproximou, quando, contra os ensinamentos da Doutrina, buscou alegria num ambiente incompatível com suas qualidades morais!

Como se vê, por causa de um prazer efêmero, o imprudente pode adquirir a convivência de um Espírito degradado, cuja regeneração lhe custará um preço muito elevado: — uma, ou mais encarnações, de ingentes sacrifícios, em prol da elevação moral de um irmão que não estava em sua rota evolutiva, mas que, por displicência, atraiu levemente, para junto de si!

Sabendo disso, o espírita tem o dever de evitar os ambientes onde dominam os baixos instintos, mal disfarçados sob a máscara que cobre os rostos, ou, mesmo, sem disfarce nenhum, no mais cínico exibicionismo de deslavado impudor, como é comum em certos antros carnavalescos!

Na rua, de resto, o ambiente espiritual não é melhor: a deformação do aspecto corporal, pelas máscaras e fantasias, conjugada com os mais rasteiros sentimentos, forma perigosa atmosfera psíquica, em virtude do avultado número de Espíritos inferiores que são atraídos para a Terra pelos desejos inconfessáveis das multidões sequiosas de prazer. O álcool e o éter, condensados no ar, juntamente com as fantasias de indígenas e de africanos, constituem perigoso ambiente de atração para Espíritos atrasadíssimos, originários das selvas brasileiras e africanas, ou, mesmo, das macumbas de nossas favelas. E o resultado é que graves alterações sur-

gem a cada passo, acompanhadas de traiçoeiras navalhadas e de balaços atirados a esmo, com sacrifício, muita vez, de vítimas inocentes. Depois, para os que ignoram as leis espirituais, que regem o intercâmbio do mundo invisível com o nosso, tudo foi obra do álcool...

O pior, porém, é o pesado tributo que as crianças pagam pela ignorância, ou pela inferioridade de sentimentos dos adultos. E foi sobretudo pensando nelas que deliberei apelar para vós. Não leveis, meus amigos, vossos inocentes filhinhos para o meio da multidão delirante de paixões descontroladas. Os Espíritos que lá adejam, como corvos à cata de carniça, são temíveis, e, dentre as desgraças que lhes poderão acontecer, está a morte rápida, por processo infectuoso galopante, que nenhum medicamento salvará, por falta de defesa orgânica, em virtude de ter havido grande perda de fluido do perispírito, onde se ocultam as mais preciosas energias vitais de que carecem os órgãos, em geral, e o sistema nervoso em particular. E — lembrai-vos bem, meus caros confrades, — se vosso filho desencarnar porque Espíritos inferiores lhe raptaram fluidos indispensáveis à vida; e se vos coube a responsabilidade nisso, muito caro vos custará tamanha imprudência, de vez que, perante Deus, não podereis justificar vossa falta, alegando ignorância.

Evitai, outrossim, que vossos filhos se fantasiem de tudo o que possa contribuir para atrair, para junto deles, Espíritos perturbados. O pensamento, como sabeis, é uma força poderosíssima. A criança, muito mais que o adulto, ao fantasiar-se, vive, mentalmente, o papel que encarnou. Se se fantasiou, por exemplo, de mocinho, logo pensa nos bandidos; e bandidos há em quantidade na vida espiritual, e, muitos deles, ansiosos por encontrarem médiuns cujos sentimentos se afinem com os seus. Também de pirata, não se deve

fantasiar uma criança — pois ladrões do mar sempre os houve e ainda os há, agora, mais disfarçados, é verdade, porém bastante perigosos ainda. E não é interessante que, pelo pensamento inocente de uma criança, reforçado com os pensamentos de todos os que a vêem fantasiada, venha a pobrezinha a sofrer desagradáveis conseqüências, tornando-se endiabrada, sob a atuação de Espíritos maléficos.

Da mesma forma, é muito perigoso fantasiar uma criança de índio, com arco e flecha e tudo, porque o mínimo que pode acontecer é que irresistível tentação a leve a flechar um companheiro. E nem sempre as conseqüências são proporcionais à desprezível agressividade da arma empregada. Muitas vezes, a vítima da flechada perde um olho, ou sofre ferimentos imprevisíveis, sem que os peritos em balística possam compreender a origem da misteriosa força que impulsionou a leve flecha, desferida por frágeis músculos infantis...

Em síntese, a fim de evitar des inesperados dissabores, prezados confrades, escolhei as fantasias para vossos filhos como quem tem noções verdadeiras sobre o mecanismo de intercâmbio psíquico entre o nosso, e o mundo dos Espíritos. Uma fantasia de fada, por exemplo, que representa um Espírito bom, protetor das crianças obedientes, nenhum prejuízo poderá causar à mocinha que a escolher. De modo idêntico, fantasias de professor, ou de médico, ou de pescador, etc. podem ser usadas, sem inconveniente algum, pelos jovens, assim como a fantasia de “anjo” ou de “cupido” não acarretam quaisquer malefícios às crianças que as usarem. Se quiserdes, pois, participar dos folguedos carnavalescos, escolhei ambientes familiares em que os sentimentos estejam de acordo com os vossos, e evitai as fantasias. Sobre tudo, repeli a máscara, porque um espírita não comete nenhu-

ma ação que deva ocultar, sob pena de degradar-se perante sua própria consciência, que é a pior forma de degradação. Afastai, também, vossos filhos do espetáculo de devassidão das ruas e dos clubes! Promovei, para eles, uma festinha nos vossos próprios lares, ou nos lares de vossos amigos, onde, além da alegria possa haver, também, a presença dos bons Espíritos e a graça de Deus!

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Dr. Penna Ribas

160

## Preconceitos de Família

Dentre as falsas noções milenarmente arraigadas no entendimento humano, esqueceu-se o afamado autor do *Novum Organum* de arrolar uma, que, como as demais, tem sido altamente prejudicial ao progresso da civilização. Chamar-se-ia, consoante a nomenclatura do renomado filósofo — ídolo de família; mas, de acordo com a linguagem corrente, denomina-se — preconceito de família.

Não sei se você, meu irmão, já meditou algum dia sobre os malefícios sociais decorrentes desses calamitosos preconceitos, que transferem aos membros da família as virtudes e os crimes dos parentes. Mas se não meditou, observe ao menos. Veja ao seu redor, nas pessoas de suas relações, quantas há, que, sem terem qualquer expressão social, se enfeitam e se envaidecem com as qualidades ou com as posições de seus ascendentes, descendentes ou colaterais! Para eles, o mérito dos parentes não é, apenas, motivo de justa satisfação, como o seria o valor de um amigo, ou dum simples conhecido — é patrimônio de família, que, se transmite, indistintamente, a todos os elementos da árvore genealógica. De modo que, iludidos com o falso conceito, tais indivíduos, além dos prejuízos morais resultantes desse

injustificado orgulho, ainda se retardam no progresso material e na evolução espiritual, recusando empregos que consideram humilhantes, e pretendendo cargos e posições incompatíveis com seus méritos e capacidades. Mas o pior é que nem sempre o prejuízo é somente individual. Movidos pelo orgulho, e imaginando-se mais do que são, esses infelizes, não raro, provocam situações, que os podem levar ao desvario e, até, ao crime!

Contudo, por pior que seja, o maior mal desse preconceito de família não reside na estulta vaidade pela posição dos parentes — está nos dramas de família, onde criaturas de reconhecido valor moral, por má interpretação da solidariedade familiar, se sentem aniquiladas, quando um parente qualquer provoca um escândalo ou comete um crime. Sobretudo se se trata de parente próximo — um filho ou um consorte. Dominado pela vergonha — vergonha por uma falta que não cometeu — o parente honrado, injustificavelmente, entra, não raro, num período de abatimento moral, que o leva freqüentemente à decadência social, e, até, ao suicídio! Com efeito, basta percorrer os olhos num desses pasquins, que, vergonhosamente, circulam nesta Capital, com as páginas ensangüentadas de crimes. Lá estão, em títulos garrafais, numerosos assassinatos ocasionados, dentre outros motivos, pela infidelidade conjugal. E, embora com menos freqüência, não faltam também os casos em que filhos tarados levam pais honrados ao desespero e à morte! Tudo isso, muito mais por lamentável preconceito de família do que propriamente por verdadeiro amor ao parente transviado! E o pior é que a própria sociedade, por pernicioso preconceito, concorre para agravar a humilhação do parente honrado, apontando nele a mácula verificada noutro membro da família! Quantas vezes uma criatura

honestíssima não se vê suspeitada e, até, vilipendiada só pelo fato de ter um parente assassino ou ladrão? Entretanto, que culpa pode ter um pai, que, depois de longos anos de sacrifício em prol da formação moral da prole, dando ele mesmo todos os exemplos de ilibada honestidade, tem a desgraça de ver o seu descendente desviar-se do rumo em que foi educado, para descambar para o crime, ou para o vício, e degradar-se totalmente? Nada mais absurdo, mais iníquo e mais nefasto ao equilíbrio social do que essa leviandade com que, geralmente, se transfere ao parente honrado a pecha do parente delinqüente ou canalha!

Entretanto, isso tudo acontece porque a humanidade, de um modo geral, vive indiferente ao seu próprio destino, absorvida com as lutas da vida terrena, desconhecendo donde veio, para onde vai e por que misteriosa força certas criaturas se agregam em determinadas famílias!

Sem embargo, o melhor antídoto para a ação deletéria dos preconceitos de família é a Palingenesia. Ela nos ensina a contemplar a vida por outro prisma. Os homens nada mais são do que Espíritos eternos provisoriamente encarnados numa escola de evolução pela dor. Todos que aqui estão já tiveram encarnações anteriores. Aqui mesmo, ou em planos mais atrasados. De acordo com as relações sociais do passado, os Espíritos reúnem-se, novamente, nos laços da consangüinidade, para redimirem, juntos, debaixo do mesmo teto, no seio da mesma família, erros cometidos no passado. Encarnam, assim, no círculo duma mesma família, Espíritos afins, amigos de outrora, que se comprometeram a prestar mútuo auxílio nas provações necessárias à evolução espiritual; e Espíritos inimigos, comprometidos, não raro, em graves crimes, no passado. Claro que a afinidade logo se lhes manifestará pelo profundo amor que os unirá, da mes-

ma forma que a antiga inimizade, transcorrida a época da meninice, surgirá fatalmente na rebeldia do filho e na intolerância do progenitor — intolerância e rebeldia disfarçadas apenas para “salvar as aparências”. No fundo, pai e filho são inimigos potenciais, postos um diante do outro, para que os dois se aperfeiçoem. O pai, treinando a paciência, a tolerância e multiplicando esforços para educar e formar o caráter do filho desajustado à família; o filho, treinando a humildade, e a capacidade de perdoar, no regime de disciplina a que é submetido e nas controvérsias resultantes das incompatibilidades de temperamento e, sobretudo, de ideais. De toda forma muito mais do que pai e filho, estão ligados, pelos laços da família, dois Espíritos eternos, criaturas de um mesmo Deus, e, portanto, dois irmãos. Esse é o verdadeiro aspeto do problema. A família, em si, nada mais é do que efêmera reunião de Espíritos heterogêneos, em diferentes graus de evolução, todos carecendo de aperfeiçoamento para alcançarem, com a desencarnação, um plano mais elevado, e, por consequência, mais feliz. Os que estiverem no mesmo nível espiritual, continuarão juntos depois de mortos. Os demais estarão automaticamente separados, cada qual no plano espiritual que merece. Se houve, entre os antigos inimigos, o resgate das dívidas passadas tanto melhor — cumpriu-se a lei da fraternidade universal. Caso contrário, a luta prosseguirá no futuro; e, novamente, credor e devedor se encontrarão, numa das múltiplas relações sociais que a vida do planeta se encarrega de preparar. Ninguém, pois, deixará de pagar, até o último ceitil! E, de toda maneira, cada qual receberá, no Além, de acordo com suas ações. Porque ninguém pode pagar pelo erro de outrem. Nem o crime de um homem pode macular a dignidade de outro. Se, acaso, a esposa se prostituiu não se segue que o marido esteja desonrado.

Espíritos criados independentes, cada qual é responsável pelo seu próprio destino, embora estejam unidos, momentaneamente, pelo matrimônio. Que a prostituta siga, pois, o caminho que preferiu. Mas que o marido, por bárbaro preconceito, não lhe tire a vida — porque pior do que ser barregã é ser assassino! Se a esposa ao leito conjugal preferiu o tálamo de messalina o problema é dela. O marido é que não pode ser incriminado pela degradação da mulher. Nem tem nada de lavar honra com sangue. Primeiro porque, com sangue, não se lava — mancha-se; segundo porque sua honra não pode estar manchada por uma falta que não cometeu! E o mesmo critério há de prevalecer quando o parente que se desonra é o pai, a mãe, o filho, o irmão ou outro qualquer elemento da família. Porque a verdade é essa — a justiça, para ser imparcial, não pode responsabilizar um inocente pela delinquência dos parentes. Urge, pois, que se extirpem os daninhos preconceitos sociais, que, atualmente, ainda imperam, a fim de que os homens aprendam a julgar com maior isenção, pesando as ações de cada indivíduo *per si*, independentemente da família a que pertence, pois o correto, consoante nos advertiu Jesus, é que cada qual receba de acordo com suas obras.

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Dr. Penna Ribas

166

## Drama de Família

O caso está nos jornais. Aconteceu em São João de Meriti. Talvez não tenha despertado maior interesse, tantos são os crimes hediondos explorados pela imprensa sensacionalista. Mas, a mim me chamou a atenção. Eu que, sistematicamente, repudio, como sórdido foco de infecção, a página policial, não sei como, deparei, lá num canto de coluna, com o drama familiar.

Li-o de relance. Por isso, nem gravei o nome do principal protagonista. Mas isso pouco importa. O que está em causa não é o quase uxoricida, nem a quase parricida: é o móvel da quase tragédia, a alcoolatria.

Com efeito, antes de entregar-se ao vício das bebidas, o desgraçado fora bom marido e pai zeloso. Só agora, depois de velho, sentindo-se doente e julgando-se imprestável para o trabalho e o sustento da família, dera para beber. Como tantos outros infelizes, cometeu o erro de tentar afogar, no álcool, as mágoas pungentes, que lhe torturavam a alma sofredora.

Ora, o álcool, mais do que o tabaco, e tanto quanto o jogo, constitui perigoso ímã para a atração de Espíritos maléficos, que, do outro lado da vida, permanecem desequili-

brados pelas paixões, que os dominaram na vida terrena, e das quais não tiveram ainda forças para libertarem-se. De modo que, por incrível que pareça, onde haja um alcoólatra, um jogador, um cocainômano, um morfinômano, ou, mesmo, um simples fumante — seja o cigarro de tabaco ou de maconha — aí estarão em derredor do viciado, temíveis companheiros invisíveis, partícipes das sensações, e, por causa delas, algemando cada vez mais a vítima incauta ao objeto da viciação! E é desse insuspeitado comércio de sensações e de paixões com mentes degradadas do Mundo Espiritual que resultam, a cada passo, tremendas tragédias e crimes horripilantes, que infestam o noticiário policial.

Mal avisado andou, pois, o pobre velho, quando, ao invés de buscar na religião a força moral para enfrentar a serôdia provação, tentou esquecer, na intoxicação alcoólica, a dor que lhe transfixava o coração! O resultado foi a turbulência no lar, além da miséria à mesa.

Assediado por Espíritos degradados e vingativos, o infeliz ancião passou a desferir contra a esposa, sua amiga e companheira de todas as adversidades, os mais destrambelhados improperios e os mais infamantes vilipêndios. Até que outro dia, ao regressar ao lar na marcha titubeante do etilismo minaz, entra em violenta rixa com a esposa, pobre mulher depauperada pela fome e extenuada pela sobrecarga da lavagem de roupa com que sustenta a casa, e, ao ver-se repellido nas injúrias, avança de mãos crispadas para o pescoço daquela que tudo sacrificara por ele e pelos filhos, e, desvairado pelo ódio e pela atuação dos Espíritos maléficos que o assistem no nefasto alcoolismo, tenta estrangular a velha companheira, a amiga indefectível de todas as horas!... A casa fica em polvorosa. Gritos de horror e choros lancinantes denunciam desgraça iminente. Asfixiada, a víti-

ma inerme da fúria alcoólica, já estrebucha nas mãos do marido carrasco. Nisso, a filha, alucinada de desespero, estando a mãe estremecida prestes a morrer, toma do facão da cozinha e, sem vacilar, chanfra-o no pai assassino, antes que o assassinato da mãe esteja consumado! E só pela misericórdia de Deus, não houve naquele momento, duplo crime — um uxoricídio e um parricídio, cada qual, mais horrroso — tudo pela intervenção dos Espíritos inferiores, atraídos pelo vício do chefe da família! E tanto é verdade que tudo fora produto duma atuação, isto é, que o hábito de beber fora alimentado no pobre velho, por Espíritos viciados, que ele, que até agora, se dizia inutilizado por pertinaz enfermidade e humilhado pelo estado de dependência em que ficara dentro do lar, justificando a escravização às libações alcoólicas como derivativo para sua frustração, depois do drama, prometeu à família que vai deixar de beber e retornou, imediatamente, ao trabalho!

Como se vê, foi preciso que duas vidas estivessem em risco, para que os Espíritos Protetores dos outros membros da família, em defesa da vida e da honra de seus protegidos, afastassem daquele ambiente os Espíritos inferiores que o vício do chefe da família trouxe para a convivência do lar. Queira Deus que a iminente tragédia sirva de lição, e que muito breve, passado o susto, não volte o desgraçado viciado a servir de pasto às paixões e vícios dos Espíritos degradados, com que tem convivido, desde que se entregou às bebidas! Porquê, apesar dos bons propósitos revelados pelo viciado à imprensa, a verdade é que não é muito fácil livrar-se da influência traiçoeira e pertinaz, de Espíritos atrasados com os quais se tenha estabelecido um laço de afinidade! E, por pior que sejam tais Espíritos, por maior que seja a responsabilidade deles na criminalidade terrena, o

fato é que eles também são filhos de Deus, nossos irmãos, carecentes de caridade, de vez que, como acontece com as criaturas deste mundo, a maldade é, sempre, fruto da ignorância. No dia em que o mau se compeñetrar de que, sendo mau, a si mesmo faz mais mal do que a outrem, nesse dia, por pior que seja, o mau procura esforçar-se para ser bom, convencido de que só pela bondade, poderá, um dia, conquistar a paz e a felicidade, que a maldade jamais lhe pôde proporcionar. Portanto, o problema não se restringe ao momentâneo afastamento dos Espíritos, que estão a degradar o viciado. Urge amparar tais Espíritos seja por intermédio de constantes orações doutrinárias, nas quais, pelas asas da prece, se lhes dê uma explicação convincente das vantagens de mudarem de atitude, seja, mais diretamente, através da incorporação mediúnica, hipótese em que a doutrinação se lhes pode tornar mais decisiva. De toda forma, a advertência deverá ser levada em conta por quantos se viciaram, seja no fumo, seja no álcool, seja no jogo, seja nos desvios do sexo, seja no que for. Todo vício é alimentado por Espíritos inferiores, degradados, perversos, quase sempre, e, sempre, propensos a levar a vítima ao estado de abjeção moral em que eles próprios se encontram do lado de lá. Via de regra, julgam-se condenados irremediavelmente, e, por isso mesmo, são revoltados contra Deus e contra a Terra, cuja organização social acusam de responsável por seus fracassos! Assim sendo, não basta que o viciado queira regenerar-se: é mister que contribua para a regeneração daqueles que, por sua fraqueza, chamou para junto de si. Caso contrário, estará sempre sujeito à inesperada reincidência nos antigos vícios. Basta atentar no que ocorre com o menos detestável dos vícios sociais — o fumo. Quantos indivíduos há, que lutam desesperadamente para livrar-se do vício, e não o

conseguem, senão por períodos relativamente curtos?! E por que? Porquê imaginaram que somente com força de vontade poderiam fazê-lo, quando a verdade é que a força de vontade é ainda virtude muito rara neste mundo... Mas mesmo os que, empregando apenas a força de vontade, conseguem livrar-se do vício não ficam isentos, no Mundo Espiritual, do reajuste emocional, com os Espíritos inferiores que se lhes afeiçoaram, como coniventes, durante o tempo de viciação. De toda forma, é da máxima importância, que o viciado, seja qual for o vício, ao mesmo passo que se esforça para romper as algemas do vício, não se esqueça dos irmãos infelizes que participaram com ele, das sensações e das paixões correspondentes ao vício. Mais desgraçados do que ele, porque, embora despojados do corpo carnal, permanecem no plano terreno, torturados pelas mesmas paixões que alimentaram durante a encarnação, esses Espíritos merecem mais piedade do que repulsa; e exigem, daqueles que lhes deram oportunidade de reavivarem, em autêntico vampirismo biológico, suas lastimáveis tendências, os melhores sentimentos de caridade, a fim de que possam aproveitar o bom exemplo, e, também, se libertarem das paixões que os acorrentam à humanidade terrena.

Em conclusão: se você, meu irmão, pretende libertar-se do vício que o escraviza, mobilize, desde já, toda a força de vontade de que for capaz, mas não se esqueça, ao mesmo tempo, da recomendação de Jesus — perdoe os seus inimigos, aqueles que, invisíveis aos seus sentidos, têm sido seus algozes no vício e na depravação. Ore por eles. Doutrine-os diariamente. Ajude-os a regenerarem-se. Transforme-os em irmãos agradecidos. Liberte-os dos laços que os prendem a você, para que, finalmente, você também possa liber-

tar-se, definitivamente, do vício que o degrada perante sua consciência! E agradeça a Deus, a misericórdia de suas graças que através do trabalho dos Espíritos — seus mensageiros envia o socorro certo na hora certa!

## Da Interferência do Perispírito na Patologia Humana

Mais do que uma hipótese frutuosa, a existência do corpo transcendental, *fac-símile* semimaterial do corpo carnal, é imperativa imposição da Razão na solução de problemas psicológicos, parapsicológicos e fisiopatológicos, que desafiam, até hoje, certas teorias capengas acolhidas nos círculos científicos. E o mais importante é que, sem repudiar nenhuma verdade cientificamente demonstrada, a presença do corpo astral na composição da personalidade humana, abre novas e deslumbrantes perspectivas aos investigadores do futuro, podendo revolucionar sobretudo a Medicina.

Conhecido desde épocas muito primitivas pelos “iniciados” de diversas religiões, percebido, pelos “videntes”, no fantasma dos mortos, e, nos casos de “desdobramento” e de bi-corporiedade, no fantasma dos vivos, esse corpo espiritual, com a denominação de perispírito, assumiu enorme significação na Doutrina Espírita, máxime depois da comprovação científica da materialização de Espíritos.

De fato, de acordo com a teoria espírita, o perispírito, que reproduz exatamente a forma do corpo físico, e que, durante a vida terrena, pode libertar-se, momentaneamente, no sono normal, no êxtase místico, no sonambulismo,

espontâneo ou provocado, e no transe mediúnico; e, exteriorizado do corpo, não só ser “visto” pelos “videntes” como, até, fotografado em chapas de grande sensibilidade, — o perispírito — repito — é complexo campo de forças electromagnéticas, que, sobre servir de instrumento de ligação entre o Espírito e a Matéria, é precioso gravador de todas as manifestações da Mente, além de ser a fonte primordial da energia vital, que comanda o dinamismo celular no domínio fisiológico.

Como se vê, porque registra manifestações mentais, o perispírito interfere nos fenômenos psicológicos; e porque regula o “turbilhão vital”, como diziam os antigos vitalistas, o perispírito não só controla a saúde, como condiciona a duração da encarnação terrena. Que participa das manifestações da Mente é fato comprovado nos casos em que, estando o cérebro em péssimas condições fisiológicas, mais intensas, e mais ricas, são as manifestações psicológicas. Exemplo: o indivíduo, ou porque tentou enforçar-se, ou porque teve a pique de afogar-se, no período que antecede à perda de consciência, quando a taxa de oxigênio sanguíneo ficou muito reduzida e o cérebro, cujas células são ultrasensíveis às menores oscilações do valioso gás, está em regime de asfixia, inteiramente incompatível com o funcionamento fisiológico, o afogado ou o enforcado adquire, via de regra, notável exaltação das faculdades mnêmicas, de tal forma que o moribundo, em segundos, recorda-se de mil episódios, inteiramente esquecidos, alguns insignificantes, ocorridos nas primícias de sua existência! Fatos, portanto, que, normalmente, com o cérebro oxigenado e em perfeitas condições funcionais, não poderiam jamais ser evocados, e, que, não obstante, foram recordados precisamente na ocasião em que as células nervosas cerebrais estavam semi-asfixia-

das! E mais — fatos que estavam, muitas vezes, de todo em todo esquecidos, e, a despeito disso, salvo o moribundo, passada a fase de inconsciência, permanecem em sua memória, vivos e palpitantes, como se houvessem ocorrido recentemente!

Ora, analisado à luz dos conceitos da fisiologia nervosa, não há explicação racional para o fenômeno. Todavia, admitida a hipótese de que o perispírito registra as manifestações da mente, e que é, por conseguinte, o verdadeiro repositório da memória; aceito, também, que, nos estados intensamente emocionais, o perispírito tende a exteriorizar-se, conforme comprovam as investigações da Sociedade de Pesquisas Psíquicas, de Londres; aceito, ainda, que durante a exteriorização do corpo espiritual, ampliam-se as faculdades do Espírito e, até, aparecem outras, desconhecidas no estado normal, consoante se verifica no êxtase, no sonambulismo e no transe mediúnico, estados em que, dentre outros, podem surgir fenômenos de clarividência, com “visão” de fatos sucedidos a distância, ou um com “autoscopia” dos próprios órgãos internos do corpo do “vidente”, órgãos que se lhes tornam visíveis como se estivesse a funcionar dentro dum recipiente de vidro; aceito tudo isso, claro se torna que, no exemplo focalizado, a evocação do passado não se originara dum cérebro asfixiado, mas dum perispírito libertado momentaneamente das células cerebrais e podendo vibrar numa faixa mais extensa, de molde a devolver à consciência fatos desde muito esquecidos. E mais — reproduzindo vibrações correspondentes aos fatos rememorados, novamente o perispírito imprimiu nas células cerebrais imagens mnêmicas que já haviam sido apagadas pelo desgaste material do metabolismo dos neurônios. Explica-se assim, por que, em situações periclitantes para a vida, quando o

cérebro está privado de oxigênio, surgem manifestações psicológicas de maior profundidade do que quando as condições são normais. Na verdade, somos forçados a admitir que os fenômenos psicológicos se desenrolam em dois cenários — um, condicionado ao sistema nervoso, e, particularmente, ao cérebro; outro, adstrito ao corpo espiritual ou perispírito, onde, ao lado das faculdades normais do Espírito eterno, estão preservadas faculdades supranormais, pouco utilizadas durante a vida terrena, mas imprescindíveis à vida do Além. E, de fato, se a memória, por exemplo, fosse apanágio da massa encefálica, morto o corpo, morta estaria a personalidade humana, de vez que, desmemoriado, o Espírito, ainda que sobrevivesse, não se identificaria a si mesmo, tanto se lhe dando existir como não existir, pois não teria consciência de sua existência!

Obrigado a restringir o tema pela limitação do tempo, atenho-me ao campo da memória, para mostrar, que esta faculdade, com efeito, não é propriedade da matéria, não pertence ao cérebro, embora a memória normal, pragmática, esteja ligada ao funcionamento cerebral, no estado de vigília e durante a vida terrena, perdurando, porém, mais ampla, e muito mais fiel, no perispírito do Espírito que se libertou do corpo carnal para ingressar no “outro mundo”.

Refiro-me ao caso dum cliente, que, me foi trazido de São Paulo, com grave amnésia e com o diagnóstico de esclerose cerebral, feito, dentre outros mestres, por renomado professor de faculdade daquela capital. Embora idoso e hipertenso, discordei do diagnóstico, atribuindo a falta de memória a séria perda de energia do perispírito, que, como acabo de afirmar, é o verdadeiro depositário das experiências, dia a dia, vividas por todos nós. Partindo, pois, dessa convicção, convidei a família para levá-lo à Socieda-

de de Estudos e Pesquisas Espíritas — SEPE, onde, com “passes” e água fluidificada, mais fácil se tornaria a recomposição do perispírito esgotado. Embora católico, não houve resistência a vencer, de vez que o paciente não estava reconhecendo a filha que o levou ao consultório, e nem, sequer, se recordava do próprio nome! Levaram-no à SEPE a filha e um filho, médico. E, contra minha própria expectativa a prova não tardou. Incorporado em minha esposa, que nada sabia a respeito, um Guia Espiritual explicou que a perda de fluidos foi causada por tremenda decepção — a falência dum amigo a quem havia emprestado, em segredo, certa quantia, sentindo-se, depois, culpado diante da esposa, que não fora consultada. Ninguém sabia do caso. Nem os parentes ali presentes. Sem embargo, colocado na “corrente” da mesa, todos de mãos dadas, mal se beneficiou dos fluidos dos médiuns, o paciente recobrou a memória, reconhecendo os parentes e confirmando tudo que a seu respeito fora dito pelo Protetor da SEPE. Contudo, mal fora “desligado” da corrente, esvaiu-se-lhe a memória, voltando à amnésia primitiva. Aproveitei a oportunidade para chamar a atenção do colega para o fato. Se fora a esclerose cerebral, cujas lesões são irreversíveis a verdadeira causa da amnésia, nunca poderia ocorrer tal fato. Todavia, por ser proveniente do enfraquecimento do perispírito, bastou reforçá-lo momentaneamente, com a radiação do perispírito dos médiuns ali reunidos em “corrente”, para que, incontinentemente, se lhe restabelecesse a memória, permanecendo normal, enquanto o paciente esteve sob a radiação do perispírito dos médiuns! Donde se infere que a memória é, de fato, propriedade do perispírito. E como, além disso, o perispírito é um campo electromagnético, que orienta a dinâmica celular de todo o organismo, é fácil compreender que, alterando o perispírito,

inúmeras alterações se podem processar no organismo inteiro, afetando não só o psiquismo como o corpo somático.

Psiquismo e corpo somático, que também podem ser afetados, por intermédio do perispírito, pela radiação mental dos seres encarnados, no hipnotismo, e dos seres desencarnados na chamada atuação espiritual — fato que, por si só, revoluciona a patologia médica, sobretudo no capítulo das doenças mentais.

Vale relatar que a este paciente lhe prescrevi o passeio no ar da madrugada e assistência às reuniões da SEPE, para receber da corrente de médiuns as energias que lhe restauraram assim o perispírito, voltando equilíbrio de sua saúde ficando completamente curado.

Todavia, como todo progresso científico esbarra contra o preconceito dos que se julgam detentores da verdade total, aguardemos, pacientemente, a evolução da humanidade para que se processe a revolução da Medicina, com as contribuições trazidas pelo Espiritismo.

## O Mundo numa Encruzilhada

Há quase dois mil anos, encarnou na Galiléia um Espírito perfeito, portador de ampla faixa de revelação divina, na qual se destacava o amor ao Criador e a confraternização mundial. Incompreendido pela sublimidade de seus ensinamentos, que se entrechocavam com o prosaico utilitarismo de seus contemporâneos, Jesus não completou sua gloriosa missão porque foi injustamente crucificado.

Com o extemporâneo massacre do excelso Mestre, o proselitismo ficou circunscrito a pequeníssima parcela do globo e, descontando os que o acompanhavam em busca de “milagres”, o número de discípulos jamais ultrapassou de uma dúzia ou pouco mais; os restantes foram exploradores da caridade.

Entretanto, se a humanidade se houvesse persuadido da veracidade dos divinos mandamentos propalados por Jesus, o mundo atual não estaria subvertido por inconcebíveis crimes, nem por superlativo egoísmo. Ao contrário, generalizado sentimento de bondade, com mútua cooperação entre os homens, teria prevalecido neste mundo. Os pobres estariam menos miseráveis e famintos e os ricos menos escravizados ao dinheiro e mais liberais no amparo aos

desafortunados. Todos lembrar-se-iam do convite do Mestre dos Mestres: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento”; e mais — “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Mas não termina aqui a recomendação do Mestre galileu. Ele acrescenta: “Perdoai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos odeiam; bendizeis os que vos maldizem; orai pelos que vos caluniam...” Em síntese: “Como quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles”.

Como se vê, neste contexto luminoso, há um roteiro maravilhoso capaz de soerguer, em pensamento, até ao Criador, não só os Espíritos encarnados como os Espíritos desencarnados, que habitam e laboram em nosso planeta. E não é só: os valiosos ensinamentos aqui contidos e ratificados por Jesus se forem cultivados com a máxima sinceridade, podem vincular, com amor, não somente os Espíritos encarnados e os Espíritos desencarnados, entre si, como também unir, por indissolúvel amizade, os Espíritos encarnados com os desencarnados e vice-versa. Seria a confraternização de todos os Espíritos, providos ou não de corpo físico. Vale dizer que a paz e o amor estariam definitivamente implantados na Terra, para maior glória de Jesus, o semeador de verdades divinas.

Contudo, para que tamanha felicidade abranja todo o nosso planeta, urge que os homens lutem pela conquista de virtudes morais e sectários de todas as religiões e seitas façam constantes orações ao Criador e aos Espíritos Superiores, sábios conhecedores das leis divinas, que regem toda a Natureza e eminentes conhecedores das leis morais que comandam o destino humano. Onde se colhe que os grandes Mestres, como Jesus de Nazaré, sempre puderam interferir nos fenômenos cósmicos, como modificar o destino

traçado para determinada encarnação e, até, cortar a encarnação, se, de queda em queda, o Espírito encarnado estiver retroagindo no destino traçado pelos Senhores do Carma, fato que importa na atração do Espírito para um plano pior do que aquele em que se encontrava antes de encarnar. É para evitar o fracasso e abreviar a evolução, com o remorso dos inúmeros erros cometidos, que o Mentor, por determinação dos Senhores do Carma, despoja seu protegido do corpo físico e leva-o, como corpo espiritual, para efêmero plano purgatorial. Todavia, logo que o mereça, o castigado é levado para planos gradativamente superiores, até que, por sua dedicação às tarefas que lhe foram dadas e pela conquista de valores morais, obtenha nova encarnação, na qual, com vaga reminiscência do passado, será mais precavido.

Contudo, com primazia sobre as questões doutrinárias, urge o concurso de todas as religiões e seitas no sentido de melhorarem espiritualmente seus sectários, antes que o planeta seja destroçado pela perversidade de seus habitantes, máxime pela ambição de seus governantes!

Como se infere, nas atuais conjunturas do mundo, o problema exponencial é a reforma moral do homem. Com ela, o mundo melhorará e permanecerá; sem ela, o planeta deteriorar-se-á e metamorfosear-se-á com imersão parcial ou total de continentes e emersão da Atlântida e de outros territórios submarinos. Isso equivale a afirmar que a maior parte da população do Globo, exatamente aquela que, de longos séculos, recalcitra contra Deus e repele todo esforço em prol de seu auto-aperfeiçoamento, desencarnará aos milhões, permanecendo, exclusivamente, os que merecem evoluir paralelamente com as próximas ciclópicas transformações da Terra!

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Dr. Penna Ribas

182

## É Hora de Rezar

Em verdade, todos nós somos devedores da Justiça do Criador; e é da lei que paguemos, até o último centavo, a dívida moral de nossas iniquidades e os malefícios causados aos nossos irmãos.

Sem embargo, para maior clareza da Lei de causalidade moral, que rege os destinos humanos, admitamos, como hipótese de trabalho, que você, leitor amigo, no decurso de suas sucessivas encarnações, haja errado reiteradamente, por intermédio da visão, seja cobiçando a mulher do próximo, seja furtando valiosas jóias, seja surrupiando diferentes valores; por via da audição, escutando indecorosas pornofonias; pela fonação, conspurcando a palavra com intrigas soezes e calúnias ignominiosas; e, pior ainda, ambicionando descontroladamente tudo que vê, a ponto de não hesitar em cometer um crime!

É justo, pois, que noutra encarnação o faltoso venha privado dos órgãos que se lhe foram dados para seu aperfeiçoamento moral e intelectual; e que, na hipótese em tela, o pusilânime teria utilizado para a degradação de seu Espírito!

De resto, torturado, por tempo indeterminado e por indefinível remorso, o culpado convencer-se-ia de que a única maneira de ressarcir a dívida contraída com a Justiça de Deus, seria arrostar, uma a uma, encarnações nas quais ficaria privado, talvez desde o nascimento, dos maravilhosos órgãos ultrajados pela tibieza de seu Espírito.

De toda sorte, leitor amigo, o sofrimento de hoje será o salvatério para as próximas existências. Donde se infere que o Criador faz justiça com amor, visando à felicidade de suas criaturas.

Contudo, não há termo de comparação entre a cegueira do corpo físico, efêmera provação terrena, e a cegueira do Espírito, de prolongada duração e acicatada por torturantes padecimentos!

Lembre-se leitor amigo, da advertência de Jesus: “Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti... Se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti...” (Mt.V, 29-30).

Como é evidente que ninguém tropeça com os olhos, nem com as mãos, subentende-se que o Mestre quis dizer “errar” com os olhos ou com as mãos, esquecendo-se dos pés. Mas como, perante Deus, a mutilação voluntária de uma obra perfeita, como é o corpo humano, seria verdadeiro crime, é evidente que Jesus, obrigado, pela coação do Sinédrio, a falar por parábolas, pretendeu avisar aos discípulos que faltas graves praticadas por intermédio de órgãos que dão ensejo à sensação ou à percepção do meio ambiente redundam, em futura encarnação, na privação dos referidos órgãos, como na hipótese aqui aventada.

Dirigindo-me diretamente aos leitores que sofrem e buscam consolo, devo advertir que se você, meu irmão, é paralítico, nunca blasfeme nem se revolte contra o destino

que a Justiça de Deus lhe concedeu. Essa atitude só agravaria sua provação, atraindo para junto de si Espíritos revoltados contra Deus. Ao contrário, agradeça a Deus a oportunidade que Ele lhe deu de redimir, pela privação de um membro, erros do passado. Implore a Deus que conceda ao seu Mentor forças para ampará-lo, dando-lhe paciência, coragem e resignação para vencer a provação. Numa palavra: vença, vencendo-se, abraçado ao seu Mentor, intérprete da vontade do Criador!

Por outro lado, se você, meu irmão, tem perfeitos os órgãos da locomoção e goza saúde, não se esqueça de agradecer a Deus tantas dádivas, pois nesse mesmo instante, milhares de irmãos estão imobilizados no leito ou torturados por doenças incuráveis!

Além disso, tal qual está ocorrendo atualmente em nossa Pátria, milhares de compatriotas, desabrigados por borrascas, vendavais e caudalosas enchentes, têm suas vidas ameaçadas e sofrem cruéis privações!

Para esses, todos os brasileiros, sem exceção, têm o dever de rezar, implorando ao Todo-poderoso que permita que os Espíritos de imensa hierarquia que controlam, de acordo com as leis naturais, os fenômenos meteorológicos e fluviais, amainem as intempéries! E, se houver uma “corrente de fé”, de Norte a Sul, o trabalho dos Espíritos a serviço do Criador não tardará a manifestar-se esplendorosamente!

Dessa forma, a “provação coletiva” de Espíritos reunidos nos pontos que deveriam ser atingidos pela calamidade, em pagamento de graves erros cometidos no passado, quiçá, no passado longínquo, será suavizada pela Misericórdia de Deus e pelo amor fraterno dos conterrâneos, convictos do valor da intervenção dos Espíritos desencarnados nos fenômenos naturais, como explica o Neo-espiritismo!

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Dr. Penna Ribas

186

## A Bonança não Tardará!

O brasileiro é, antes de tudo, um forte — afirmou Euclides da Cunha.

Parodiando o consagrado autor de *Os Sertões*, direi eu — o brasileiro, a despeito de tudo, ainda é um bom. Com efeito, não obstante notar-se exacerbada crueldade marcada por crimes hediondos, por bárbaros assaltos e por seqüestros planejados com revoltante covardia, o Brasil, apesar de propender para generalizada depravação, com ostensivo erotismo, não se emparelhou, por enquanto, mercê da misericórdia divina, a outras Nações tidas e havidas como supercivilizadas e tremendamente poderosas.

É incontestável que, nas derradeiras décadas, tornou-se evidente que, em contraste com a precocidade de grande número de crianças, as quais, com admirável autodeterminação, interferem em problemas que outrora eram apanágio de adultos, atuando, inclusive, com pasmosa desinibição, em programas de TV, os adultos se desvalorizaram, porque perderam a noção de civilidade, de urbanidade e, até, de cavalheirismo!

Não se dá mais a vez a uma mulher, mesmo grávida, enferma ou idosa. Que viaje em pé ou se arranje como puder!

De resto, na rua não se pede licença para avançar — estuga-se o passo, empurra-se o obstáculo moroso e, não raro, vomita-se-lhe nauseabundo palavrão. E se houver reclamação contra a asquerosa pornofonia, não haverá tolerância; nem piedade: um balaço estilhaçará o crânio do moralista!

Assim está a vida. Não há segurança na rua. Nem no lar. E os pais permanecem angustiados enquanto os filhos não regressam. É a luta da vida acoplada à luta para não morrer!

Por que tamanha calamidade no Brasil, Nação privilegiada, que, no decurso de sua história, tornou-se extenso Império, proclamou sua Independência, implantou a República e, além das rebeliões estaduais, fez duas revoluções federais, tudo ou quase tudo sem derramar sangue de seus filhos?

Sociólogos e psicólogos, contemplando os problemas de ângulos diversos, tirarão ilações e apontarão diferentes hipóteses. E, com indulgência dos sábios, também quero opinar no que tange ao panorama moral de minha Pátria, o qual atribuo à falta de convicção religiosa.

Quanto a mim, fui um felizardo. Além da leitura de inúmeras obras, algumas raríssimas, que me deram sólida cultura filosófico-religiosa, aprendi a verdade divina através de centenas de mensagens mediúnicas colhidas, durante duas décadas, dos lábios de minha primeira esposa — por que não dizer? — complementadas, posteriormente, pela psicofonia da segunda esposa, tudo reforçado freqüentemente, durante o sono, com a exteriorização de meu corpo espiritual, para receber instruções ou para cumprir missões. De modo que jamais poderia duvidar da sobrevivência do Espírito, com a conservação do corpo espiritual e aparente morfologia do corpo físico. Aliás, como explica o Neo-espiritismo, o corpo espiritual, em dadas circunstân-

cias, conserva não só as sensações fisiológicas como as patológicas do corpo que morreu — sensações que terão duração proporcional à hierarquia do Espírito desencarnado, mas que, de toda maneira, não desaparecerão totalmente até o momento da preparação para a seguinte encarnação! Mais claro: pagas as dívidas morais “até o último centavo”, desaparecem as sensações mórbidas e algumas desnecessárias à vida espiritual, como a sede, a fome, etc.; permanecendo, porém, as sensações inerentes à vida nos diferentes planos espirituais.

Na verdade, a maioria dos Espíritos desencarnados continua a lutar e a sofrer na superfície do planeta; e como ignoram a lei do progresso e a de causalidade moral, revoltam-se contra Deus e são atraídos, por afinidade de sentimentos, para planos infernais, onde se purgam durante anos! A salvação é o arrependimento, com retificação do comportamento, qualquer que seja a religião praticada.

Em síntese, as mais vis paixões estão conspirando o mundo e dando campo a Espíritos desencarnados “caçadores de fluidos” — Espíritos que, para captarem energias vitais e renovarem as sensações da vida carnal, lutam pela sintonização com os baixos sentimentos dos homens, arrastando-os à degradação moral e ao desequilíbrio mental! Rebelados contra as injustiças sociais, a displicência dos progenitores e a falta de amor fraterno, o qual, quando legítimo, como nô-lo ensinou Jesus, é o mais puro e desinteressado, os jovens carecem, com urgência, duma filosofia religiosa decalcada em fatos irretorquíveis, que os conforte espiritualmente e lhe fortaleça o ânimo na luta pelo aperfeiçoamento, que é, sem dúvida, o autêntico roteiro para a conquista da felicidade, estejam eles encarnados ou desencarnados.

Sem embargo, se o leitor acreditar em mim, inicie, hoje mesmo, o roteiro para conquistar saúde para o corpo e paz para o Espírito. Antes de levantar-se e antes de deitar-se, implore a Deus permita que o seu Mentor — Espírito evoluído, que aceitou a árdua missão de supervisionar seu destino durante a atual encarnação lhe dê forças para, diariamente, eliminar um defeito e conquistar uma virtude. Se assim proceder, a bonança não tardará!

## A Face Oculta do Voto

Numa atmosfera de ansiosa expectativa, aproxima-se, dia a dia, a data da escolha, em pleito direto, de integrantes do Senado, da Câmara Federal e das Assembléias Legislativas Estaduais de nossa Pátria.

Sem embargo, para maior incremento material e maior progresso moral do Brasil, urge advertir os incautos, os displicentes e, principalmente, os interesseiros, que o voto, fulcro da democracia, jamais deverá servir de instrumento para barganhas indecorosas, nem para conchavos mesquinhos, nefastos aos alevantados interesses da Nação, à frente da qual se encontra autêntico estadista.

De toda forma, o bem do País deve sobrepairar muito acima de egoísticas reivindicações. Na verdade, ao votar, o eleitor não está apenas cumprindo um dever cívico — está testando sua consciência moral e testemunhando sua solidariedade ao bem-estar da comunidade, à qual ele deve, se não tudo, pelo menos, o melhor do que ele é. Sozinho, isolado de tudo, e de todos, o cidadão certamente seria pouco mais do que zero. Daí, a sua dívida de gratidão à comunidade e o seu dever de fraternidade aos compatriotas.

Aliás, o homem, que, em última análise, nada mais é, comparado aos infinitos atributos de seu Criador, senão imperfeitíssimo Espírito em eterna evolução, provisoriamente encarnado para ressarcir dívidas morais contraídas em anteriores encarnações e saldar, ao mesmo passo, erros cometidos durante a presente encarnação, o homem, sempre que regressa à reencarnação terrena, é portador de três gêneros de compromissos indeclináveis. O primeiro diz respeito a si próprio. Para conquistar o maravilhoso microcosmo que é o corpo físico, o Espírito desencarnado, o qual, via de regra, está em um dos planos purgatoriais ou, pior ainda, em um dos planos infernais organizados em nosso planeta, implora a misericórdia de nova encarnação; encarnação que, além de lhe propiciar o esquecimento das faltas e, até, dos crimes cometidos na última encarnação e, dessa forma, aplacar-lhe o terrível remorso que lhe corrói a consciência, dá-lhe novas oportunidades de reabilitação perante a lei de causalidade moral, que comanda, indiscriminadamente, o destino de todos os Espíritos, estejam eles encarnados ou desencarnados, de vez que todas as existências de um mesmo Espírito são solidárias entre si e a meta final é a perfeição, com indescritível felicidade!

Donde se infere que o mais importante dever do homem é zelar pelo seu auto-aperfeiçoamento moral e, se for permitido por Deus, pela sua cultura intelectual. Entretanto, sem humildade, resignação, paciência e permanente vigilância, o homem, quase sempre orgulhoso, vaidoso, egoísta e ambicioso, esteja encarnado ou desencarnado, marca passo em seu progresso. Por isso, Jesus, o iluminado profeta nazareno, já concitava os discípulos: “Orai e vigiai”.

O segundo grande compromisso do homem perante as leis divinas é o amparo moral e, se possível, o auxílio material aos seus semelhantes. Depois da adoração a Deus, este foi, para Jesus, o mandamento prioritário. Por isso, depois de ter mandado amar a Deus “de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento”, Jesus acrescentou: “Amai ao próximo como a vós mesmos” e “amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem”.

Em consonância com Jesus, um grande brasileiro, de caráter sem jaça, fulgurante inteligência e cultura enciclopédica — Ruy Barbosa — afirmara em oração eloqüentíssima: “Amigos e inimigos estão, a amiúde, em posições trocadas. Uns querem mal e fazem bem. Outros almejam o bem e nos trazem mal”. “De sorte que, no perdoar aos inimigos, muitas vezes não vai somente a caridade cristã senão também justiça ordinária e reconhecimento humano”.

Eu de mim, já desobrigado da profissão médica, na qual, durante 50 anos, servi como sacerdote, renovando minhas energias vitais com a alegria das curas que obtive, mercê de Deus e graças à proteção de Espíritos boníssimos, outrora luminares da terapêutica criada pelo gênio de Samuel Hahnemann, não tenho, com os artigos que doravante, escreverei, nenhum objetivo senão estimular a correção da juventude transviada, consolando-a, e fortalecer a confraternização entre todos os brasileiros.

Para terminar, deixo explícito que o voto tem um lado oculto aos sentidos humanos, mas que não se esconde à consciência do votante, nem foge à justiça do Criador! É dever irremovível de cada cidadão votar nos melhores candidatos, isto é, nos mais experientes e conhecedores dos problemas nacionais, porque o que está em jogo é o futuro do Brasil!

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Dr. Penna Ribas

194

## Paz e Amor

Poucos dias decorreram depois que a cristandade re-memorou a vida gloriosa e a morte horrorosa do maior Instrutor da humanidade, que, até hoje, encarnou na Terra.

Como sempre, houve fausto e festas. Muitos trocaram presentes consentâneos à Páscoa. Outros, em maior número, rodopiaram e tremelicaram, em danças frenéticas, ao som de músicas estrepitosas. De resto, não há conta dos que comeram e beberam em extravagante homenagem a Jesus, que aliás como Grande Iniciado aos Mistérios do Reino de Deus, à maneira de seus iniciadores, os essênios, não bebia senão água e alimentava-se frugalmente em regime rigorosamente vegetariano.

Não obstante a apoteose promovida ao Mestre dos Mestres, quantos meditaram acerca da luta titânica que ele arrostou para derrocar arraigados preconceitos e exaltar a fraternidade universal? E dessa luta hercúlea levada a cabo com obstinação e comovente bondade em favor dos pobres, dos enfermos e dos sedentos de consolo, que frutos colheu a empedernida humanidade terrena? Quantas criaturas, até hoje, seguiram humildemente as pegadas de Jesus? Quantos indivíduos lhe consagram verdadeiro amor e sin-

cera gratidão pela admirável doutrina que nos legou e também, pelos edificantes exemplos que nos deu? Quantas pessoas, agradecidas, rezam em favor de Jesus, suplicando ao Criador que lhe dê forças para completar, por intermédio das religiões que o veneram, a grandiosa missão de unir todas as criaturas pelo amor e que injustíssima e cruel crucificação interrompeu? Poucas, talvez pouquíssimas!

Em contradição, quantas criaturas, sem prévio exame de consciência, sem pesar seus méritos e deméritos, apelam constantemente para Jesus, com o fito de obterem bens materiais e outras futilidades? Mas se esquecem da lei de causalidade moral pela qual cada um recebe de acordo com seu comportamento moral. É lei divina, que nem Jesus poderia transgredir.

Além disso, tais criaturas fingem ignorar que Jesus, para incrementar seus maravilhosos poderes mediúnicos, renunciou a tudo, vivendo na Terra sem viver para a Terra.

Com efeito, Jesus não se limitou a renunciar somente ao dinheiro e aos bens materiais — renunciou, outrossim, ao sexo! E, quando um moço rico, depois de interrogá-lo como deveria proceder para conquistar a vida eterna, mostrou desejo de tê-lo como Mestre, Jesus foi peremptório: “vende tudo que possuis, distribui o dinheiro com os pobres, e, depois, volta para acompanhar-me.” É excusado dizer que o rico sumiu.

Em relação ao sexo na iniciação essênica, Jesus foi taxativo: “Há outros que a si mesmo se fizeram eunucos por causa do reino dos céus”.

Sem embargo, para ser discípulo de Jesus, não é indispensável tamanha renúncia, nem tão rigorosa abstinência sexual. O essencial é a adoração ao Criador, o amor ao próximo e o esforço de cada um para aperfeiçoar-se moral-

mente. Mas é mais que provável, é certo que nunca, como presentemente, as diretrizes formuladas por Jesus foram tão imprescindíveis à reformulação do comportamento não só dos Espíritos encarnados como dos Espíritos desencarnados, os quais, ordenados em imensa hierarquia, interferem para o bem ou para o mal, consoante sua evolução espiritual, em nossos atos e ações.

Como se infere, a Terra não é apanágio dos Espíritos encarnados, de vez que abriga duas humanidades, uma visível, outra invisível, porém atuantes. De modo que o comportamento dos Espíritos encarnados é, a miúdo, reflexo da atuação dos Espíritos desencarnados e, portanto, invisíveis. Contudo, como a mútua atuação dos Espíritos encarnados e dos Espíritos desencarnados depende da afinidade dos sentimentos, se os Espíritos que estão dotados de corpo físico libertarem-se, pela oração e pela correção, do jugo de seus invisíveis algozes, o panorama social de nosso planeta modificar-se-á inteiramente. Ao invés de guerras, assaltos, seqüestros, agressividade generalizada, angústias torturantes e desespero geral, haverá veneração ao adorável profeta da Galiléia, harmonia entre todos os Espíritos, encarnados e desencarnados, além da paz e amor entre todos os habitantes da Terra!

A SEPE disponibiliza os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Esta obra foi composta em Gill Sans MT 12.  
Utilizou-se no miolo papel offset 90 gr.m<sup>2</sup>  
e na capa cartão supremo 250 gr./m<sup>2</sup>.

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

A SEPE disponibiliza os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Impressão:

**Gráfica Falcão Ltda.**

Rua Saldanha Marinho, 219

Centro Niterói RJ

Tel/Fax: (21) 2719-4977

[www.graficafalcao.com.br](http://www.graficafalcao.com.br)